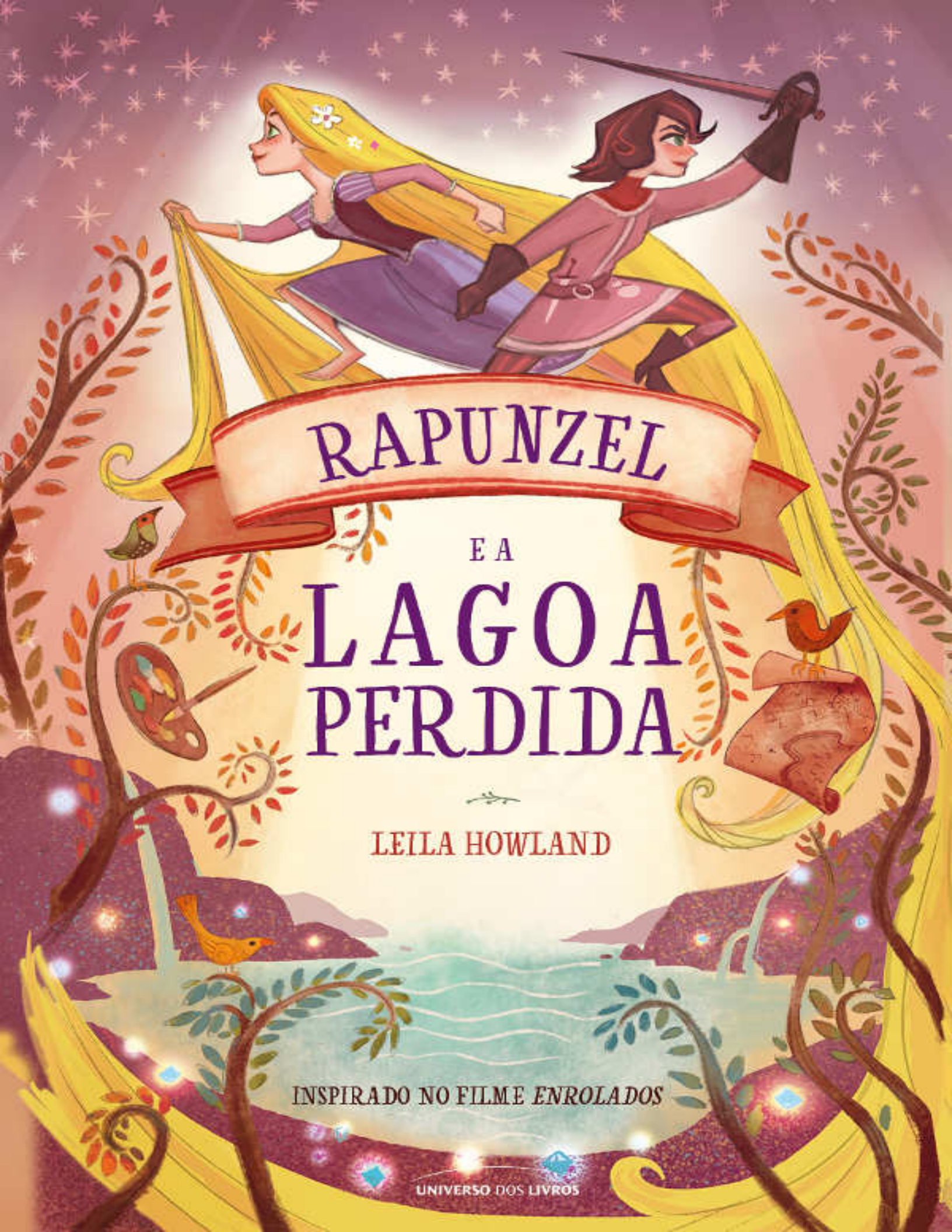
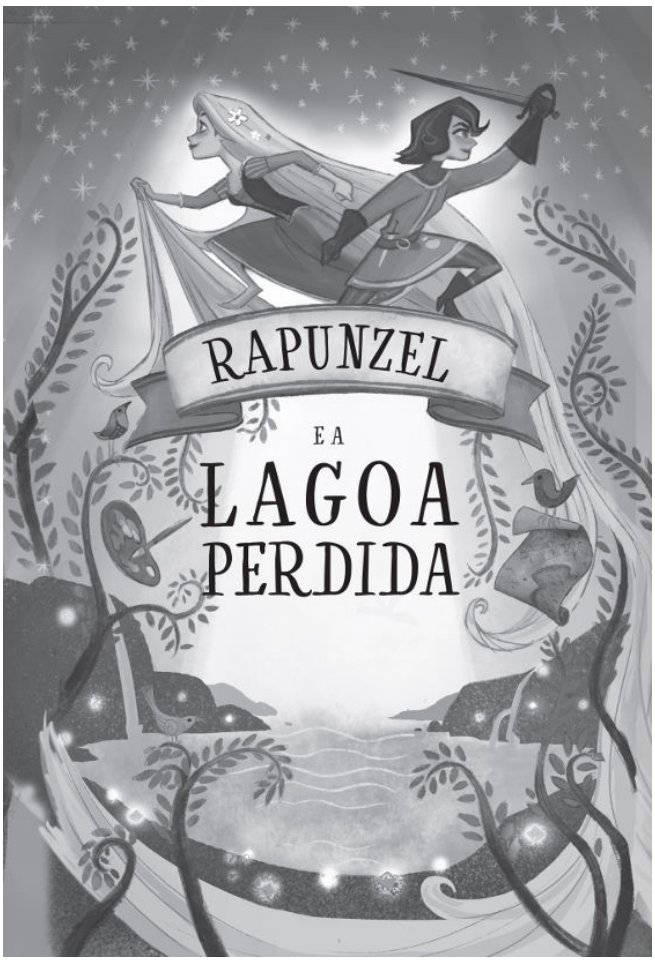
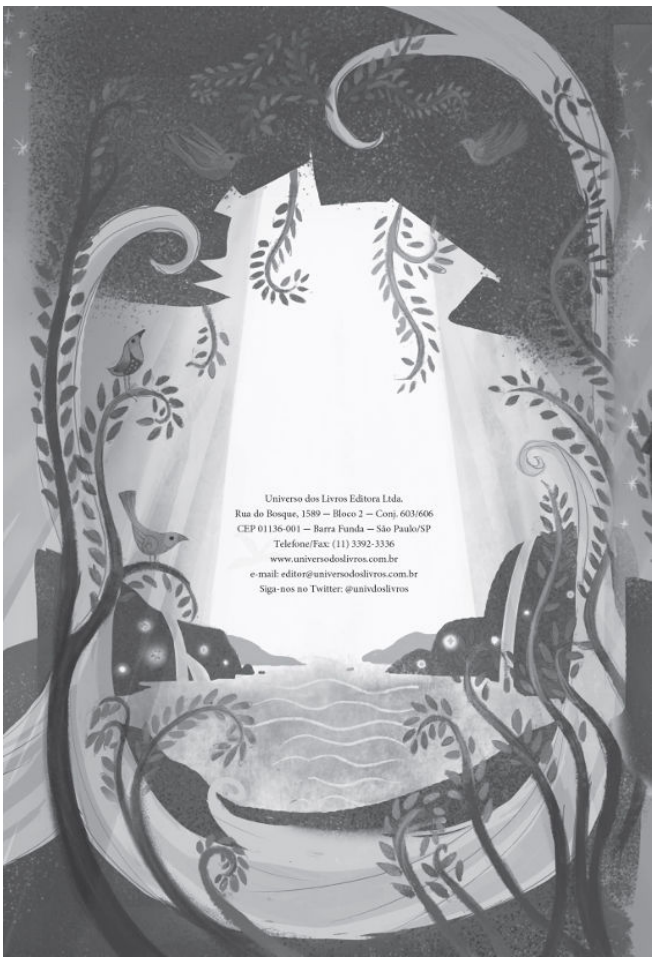

RAPUNZEL
E A
LAGOA PERDIDA
LEILA HOWLAND
INSPIRADO NO FILME *ENROLADOS*
UNIVERSO DOS LIVROS


RAPUNZEL
E A
LAGOA
PERDIDA



Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

LEILA HOWLAND

RAPUNZEL

E A

LAGOA PERDIDA

São Paulo
2018

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Rapunzel and the lost lagoon
Copyright © 2017 Disney Enterprises, Inc.
Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.
All rights reserved.

© 2018 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**
Editora-chefe: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**
Tradução: **Leonor Cione**
Preparação: **Raquel Nakasone**
Revisão: **Milena Martins e Alline Salles**
Arte: **Aline Maria e Valdinei Gomes**
Capa: **Caroline LaVelle Egan e Kurt Hartman**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

H846r Howland, Leila

Rapunzel e a lagoa perdida / Leila Howland ; tradução de Leonor Cione. – São Paulo : Universo dos Livros, 2018.

288 p. : il.

ISBN: 978-85-503-0318-5
Título original: Rapunzel and the lost lagoon

1. Literatura infantojuvenil I. Título II. Cione, Leonor

18-0419 CDD 028.5

Para Henry, e todas as aventuras que temos pela frente.
— L. H.



PARTE UM



1



RAPUNZEL



—Tudo bem, Pascal. Se eu conseguir subir só mais um pouco, vou ter a vista perfeita para pintar — eu disse enquanto enganchava a perna no galho da árvore.

Se meus cabelos ainda tivessem vinte e um metros de comprimento, eu os usaria para escalar essa árvore e, provavelmente, alcançaria os galhos mais altos em segundos. Mas agora eu tinha que usar as pernas. Pulei, segurei um ramo baixo e, em seguida, me pendurei. Devagarzinho e sem parar, fiquei em pé. Pascal, meu camaleão de estimação — empoleirado no meu ombro e agarrando-se ao meu pescoço por sua vida preciosa —, soltou um pequeno suspiro.

jus

— Está tudo bem, Pascal! Você não está em perigo! E, de qualquer forma, desde quando você tem medo de altura? — provoquei.

Pascal gemeu; afinal, passamos quase dezoito anos em uma torre. Mas, pelo canto do olho, vi seu sorrisinho. Eu me equilibrei no ramo da árvore e alcancei um galho frondoso acima da minha

cabeça. Quando me estiquei, senti que estava vacilando, e Pascal me apertou ainda mais forte.

— Opa! — eu disse, rindo, enquanto cambaleava por um segundo antes de agarrar o galho, com os pés balançando. Pascal uivou. — De jeito nenhum, não vou voltar agora, esperei o dia inteiro por esse momento.

Tinha esperado, de verdade. E tinha me sentido tão deslocada o dia inteiro no meu novo papel de princesa que pintar uma vista inspiradora seria o melhor a fazer, ou assim eu esperava. Meu pai havia instruído os soldados do castelo a me seguirem por toda parte, e eles não ajudavam a sentir-me em casa. Eu fingia que eles não estavam por perto, observando-me à medida que eu subia.

— Uau — falei ao encontrar a vista perfeita. — É lindo!

A paisagem desdobrou-se diante de mim como um sonho se tornando realidade: montanhas ao longe, ondulantes colinas verdes e um rio sinuoso cintilando à luz do sol.

Quando peguei os pincéis e as tintas, Pascal puxou os meus novos cabelos curtos.

— Ah, não! Esqueci o bloco de desenho?

Pascal assentiu. Estava tão focada em sair para o ar livre e pintar que tinha esquecido o papel! Pascal deu a impressão de estar um pouco aliviado e apontou para o chão.

— Tudo bem, tudo bem, mas vamos voltar aqui para cima assim que eu pegar o bloco!

Sentei-me com cuidado no ramo e balancei as pernas sobre a lateral do galho grande. A primeira coisa que vi quando olhei para baixo foram os meus sapatos novos, os que eu tirei chutando o ar, assim que saí do castelo. Eram os sapatos mais desconfortáveis de todos os tempos. Em poucos segundos, o grupo de soldados correu na minha direção, um deles com uma escada debaixo do braço.

— Estou bem! Estou bem! — avisei. — Consigo descer sozinha. De verdade.

— Princesa, não podemos correr nenhum risco — um soldado bem-intencionado disse ao inclinar a escada contra a árvore, enquanto outros dois a seguraram com firmeza.

— Hum, agradeço a opção, mas eu estava mesmo ansiosa para pular — falei com um sorriso.

Antes que eles protestassem, pulei. Pascal fechou os olhos bem apertados quando aterrissei — como sempre, com os pés descalços e fortes.

Era minha primeira semana em Corona e ainda estava me acostumando com todas as mudanças. Ter tantos desejos realizados ao mesmo tempo foi estimulante. Eu tinha pais agora. *Pais de verdade*, que me adoravam e cuidavam de mim! Sem falar no amor sincero de José — o doce e divertido José! Ah, e também havia a minha casa nova: o deslumbrante castelo com torres em formato de merengue e jardins exuberantes. E, mesmo assim, algo estava errado. Faltava alguma coisa. Esperava que a pintura me ajudasse a encontrar o que era essa coisa, ou que pelo menos me ajudasse a terminar a tarde de um jeito feliz.

O dia todo, Friedborg, a dama de companhia da minha mãe, ficou me ensinando as maneiras da realeza. Minha mãe explicou que ela estava me ajudando apenas até que eu tivesse minha própria dama de companhia. Eu não achava que precisava de uma. Até então, eu mesma tinha me ensinado tudo, incluindo astronomia avançada! Mas estava começando a perceber que as princesas têm que fazer as coisas de um jeito diferente.

Mais cedo, Friedborg tinha passado horas me ensinando como sentar de modo adequado. E depois ficamos o resto do dia praticando como abrir uma porta. Queria fazer o meu melhor, mas estava fazendo esforço até mesmo para conversar, já que Friedborg não é exatamente de falar muito.

— Então, imagino que você vai me mostrar como devo me sentar? — perguntei, com um grande sorriso hesitante, quando ela estava na minha frente, apontando para uma cadeira.

Ela acenou com a cabeça de um modo brusco. Em seguida, mudou as saias de posição, moveu os joelhos para um lado e caiu na cadeira como se tivesse perdido a sensação das pernas.

— Assim? — perguntei, mantendo as costas muito rígidas e abaixando a metade inferior do meu corpo como se estivesse completamente desconectada do tronco.

Ela resmungou, franziu a testa, e fez um gesto para eu me levantar.

— Hum, tudo bem — suspirei, imaginando como a ação de me sentar poderia ser tamanha arte. Teria que aprender tudo a partir do zero? A lição do dia seguinte seria sobre como me levantar? E andar? Era desanimador pensar em tudo o que eu precisava saber. Respirei e tentei me concentrar no lado positivo. Talvez Friedborg pudesse ser minha amiga se eu me empenhasse um pouco mais. Decidi começar pelo básico. — Então, do que você gosta mais, baunilha ou chocolate?

Ela olhou fixo para mim por um instante, como se eu tivesse acabado de perguntar algo pessoal demais, como de que cor eram as suas roupas de baixo. *Ah, que coisa*, pensei. *Tenho tanto para aprender!*

Concluí que ela não gostava de conversas informais, então, sem falarmos uma palavra, pratiquei em pé e sentada até meus pés incharem nos sapatos espreme-dedos. Três horas e duas bolhas depois, não só aprendi a sentar-me como uma dama, mas também como fechar uma porta sem nunca virar as costas para o meu acompanhante, e como segurar uma xícara de chá de maneira apropriada. Pascal esgueirou-se para dentro da sala no final do dia e apenas balançou a cabeça, como se quisesse dizer: *O comportamento da realeza é superestimado*. Tive que concordar.

Pulei para o chão e aterrissei com um agachamento e, quando me levantei, nem acreditei nos meus olhos: José estava lá, entregando o bloco de desenho para mim, como se fosse a rosa mais perfeita.

— José, você trouxe o meu bloco! Como você…?

— Conheço você muito bem — José disse com um sorriso. — As tintas e os pincéis não estavam no lugar, então pensei: “Quanto você quer apostar que a minha garota está precisando disso?”.

— Ah, obrigada — eu disse quando ele entregou o caderno para mim. Relaxei, e o calor inundou meu coração. Eu o abracei. Por uma fração de segundo, eu me perguntei se o abraço estava correto, mas lembrei que era José, a pessoa com quem podia ser eu mesma, de verdade. José deu uma olhada para os soldados e eles recuaram — um pouquinho.

— Você está notando alguma coisa diferente? — ele perguntou, dando uma voltinha e fazendo sua pose de “bonitão”, embora não

precisasse. Os afetuosos olhos castanhos de José e o sorriso provocante são irresistíveis a partir de qualquer ângulo.

— Hum — falei, inspecionando. — É a camisa nova?

— Não — ele disse.

— Engraxaram as suas botas? — perguntei.

— Bem, sim, mas não é nisso que eu estava querendo que você reparasse — ele comentou.

— O barbeiro mudou o corte dos seus cabelos? — perguntei. José vinha recebendo cuidados com a aparência dignos da realeza, todos os dias, desde que chegamos ao castelo.

— Está esquentando! — José incentivou, iluminando-se de alegria.

— Hummm — eu disse. — Se você está falando sobre a franja caindo sobre a sua testa de um jeito um pouco mais "caído", então acho que isso realmente não conta como uma *mudança*.

— Como assim, não conta? — José perguntou. — A queda da franja mais perpendicular altera totalmente o formato do meu rosto! Dá um toque de sofisticação, você não acha? A palavra *debonair*, charmoso, vem à sua mente?

— José, você sempre está muito bonito. Agora, que tal ver quem alcança primeiro o topo daquela árvore? — provoquei, desenhando uma linha de largada na terra com o pé.

— Não posso — José disse com um suspiro.

— Por que não? — perguntei, levantando a sobrancelha em desafio. — Está com medo de perder para mim?

— Nunca. — Ele piscou. — Na verdade, seu pai quer que eu repasse o estudo das leis contra criminosos… e as punições por não obedecê-las. Ele diz que é parte da, ãh… educação *formal* que possa estar faltando para mim.

— Ah — comentei, incapaz de esconder o desapontamento.

— Não posso decepcioná-lo — José informou. — Ter meu rosto nos cartazes de procurados durante os últimos anos ainda deixa o seu pai chateado. Você poderia pensar que trazer a princesa perdida para casa me absolveria de tudo isso para sempre, mas… ah, tudo bem!

— Desculpe por essas coisas — eu disse.

— *Desculpe*? Pelo quê? Por me dar a chance de passar o resto da minha vida com você, a minha pessoa mais do que favorita no mundo inteiro? Por compartilhar essa vida de alta gastronomia e infinitos tratamentos de spa? Por me dar uma suíte no castelo? Por me oferecer um futuro como príncipe, sentado ao lado da minha melhor amiga? — ele disse, levantando meu queixo. — Se for preciso, vou estudar requinte e decoro diplomático estrangeiros e as macro e microeconomias. E até mesmo as economias microscópicas.

— Isso existe?

— Acho que não, mas o que quero dizer é que entraria num clube de lavagem de louça ou participaria de uma competição para comer bolo de carne, se fosse preciso, para o seu pai me aceitar. Não poderia estar mais feliz, Rapunzel.

— Que bom — eu disse, mordendo o lábio.

— Você quer subir? — José perguntou, indicando a árvore com a cabeça.

— Tudo bem — respondi, dando um soco no seu braço com delicadeza. — Você sabe que eu amo uma aventura, não importa que seja pequena.

— Vejo você no jantar — ele disse, sorrindo para mim ao virar-se para ir embora.

Observei José voltar para o castelo. Eu me perguntei: por que eu não conseguia ser tão feliz quanto ele? Nós tínhamos tudo que alguém poderia querer. Havia alguma coisa errada comigo? Era quase como na época da torre, em que eu nem sabia que estava sozinha, mas tudo tinha mudado. Sentia os espaços que ficaram vazios dentro de mim por tantos anos e desejava preencher todos eles. Respirei fundo e resolvi me divertir. Afinal de contas, a tarde estava perfeita, e eu era uma garota com um bolso cheio de tinta e um bloco de desenho cheio de papel.

Decidi aproximar-me dos soldados e pedir a eles um momento de privacidade.

— Então, estou em um jardim, com uma muralha grande ao redor… Vocês acham que posso ficar meia hora sozinha?

Eles balançaram a cabeça, negando, mas notei gotas de suor escorrendo por suas testas. Deviam estar assando sob aquelas

armaduras.

— Está uma tarde tão quente — eu disse. — E aquela fonte no jardim principal parece o lugar perfeito para fazer um pequeno intervalo. Talvez mergulhar os pés na água fria? Só vou ficar sentada naquela árvore, tendo um momento calmo de reflexão. Pintar um pouquinho, sabem? Aposto que se refrescar na água faria bem a vocês. Têm certeza de que não podem nem fazer um intervalo curtinho? Eu ficaria feliz em ver *vocês* felizes. — Um deles abriu um sorriso e, em seguida, os outros também. — Vão lá! Vejo vocês daqui a pouquinho. — E eles foram, permitindo-me preciosos momentos de privacidade.

Pascal ficou descansando na sombra debaixo da árvore, e eu voltei rápido para o local com a vista que tinha escolhido. Estava prestes a pegar um pincel quando a vi. Havia uma garota em um pequeno campo escondido. Estiquei o pescoço. Ela tinha um tipo de espada ou algo assim, e estava lutando contra o ar.

Quem era ela?, eu me perguntei.

2

CASSANDRA



Não era fácil lutar esgrima sozinha.

Você pode pensar o contrário porque não há riscos. Dou uma estocada e ninguém recua. Ataco o ar e ninguém responde ao ataque. Não perco, mas também não ganho. Isso tira um pouco da graça. E também tem toda a coisa de imaginar. Tinha que fingir que existia outra pessoa lá. Eu não estava a fim de brincar de jogos de imaginação. Mas como ia praticar para me tornar a melhor? Ou provar que era o meu destino não só fazer parte da guarda, mas também suceder ao meu pai como capitã um dia?

Eu deveria estar costurando com as outras damas da Corte. Um pesadelo. Prefiro recolher estrume de carneiro com uma pá a consertar roupas e fofocar. Encontrei esse lugar escondido uma semana antes de usar os mapas que tenho do antigo sistema de túneis subterrâneos. Ficava a uns cem passos atrás de um dos jardins distantes — perto o suficiente do castelo para que eu pudesse ir lá com frequência, mas afastado o bastante para que eu não tivesse que me preocupar com ninguém me flagrando enquanto eu me esquivava dos deveres.

A esgrima me ajudou a lidar com toda a frustração. Meu pai estava me enlouquecendo.

— Estou pronta para a guarda e você sabe disso — eu tinha falado no jantar da noite anterior. — Só me dê uma chance, pelo menos para experimentar.

— Não — ele dissera.

— No solstício de inverno, você disse que ia considerar o meu pedido — ressaltei, com a boca cheia de ensopado de carneiro.

— Preste atenção nos seus modos — ele disse, tomando outro gole do líquido no cálice. — E, de qualquer maneira, isso foi antes, mas agora é assim. Tudo mudou.

— Por causa dela — eu disse.

— O retorno da princesa perdida é a melhor coisa que aconteceu para Corona — meu pai respondeu. Ele levantou uma sobrancelha. — Com certeza você compartilha da felicidade desse momento, Cassandra. Eu não esperaria menos de você.

— Acho que sim — falei, contemplando a arena pela janela, onde os recrutas mais novos começariam o treinamento formal no dia seguinte. Eu merecia ser um deles. *Aposto que a metade dos recrutas nem sabe segurar uma espada,* pensei, ao mesmo tempo que observava as bandeiras reais flutuarem ao vento. Decidi continuar treinando e trabalhando duro, o quanto aguentasse, para que em breve fosse impossível para o meu pai negar a minha competência.

— Lamento encurtar esta conversa — meu pai disse. A cadeira dele arranhou o chão quando ele se retirou da mesa. — Tenho uma reunião de estratégia no salão principal. Agora que a princesa está de volta, o rei quer que ela esteja protegida pela guarda o tempo todo.

— O quê? — perguntei. — Se algum reino decidir nos invadir agora ninguém sequer notaria, porque a guarda inteira está seguindo aquela garota por aí.

Era verdade. Desde o retorno da princesa, o exército inteiro estava focado em cada movimento de Rapunzel, mesmo que tudo que ela estivesse fazendo fosse comer uma fatia de bolo ou fazer um desejo soprando um dente-de-leão. O rei achava que as nações próximas — Antipe ou, pior ainda, Dionda — não perceberiam que as nossas fronteiras não estavam protegidas? Não perceberiam que o nosso exército estava distraído a ponto da inutilidade por causa de

uma garota gulosa e sua inclinação para louvar ervas daninhas? Se havia uma boa ocasião para atacar Corona, era agora. A princesa, que não era mais uma menininha, apesar da maneira como todos estavam agindo, seria tão ingênua assim? Ela não compreendia o perigo em que estava pondo o reino? Abri a boca para falar, mas o meu pai me cortou.

— Você se esqueceu de que o rei tirou os olhos dela por um instante dezoito anos atrás e ela foi levada? — A voz dele estava uniforme, mas a veia em sua têmpora pulsava.

— Ela era um bebê na época — eu disse.

— Bom, “essa garota” é a princesa de Corona. Você vai ter que conhecê-la algum dia.

Não se eu puder evitar, pensei.

Meu pai lançou um olhar severo para mim, saiu e fechou a porta.

Agora, no meu campo de treinamento, folheei as páginas do manual. O livro, como era natural de se esperar, abriu na página que eu mais lia — aquela com a descrição da Besta Alada, a manobra do guerreiro que garantia a entrada de um aspirante na guarda. O único problema era que é necessário mais do que uma pessoa para dar certo. Ao contrário da esgrima, era totalmente impossível fazê-la sozinha. Suspirei e decidi tentar arremesso de peso. Jogar uma esfera pesada a uma grande distância era um dos primeiros requisitos para fazer parte da guarda, e eu estava planejando bater o recorde.

Levantei o peso, assumi a posição e o joguei mais alto e mais longe do que já tinha conseguido antes.

— Aaaah! — uma voz berrou.

Olhei para cima e vi uma pessoa em uma árvore. Ela desceu depois do arremesso. Mesmo que estivesse a uma centena de passos de distância, senti nos meus ossos que era *aquela garota*.

Rapunzel.

3

RAPUNZEL



De todas as coisas que eu esperava que acontecessem no jardim naquela tarde, ser atingida por uma mini-bola de canhão em mim não era uma delas.

Ao ser lançada na minha direção, a esfera negra aterrissou na grama com um baque e, por meio segundo, eu a encarei de olhos arregalados, fascinada, e em seguida desci da árvore cambaleando para inspecionar o objeto estranho.

— Opa — disse para mim mesma ao pegá-la, sem esperar que fosse tão pesada. Pascal e eu nos olhamos de relance. Ele balançou a cabeça. Era óbvio que também não sabia o que era. — Ela é forte! — eu disse.

Ele concordou com a cabeça. Quando ela a atirou, parecia tão leve quanto uma maçã. Mas isso não era uma fruta! Era um tipo de arma, ou algum objeto esportivo. Eu a enfiei debaixo do braço e, com muito esforço, subi de novo a árvore. Queria mostrar à garota que estava com a sua coisa tipo bola de canhão, mas ela tinha ido

embora. Totalmente fora de vista. Ela era forte *e* rápida *e* misteriosa. Agora eu queria conhecê-la mesmo.

Seja como for, tenho certeza de que ela vai querer isso de volta, pensei.

As chances de encontrá-la eram escassas, mas eu faria o possível. Assim que entrei no jardim principal, os soldados, tão felizes divertindo-se na fonte, apressaram-se a recolocar os elmos. Acenei para eles, contente por ver como estavam revigorados. Eles me seguiram enquanto eu caminhava de volta para o castelo. Lembrei-me de que, do topo da árvore, tivera a impressão de que a garota estava conversando sozinha. E então percebi que eu tinha passado incontáveis horas conversando comigo mesma na torre, e não tinha feito isso nem uma vez desde que chegara em casa. Foi estranhamente familiar ver a garota fazendo isso. *Será que todo mundo conversa sozinho?*, eu me perguntei. *Mesmo quando vivem com outras pessoas em volta?*

Tinha acabado de entrar no salão principal quando vi minha mãe vindo na minha direção.

— Olá, querida — ela disse, radiante, ao aproximar-se.

— Oi, mãe — respondi. Ainda estava me acostumando com a palavra *mãe*. O doce sabor ainda era desconhecido na minha boca.

— Como foi a sua tarde? — ela perguntou. — Gostou da aula de etiqueta?

— Estou fazendo o meu melhor.

— É tudo que posso pedir — minha mãe disse. Colocou o braço ao meu redor e, mesmo que o perfume dela fosse delicioso, algo como jasmim e lavanda, imaginei se ela se sentia tão incomodada quanto eu. Nós íamos continuar andando assim, com a mão dela na minha cintura, ou eu deveria colocar o meu braço ao redor dela também? Parei, tentando descobrir o que fazer. Justo quando eu estava prestes a dar um abraço completo, ela deu um passo à frente e batemos as cabeças.

— Opa! Desculpe! — eu disse.

— Não foi nada — minha mãe disse, esfregando a testa. — Você está bem?

Eu assenti. Ela indicou o corredor com um gesto e começamos a caminhar para o meu quarto.

— Diga, o que você aprendeu? — ela perguntou.

— Aprendi a me sentar, a fechar a porta e a tomar chá — respondi.

— Isso é muito para um único dia. — Sondei o rosto dela para ver se estava brincando, mas não soube dizer.

Ela sorriu para mim.

— Você sabe que pode me perguntar qualquer coisa, não sabe?

— Tudo bem — eu disse. — Por que tenho que aprender todas essas regras? Não posso apenas… ser eu mesma?

— Claro — minha mãe falou. Seu longo vestido sibilou ao virarmos o corredor, passando por um retrato enorme de um dos meus antepassados. Ele parecia estar fazendo cara feia para mim. Talvez se obras de arte mais alegres lotassem essas paredes, esse lugar fosse mais parecido com um lar. Considerei levar a ideia para os meus pais, durante o jantar, de que eu pintasse murais nas paredes. — Nós só queremos que se sinta confortável na Corte — minha mãe continuou. — Afinal, você vai ser rainha um dia. Precisa estar habituada com os costumes.

Senti tontura. Como iria governar um reino se não era capaz nem mesmo de dominar os sete passos de uma reverência?

— O que você tem debaixo do braço? — minha mãe perguntou, apontando para a coisa que parecia uma bola de canhão.

— Eu ia fazer a mesma pergunta para você! — respondi.

— É uma bola de metal maciço, para arremesso de peso, para exercícios de treinamento esportivo e militar. Onde você conseguiu isso?

— Encontrei em um dos jardins externos — eu disse.

— Muito incomum. Ela estava apenas caída por lá?

— Não. Eu estava em cima de uma árvore e vi uma garota que parecia estar praticando com a bola. E depois ela a jogou. Quero dizer, uau! Ela jogou tão longe. Ela é tão forte! — Um sorriso espalhou-se pelo rosto da minha mãe. — Você conhece a garota?

— Cassandra — minha mãe respondeu com um aceno de cabeça.

— Cassandra — repeti. Combinava com ela.

— É a filha do capitão da guarda — esclareceu, o rosto iluminando-se. — É um espírito único: corajosa, leal, extremamente

instruída…

— Você sabe onde posso encontrá-la para devolver a bola? — perguntei.

— Na ala leste. Quando for devolver, porque não a convida para jantar amanhã à noite? — minha mãe perguntou. — Para o Banquete de Elodie, o Grande.

— Eu adoraria — eu disse.

— E, Rapunzel, sei que precisa ficar confortável, mas onde estão os seus sapatos?

— Hum… — Olhei para os meus pés descalços e mexi os dedos sobre o chão de ladrilhos. Tive um pressentimento de que tinha acabado de duplicar o número de aulas de etiqueta no meu futuro. — Acho que deixei lá fora.

— Os sapatos não são a prioridade agora — ela falou com um sorriso. — Mas, por favor, traga-os para dentro antes do pôr do sol. Acho que precisamos encontrar uma dama de companhia para você. Quanto mais cedo, melhor.

4

CASSANDRA



Voltei rápido para o meu quarto, torcendo para não me meter em confusão. Não só tinha sido pega praticando minhas habilidades de arremesso de peso quando deveria estar fazendo crochê ou algo igualmente torturante, mas também tinha sido vista pela própria princesa. E se eu a tivesse assustado? E se ela pensasse que eu a estava atacando? Ninguém tinha vindo me procurar ainda, mas eu tinha que agir com cuidado. De qualquer forma, quaisquer que fossem os soldados que deveriam estar cuidando dela, tinham falhado no trabalho. Achei que seria melhor não chamar atenção até ter certeza de que ela não faria um escarcéu sobre isso.

Então vi o bilhete do meu pai sobre a mesa.

Friedborg informou que você faltou DE NOVO nos seus deveres da parte da tarde. Esteja avisada de que isto é inaceitável, por favor. A rainha está procurando uma dama de companhia para servir à princesa Rapunzel. Seria uma grande oportunidade, e você deve mostrar para a rainha o quanto está preparada para treinar a princesa nos costumes da Corte.

Amassei o bilhete e o joguei no chão. Dama de companhia? Eu? Rá. Damas não empunham armas, não lideram reuniões de

estratégia militar nem participam de corridas a cavalo. Damas fazem trabalhos com agulha, arranjos de flores e penteados.

Meu pai sabia e ainda assim queria isso para mim? Uma onda de raiva atravessou o meu corpo. Não tinha intenção de ser babá de princesa nenhuma. Por sorte, eu não era exatamente um membro atuante do clube de tecelagem de tapeçarias.

Desculpe, pai, pensei. *Continue sonhando*.

Abri o armário de armas para pendurar a espada. Seguia o manual dos soldados ao pé da letra, então os meus materiais estavam sempre em perfeita ordem. O bolso onde guardava minha bola de metal estava vazio. *Droga.* Precisava recuperá-la, mas só depois do anoitecer. Por enquanto, ia concentrar-me em encontrar um novo lugar para treinar. Que irritante. Aquele campo distante era o ideal. Plano, espaçoso e escondido — bem, com exceção de quando havia alguém em cima da árvore.

Abri a gaveta secreta no meu armário e tirei os mapas do reino nos quais vinha trabalhando desde pequena. Corona era enorme e guardava segredos suficientes para manter um cartógrafo ocupado pela vida toda — a menos que o cartógrafo fosse eu. Estava planejando ter o reino cartografado até o ano seguinte. Apesar de uns poucos espaços em branco e alguns pontos desconhecidos, eu estava perto de ter os mapas mais abrangentes e detalhados de todos os tempos — mais perto do que qualquer outra pessoa jamais chegara de conhecer as extensões longínquas e os tesouros escondidos desta terra. Mas não era bom o suficiente para mim. Como parte da minha missão para ser um soldado, ia completar os mapas e apresentá-los ao meu pai.

Já tinha incluído a maior parte dos túneis, que criaram um elaborado sistema de trilhas subterrâneas. Havia as construídas por Herz Der Sonne para a Guerra da Unificação, que estavam bem documentadas. Tinham sido usadas para procedimentos militares apenas algumas centenas de anos antes. Mas havia também as antigas cavernas, que datavam de milhares de anos, e eram muito mais obscuras. Na noite anterior, havia lido sobre a terra remota de Yultadore, que já foi uma próspera cidade comercial. Algumas das suas cavernas desmoronaram durante uma grande inundação, criando charcos misteriosos no meio do país. Ninguém os conhecia,

até que os invasores estrangeiros os usaram como esconderijos, a partir de onde lançavam os ataques. Eu não conseguia conter a curiosidade de saber se Corona tinha charcos como aqueles. Afinal, também tivemos grandes inundações no passado. Está escrito nos livros de história. O nosso terreno era similar ao de Yultadore.

Não descansaria até esquadrinhar o reino inteiro. Meus mapas dariam a Corona o verdadeiro poder de proteger-se contra quaisquer intrusos. Estava prestes a desenrolar um dos pergaminhos sobre a mesa quando ouvi uma batida na porta.

— Um minuto — eu disse.

Coloquei o mapa debaixo da cama, pensando que fosse meu pai, pronto para passar um sermão em mim. Mas, quando abri a porta, arregalei os olhos. Era a princesa, sorrindo como se eu estivesse segurando um bolo de aniversário. Eu a tinha evitado a semana toda, mas agora não dava para escapar. Segui o olhar dela para o chão. O mapa tinha rolado, escapando de debaixo da cama. Empurrei o pergaminho de volta com o pé.

— Posso ajudar? — perguntei.

— Oi! — ela disse. Seu entusiasmo era tão radiante e animado que tive de piscar os olhos. — Sou Rapunzel.

— Eu sei — falei.

— Estou com a sua bola, hum, a sua coisa — ela disse, segurando minha bola.

— Obrigada — respondi, pegando-a.

— Olá — outra pessoa falou, e então o menino bonito dela, José, espreitou-se do canto. — Ouvi dizer que você tem um braço forte.

— E eu ouvi dizer que você tem mãos leves — eu disse. Ninguém parecia se importar com o fato de que um dos ladrões mais procurados de Corona morasse dentro do castelo. Eu me importava.

— Ela pegou você, José! — Rapunzel disse com uma risada. Depois, voltou aquele sorriso de meio-dia na minha direção. — Ainda não tinha conhecido ninguém que tivesse respostas rápidas o suficiente para ele. E, acredite, conheci muitas pessoas na semana passada.

— Não vamos nos deixar levar — José disse. — Não sei se apenas uma frase espirituosa a qualifica a estar à minha altura.

Arqueei uma sobrancelha. Ele deu uma piscadela para mim. *Droga. Quem dá piscadelas?*

— Obrigada — falei para Rapunzel. Estava quase fechando a porta quando ela esticou a cabeça para dentro e passou pela porta do meu quarto. Os pelos da minha nuca se levantaram.

— Você pode me contar o que estava fazendo com isso… com a bola, certo? — Rapunzel perguntou. O ladrão tentou segui-la para dentro, mas bloqueei a porta. — Era um jogo? Você está em um time?

— Pratico esportes *individuais* — eu disse.

— Como corrida? — ela perguntou. — Porque também amo correr.

— Ah — eu disse. Deixei o silêncio ficar estranho. Talvez assim ela entendesse o recado.

— De qualquer forma, vim convidar você para o jantar de amanhã à noite, para o Banquete de Elodie, o Grande.

— Obrigada, mas tenho compromisso — respondi. — Meu pai e eu…

— Adivinha! Já falei com ele — Rapunzel disse. — E ele achou a ideia ótima!

— Você *o quê*? — perguntei. Essa garota era cara de pau, procurando a aprovação do meu pai sem sequer saber se eu queria ir ou não.

— Perguntei para o seu pai se vocês dois gostariam de participar do banquete! Imaginei que, já que nossas famílias trabalham tão próximas, seria bom se estivéssemos na companhia uns dos outros em um dia de festa — Rapunzel disse. Engoli com dificuldade. Ela inclinou a cabeça. — Você se sentaria ao meu lado?

— Ei, esse é o meu lugar — José falou.

— José, tem um assento de cada lado meu, lembra?

— Eu me sento onde quer que seja designado — eu disse.

— Então vou me certificar de que seja designada a sentar-se ao meu lado.

— Obrigada. — Um soldado sabe quando deve fazer um recuo tático. Mais resistência chamaria atenção para mim. — Até amanhã à noite, princesa.

— Por favor, me chame só de Rapunzel — ela disse, tocando o meu braço.

Eu me encolhi.

— Está certo. Rapunzel.

— Tchau — ela disse com um pequeno aceno.

— Tchau.

Eles saíram e fechei a porta. E depois a tranquei.

5

RAPUNZEL



—Sou só eu ou a temperatura em Corona acabou de despencar a níveis árticos? — José disse enquanto saíamos do quarto de Cassandra e andávamos pelo longo corredor. Estava me levando para o que ele disse que seria um dos meus novos lugares favoritos.
— Brrr!
— O que você quer dizer? — perguntei.

— Cassandra é fria como gelo! — José respondeu. — Sabe, tipo, um pouco grosseira? Você não acha?

— O que ela fez para dar essa impressão a você? — perguntei.

No fim das contas, Friedborg não era nenhuma tagarela. Talvez a maneira coroniana de ser fosse com um certo distanciamento? Para mim, Cassandra tinha parecido cautelosa e talvez um pouco reservada. Mas a determinação e a faísca que impulsionaram aquele arremesso também estavam presentes nos seus olhos, e isso me fazia querer aprender o que ela sabia sobre o reino.

— Está faltando amabilidade básica nela! — José disse, pegando a minha mão quando passamos pela sala do trono e viramos em um corredor que eu não tinha notado antes. — Algo como “Oi, tudo bem com você? Muito prazer. Você não parece um criminoso de sangue

frio, então vou tratar você como uma pessoa normal". Esse tipo de coisa.

— Talvez ela só precise de um certo aquecimento. Não se esqueça, bati com uma frigideira em você no dia em que nos conhecemos — eu disse.

— É verdade — José falou, abrindo uma pesada porta de madeira. — Mas aquilo foi diferente.

— Espere! — exclamei, ofegando, ao contemplar a sala com teto alto, janelas altas e paredes de livros. — Tudo isso são livros?

— Exato — José respondeu, sorrindo com orgulho. — É chamada de biblioteca.

— Biblioteca — repeti ao mesmo tempo que entrava. — Biblioteca, biblioteca, biblioteca. — A própria palavra soava mágica, como se fosse o nome de uma constelação, ou de uma borboleta de asas brilhantes, ou de um concerto de sinos. *Biblioteca*. Eu amei!

— Como levei uma semana para encontrar este lugar? — pensei em voz alta ao subir em uma escada para alcançar as prateleiras de cima.

— Por algum motivo, a biblioteca estava no *meio* da minha lista de coisas para mostrar para você. Depois dos salões de baile, dos jardins e do spa, mas antes da despensa e dos tanques da lavanderia. De qualquer jeito, você está aqui agora, não está? — José perguntou. — Ainda ganho pontos por mostrar isso a você?

— Ganha — eu disse, com uma das mãos no peito. — Um milhão de pontos! E não sei por onde começar!

— Você pode levar esses livros para o seu quarto, se quiser — José disse.

— Posso? — perguntei, fitando as prateleiras lotadas à minha volta.

— Acho que vou abrir uma janela — José disse. — Está com um pouco de cheiro de mofo aqui dentro.

— Adorei — disse, maravilhada. Costumava pensar que havia apenas três livros no mundo todo: um sobre culinária, um sobre geologia e outro sobre botânica. Li esses livros inúmeras vezes até decorá-los. Estava pronta para mais, mas não esperava por tanto. Estar cercada por essa quantidade de livros foi como descobrir que

havia centenas de outras luas escondendo-se em outro lugar no céu.

— Mas há tantos para escolher! — Subi em outra escada para examinar as prateleiras altas. — Sério, por onde vou começar?

— Vamos deixar o destino decidir. Espere. — Antes que eu me desse conta, a escada estava voando pela sala.

— Uhuuu! — eu ri, as lombadas dos livros ficaram borradas até eu me agarrar em uma prateleira com a etiqueta HISTÓRIAS DE AVENTURAS, então parei.

— Agora está bem melhor! Aposto que os livros do Flynn Rider estão aí — José disse, sorrindo de orelha a orelha. Flynn Rider era o corajoso e ousado personagem que José adorava tanto quando criança. Ele chamava a si mesmo de Flynn Rider até nos conhecermos. Eu o convenci de que seu nome verdadeiro, José Bezerra, tinha originalidade e integridade próprias. — Você está vendo os livros, Rapunzel?

— Aqui — eu disse, arrancando da prateleira *As aventuras de Flynnigan Rider: volume um* e entregando a ele. Puxei outro livro de aventura, *Elena Evangelo: rainha das terras do deserto*, para mim, e comecei a fazer uma pilha.

— Ahhh, o livro traz lembranças para mim — José falou e acomodou-se em uma cadeira junto a uma das janelas, apoiando os pés no pufe. Continuei procurando.

Queria saber mais sobre as estrelas, então peguei vários da seção de astronomia. E, claro, havia os livros sobre os grandes heróis de Corona. E precisava de um monte de livros sobre a flora e a fauna coroniana. Queria saber para o que estava olhando enquanto explorava! E havia os livros de culinária, com várias receitas que jamais poderia sonhar: torta Linzer de framboesa, bolo de gengibre com glacê de pêssego, sorvete de melão com cobertura de alecrim! Minha boca estava enchendo de água. Acrescentei seis livros de receitas à pilha.

Em seguida, foi a seção de matemática. Os livros estavam cheios de informações sobre linhas, formas, ângulos e algo chamado poliedro tridimensional. O que era aquilo? Precisava saber! Minha cabeça girava à medida que examinava os capítulos de frações, proporções e permutações. *Como artista, preciso entender todas*

essas coisas!, pensei. Principalmente se eu quisesse trabalhar mais com perspectiva, sem mencionar a escultura. Puxei os meus favoritos da prateleira e acrescentei à pilha.

— José, tem uma seção de arte! — disse quando a descobri, o coração quase saltando do peito. Eu me virei para ele, mas seus olhos estavam fechados e ele estava ressonando de leve. Estava com um grande sorriso no rosto, e imaginei que esta seria a sua aparência de garotinho, sonhando com Flynn Rider. Deixei que tirasse uma soneca. Eu ia ficar lá por um tempo, de qualquer jeito.

Sentei-me no chão, acomodei-me e perdi-me nos livros por horas. Os volumes eram grandes, pesados, coloridos, com páginas tão brilhantes que davam vontade de pendurar nas paredes do meu quarto novo. Sempre pensei em arte como algo a ser experimentado em vez de estudado, mas na minha frente havia pelo menos cem livros sobre cor, técnica e a história dos grandes artistas de todos os tempos. Desenhos com tinta, esboços com carvão vegetal, pinturas de paisagens, natureza morta e retratos, cerâmica, tecelagem e artesanato! A pilha de livros estava da minha altura!

Quando vi pela janela que o sol começava a se pôr, sabia que era hora de encontrar os meus pais para o jantar. Mas, antes de acordar José, decidi escolher um livro para Cassandra. Poderia dar a ela no dia seguinte, no Banquete de Elodie, o Grande.

Procurei algo sobre esportes — esportes individuais. Vi um livro chamado *Esportes ao ar livre: o guia completo*. Abrangia a história dos esportes ao ar livre, com instruções técnicas, estratégias e ilustrações detalhadas. Estava prestes a colocá-lo na minha pilha quando notei que havia outro livro atrás deste.

Parecia ter caído ali por acaso. Era fino e um pouco menor do que os outros, mas era chamativo, a capa de couro verde esmaecido e a borda dourada das páginas. Abri e tossi por causa da poeira que flutuou de dentro.

O título tinha sido impresso em uma tinta preta e espessa, salpicada de dourado: *A Lagoa Perdida*.

Virei outra página e descobri que era um livro de poemas. Não tinha nada a ver com esportes. Era óbvio que tinha escorregado para a seção errada — ou talvez tivesse sido escondido? O primeiro poema chamava-se “A Lagoa Perdida”, assim como o título do livro.

Metade estava em português, a outra metade, em um idioma que não reconheci. Falei as palavras em voz alta e elas formaram uma espécie de música:

Quando nos encontramos, às portas do inverno,
Nossa verdade pouco reluzia.
Sobre nós, a lua, e seu brilho eterno,
E abaixo, o futuro, que muito prometia.

Talvez este livro inspirasse uma nova obra de arte! Não sabia o formato que tomaria, mas o mistério do processo criativo era parte do que me fazia amar tanto a arte. O sol estava mergulhando abaixo das colinas e o céu passou de laranja para índigo. Segurei o livro nas mãos mornas, e uma brisa fresca inflou as cortinas.

Era hora de ir, mas o livro iria comigo.

— José, temos que ir para o jantar — eu disse, sentada ao seu lado e balançando-o de leve para acordá-lo.

— Uau, você escolheu um monte de livros! — ele falou ao sentar-se e esfregar os olhos. — Você percebeu que temos o resto das nossas vidas para usar esta biblioteca, certo?

— Percebi, sim, mas… Não sei, um livro meio que leva a outro!

— Talvez você precise de algumas estantes no seu quarto.

— Como a minha própria biblioteca particular? — perguntei.

— Exato. Vamos conversar com o carpinteiro real sobre isso. Mas, no momento, que tal levarmos só os dez melhores?

— Onze — eu disse, enfiando o pequeno livro verde no bolso.

Mais tarde naquela noite, depois do jantar com os meus pais e um passeio com José nos jardins para buscar os meus sapatos, acomodei-me na cama com o livro de poesia.

Tinha acabado de abri-lo quando minha mãe bateu à porta.

— Querida — ela disse, esticando a cabeça para dentro do quarto. — Você está acordada?

— Estou. — Por instinto, enfiei o livro debaixo das cobertas, embora não tivesse certeza do motivo. Não estava preparada para compartilhá-lo.

Minha mãe entrou, deu um enorme sorriso e sentou-se ao meu lado na cama. Pegou as minhas mãos nas dela.

— Querida, chegou a hora de eu designar a sua dama de companhia.

— Já? — perguntei, sentando-me um pouco mais ereta. — Quero dizer, sei que tive um dia difícil hoje, mas posso fazer um esforço maior.

— Uma dama de companhia não é apenas alguém que a ajuda — minha mãe explicou. — É uma companheira constante.

— Mas tenho Pascal para isso.

Pascal sorriu para ela de um pufe próximo. Na realidade, eu não tinha certeza do que faria com uma companheira *humana* constante. Eu era muito boa em me entreter sozinha.

— Eu sei — ela disse. — Mas você tem muitíssimas ocasiões a caminho. É uma princesa agora. Realmente acho que você precisará de alguém para ajudá-la a navegar nessas cerimônias às vezes tediosas, mas necessárias, e para ser sua amiga e confidente.

— Sei que posso dar conta, mãe.

— Você tem uma responsabilidade, Rapunzel — minha mãe falou. — Para com este reino. E, por mais que eu ame Pascal, você precisa de uma guia. — Senti as palavras dela como um peso. Não estava pronta para ouvir sobre responsabilidade… Ainda estava aprendendo a viver em mais de uma sala! No entanto, os olhos dela estavam cheios de bondade e verdade. — O reino inteiro está aguardando o seu retorno. Você entende?

— Acho que sim.

— Ótimo. Decidi nomear Cassandra — ela disse.

— A filha do capitão? — perguntei, embora duvidasse de que pudesse haver duas Cassandras no mesmo reino. Pelo menos, não se uma delas fosse a garota que conheci hoje.

Minha mãe assentiu com um sorriso tranquilo.

— Tudo bem — eu disse. Lembrei-me da força do seu arremesso e do fogo em seus olhos. Talvez ter uma dama de companhia não seria tão ruim se fosse ela. — Certo.

— Cassandra é uma garota sábia e corajosa — minha mãe falou. — Ela conhece os costumes do castelo e como este reino funciona.

— Entendo.

— Sei que você entende.

— Cassandra é minha dama de companhia — eu disse, sorrindo para mim mesma, enquanto a imaginava ensinando-me como arremessar um peso ou segurar uma espada.

— Perfeito — minha mãe disse.

— Legal! — falei.

— Você pode anunciar amanhã, durante o jantar — ela disse, beijando o meu rosto. — Até lá, é o nosso segredo.

Depois que ela saiu, tirei o livro de debaixo das cobertas e tentei ler o poema seguinte. As palavras eram estrangeiras, mas decidi falar em voz alta de qualquer forma e, quando as li, elas fizeram uma espécie de música. Fechei os olhos e me perguntei como seria para Cassandra ser minha dama de companhia. Ela me ensinaria as manobras dos guerreiros? Ela me contaria tudo o que sabia sobre Corona? Será que, por fim, seria um pouco mais amistosa?

Respirei profundamente várias vezes e acabei por adormecer. Naquela noite, sonhei com água e com um segredo que nadava como um peixe prateado dentro dela.

6

CASSANDRA



—Aí está você — a rainha Arianna disse quando tentei passar despercebida, deslizando para a sala de jantar. Nunca me senti à vontade em vestidos de festa. Cada vez que colocava camadas de tule e seda, e em especial com os meus cabelos puxados para trás em um coque, eu me sentia brincando de colocar vestidos e adereços em bonecas.

— Boa noite — eu disse, e fiz uma reverência.

— Vi você cavalgando Fidella hoje à tarde.

Fidella era um dos grandes equinos do reino — forte, veloz e muito inteligente. Uma égua igualada apenas a Maximus, um garanhão bonito e majestoso. Eram os animais nos quais eu mais gostava de montar.

— Ela é uma égua excelente — falei.

Tinha ficado acordada a maior parte da noite, estudando tanto os meus próprios mapas desenhados à mão quanto todos os outros mapas de Corona que vinha colecionando ao longo dos anos. Era hora de levar ainda mais a sério o preenchimento dos espaços em branco, não apenas para provar para o meu pai como a minha presença era essencial na guarda, mas também porque a nova

princesa estava distraindo a linha de defesa de Corona. Os outros podiam perder o assunto de vista. Eu não. Com Fidella, cobri uma grande parte do terreno, mas não encontrei nada fora do comum. Teria que tentar outra vez no dia seguinte.

— E você se tornou uma cavaleira habilidosa — a rainha Arianna disse. — Estou impressionada. Também sei o quanto você é dedicada a manter Corona segura.

— Eu sou — concordei, de queixo erguido.

— Tenho algumas novidades para hoje à noite, acho que irão agradá-la. — A rainha piscou para mim e depois foi cumprimentar o rei.

O que está acontecendo com essa coisa de piscar ultimamente?, pensei por um momento, antes que outra ideia, muito mais estimulante, surgisse na minha mente.

Meu pai pode não querer recompensar o meu treinamento e perspicácia militares, mas isso não significa que a rainha não queira.

— Eu me certifiquei de que o cartão com o seu nome estivesse ao lado do meu! — Rapunzel disse quando me aproximei da mesa.

— Ótimo — respondi, minha mente ainda focada nas palavras da rainha. Seria possível que ela me desse a chance de fazer um teste para a guarda? Olhei fixamente para o chão para desencorajar Rapunzel de tentar conversar mais. Foi quando notei que ela estava descalça. Aqui? Na sala de jantar real? No Banquete de Elodie, o Grande? O que ela estava pensando? Se aparecesse um intruso, não poderia correr rápido o suficiente para esconder-se com os pés descalços. E se ela pisasse em um caco de vidro? *A rainha não se arrependeria de me colocar na guarda*, pensei, embora tivesse que admitir que os meus pés estavam latejando nos sapatos formais. Odiava saltos altos, de verdade.

— Olá, parceira — José disse e cutucou o meu ombro. O som da sua voz suave fez meu sangue transformar-se em água gelada.

— Não me chame assim — falei. Estava sorrindo para mim, mas dava para perceber que preferia que eu sumisse. Que pena. Se ele tivesse planos de fugir com as joias da coroa, podia esquecer. Eu estava em cima dele. Estava vigiando.

— É bom ver você também — José disse.

— Escuta, você já foi à biblioteca? — Rapunzel perguntou.

— Não — respondi. Todos estavam se sentando e conversando, mas eu queria que o banquete começasse. Minhas mãos suavam. Quando a rainha ia fazer o anúncio?

— Eu adorei. Fiquei lá ontem por horas e nem acreditei em todos aqueles livros! Encontrei um de poemas. A capa é feita do couro mais macio e metade está em uma língua diferente… É encantador, romântico, misterioso e complexo…

— Não sou ligada em poesia.

— Mas você já leu um livro sobre… esportes? — Rapunzel perguntou.

— Ãh? — eu disse.

Ela sorriu, entregando-me um livro intitulado *Esportes ao ar livre: o guia completo*.

— Ah, obrigada — agradeci, dando uma examinada rápida e em seguida colocando-o debaixo da mesa.

A rainha tocou o ombro de Rapunzel e ajoelhou-se ao lado dela.

— Então — José falou, distraindo-me. — Como é ser a filha do capitão da guarda? É óbvio que você tem uma quedinha por armas.

— É — eu disse.

— Você treina desde pequena? — José pressionou. — Tem amigos no castelo?

— Não. Quem precisa de amigos?

— Caramba! — José murmurou enquanto Rapunzel sussurrava com a rainha. — Não preciso só de um quebra-gelo qualquer aqui, preciso de uma picareta.

Revirei os olhos.

Por fim, o rei bateu no seu copo. Ele e a rainha levantaram-se. A conversa aquietou-se, demonstrando o nosso respeito.

— Estamos todos aqui agora — anunciou o rei Frederick, levantando o cálice. — Vamos agradecer pela nossa recompensa e desejar paz uns aos outros.

Todos tilintaram os seus copos e bradaram:

— Que possamos ter paz!

Pronunciei as palavras junto com os outros, mas no fundo só queria chegar ao ponto: eu ia entrar para a guarda. Certo?

Os votos de felicidade e as ofertas de paz continuaram por uma eternidade. Finalmente, a rainha Arianna falou.

— Nesta ocasião feliz, a nossa família está encantada em fazer um anúncio que não será nada menos do que providencial. — A rainha virou-se para mim e me posicionei mais reta na cadeira. A minha respiração estava superficial por causa da expectativa. — Rapunzel, por favor, poderia fazer as honras?

— Sim — Rapunzel disse. A rainha assentiu e sorriu. Por que Rapunzel anunciaria o convite para eu entrar na guarda? Ela virou-se para mim e, de repente, o seu rosto ficou perto demais do meu. Eu me afastei. — Cassandra, gostaria que você fosse a minha dama de companhia.

— O quê? — perguntei em voz baixa. Por um instante, o mundo ficou desfocado, e surgiu um zumbido nos meus ouvidos. Será que eu tinha mesmo ouvido aquilo? Era verdade? Não podia ser real.

— Você é a minha dama de companhia! Não é maravilhoso? — Rapunzel perguntou. Todos ao redor da mesa estavam batendo palmas, meu pai era o mais entusiasmado. O único que não estava sorrindo feito um idiota era José.

— Cassandra, que honra — meu pai disse. Peguei o cálice de água. Minha boca estava completamente seca. — Parabéns.

— Esta é uma união muito afortunada — a rainha Arianna disse. Não consegui formular uma resposta. — Você pode começar os seus deveres amanhã. No entanto, o seu primeiro trabalho de fato será conhecer a nossa querida Rapunzel.

— Deem-me licença por um momento — pedi.

Saí da sala sugando ar para não gritar, voando pelo corredor, os meus passos ecoando pelas paredes.

— Saiam da frente — ordenei aos soldados da porta leste. Eles me olharam, perplexos, como se não fizesse sentido. — Eu disse para saírem da frente!

Eles pularam para o lado. Passei pela porta, arranquei os sapatos horríveis e corri para a floresta. Meu estômago estava embrulhado. Meu coração galopava. Meus pensamentos corriam. Desacelerei quando cheguei à mata, recuperei o fôlego e encostei-me no tronco de um carvalho gigante.

Como a rainha poderia pensar que este era o melhor uso dos meus talentos? Ela tinha acabado de elogiar a minha habilidade de andar a cavalo e — *pensei* — a minha dedicação como defensora

do reino. Meu pai deveria saber que isso estava a caminho. E ele, mais do que ninguém, sabia que eu não tinha nascido para pregar botões em vestidos ou ensinar boas maneiras. E ainda assim aqui estava eu, condenada a cuidar da princesa mais animada do mundo.

Como eu iria treinar? Como iria viver a vida que nasci para viver?

A fúria esquentou o meu sangue enquanto eu olhava para a lua.

Minha coruja de estimação, a quem eu simplesmente chamava de Coruja, arremeteu, vinda de cima. Não importava onde estivesse, sempre sentia a minha angústia e voava para perto de mim o mais rápido possível.

— Não há nada que eu possa fazer — eu disse a ele, que rodeava as árvores, piando.

Era uma decisão cercada de grades. Eu não poderia protestar sem perder os favores do rei e da rainha e, sendo assim, não haveria nenhum modo de obter permissão para juntar-me à guarda. Não poderia discutir uma saída dessa situação com o meu pai. Uma atribuição real era a última palavra. Meu destino fora selado. Caí de joelhos e sufoquei um grito.

7

RAPUNZEL



—Tem certeza de que essa é a coisa certa a fazer? — José me perguntou enquanto eu arrumava o quarto antes da chegada de Cassandra.

Queria que tudo estivesse impecável para o nosso primeiro encontro oficial como princesa e dama de companhia. Era a noite seguinte ao banquete, e eu tinha feito biscoitos de canela a partir de uma receita de um dos livros de culinária coronianos que encontrara na biblioteca. Um monte de biscoitos esperava por ela, além de um bule de chá de hortelã bem quente.

— Tem certeza de que Cassandra é a garota certa para a função?

— Claro — falei, virando-me para ver José descansando no sofá, comendo um biscoito, com a testa franzida. Coloquei uma das mãos no quadril. — Por quê? Você está preocupado? Nunca estive tão segura antes. A não ser em relação a você!

Ele levantou o olhar e sorriu, ruborizado.

— Ah, obrigado — ele disse. — É só que Cassandra é um pouco rígida. Mais dura do que carne-seca de bisão, para ser específico. Você não acha?

— Prefiro a palavra *forte* — falei, afofando os travesseiros na cama.

— Ela acha que sabe tudo — José continuou.

— A autoconfiança é sempre atraente — disse, esticando os cobertores.

— É impossível ter uma conversa com ela — José prosseguiu.

— Ela está mais para… contemplativa — eu disse, organizando os livros da biblioteca em pilhas. — Olha, vou dizer o que enxergo nela: uma grande exploradora. Uma garota que não tem medo de se aventurar e de experimentar coisas novas.

— Nem de ofender — José falou.

— Ela estava apenas provocando você — eu disse, sentando-me ao lado dele. — Talvez vocês dois sejam muito parecidos. Você também adora provocar!

— Puxa. Só tenho a sensação de que ela não gosta de mim.

— Quem não gosta de você? — perguntei, afastando os cabelos que cobriam seus olhos. Ele enrubesceu de novo, e fiquei enternecida. — Acho que vocês dois só precisam de um tempo para se conhecer melhor. Você é incrível. Ela é

incrível. Aliás, por acaso viu o mapa que ela enrolou com pressa quando batemos em sua porta?

José balançou a cabeça, negando.

Era incrível.

— Você que é incrível — José disse, olhando para mim com veneração.

Então ouvimos uma batida na porta.

— Ah, é ela! — falei, batendo palmas. — José, adoro você, mas acho que deve ir embora.

— Sério? — ele perguntou. — Mas e o nosso passeio noturno?

Cassandra bateu na porta outra vez.

— Só um minuto! — disse, e em seguida peguei as mãos de José nas minhas. — Acho melhor que o meu primeiro encontro com Cassandra seja só entre nós duas. Não significa que ela seja mais importante do que você ou que não daremos mais passeios à noite, certo?

— Tudo bem — José respondeu. — Acho que preciso pôr em dia umas leituras sobre diplomacia. Seu pai quer que eu seja versado nos trâmites da Corte o mais rápido possível. E a minha energia

está se esgotando, então vou levar um desses biscoitos para comer no caminho…

Entreguei um biscoito a ele, dei um abraço apertado e, em seguida, abri a porta. Quando Cassandra o viu, uma sombra escureceu seu rosto, como uma tarde de tempestade.

— Já estou de saída — José anunciou e lançou para mim aquele olhar do tipo *eu falei para você*. — Divirtam-se, jovens damas.

— Olá! — eu disse, oferecendo a Cassandra meu sorriso mais caloroso.

— E aí? — ela falou, com o rosto sério.

— Bem-vinda, DDC! Entendeu? Dama de companhia? Posso chamar você assim?

— Não — ela respondeu.

— Tudo bem — falei, deixando para lá. — Olha só. Fiz biscoitos e chá para nós. — Fiz um gesto para que se sentasse em uma das cadeiras forradas de tecido felpudo.

— Obrigada, não como doces — Cassandra respondeu.

— Honestamente, acho que você vai adorar estes biscoitos. Fiz seguindo este livro de receitas coronianas. Parece que são um clássico, não tem quem não goste.

— Está bem — Cassandra disse. Embora estivesse tentando disfarçar, acho que ela meio que gostou do biscoito.

— Para começar, quero dizer que estou muito animada! Quando vi você lá longe, naquele campo, soube que tinha de conhecer você. E, quando minha mãe sugeriu que você fosse a minha dama de companhia, pareceu a escolha perfeita para mim. Sabe como é? Quando você tem a sensação de que a coisa está certa?

Cassandra ficou me encarando e, então, pegou outro biscoito.

— De qualquer forma, de acordo com este livro, os deveres de uma dama de companhia incluem ensinar-me boas maneiras, idiomas e as danças mais populares da Corte; ler e escrever cartas, embora, para falar a verdade, não sei quem escreveria uma carta para mim; pintura, que amo demais; equitação (pode me inscrever!), música e outros passatempos da realeza. Também é preciso cuidar do meu guarda-roupa, mas não sou muito ligada em roupas, então não vamos nos preocupar com isso; questões de diplomacia; supervisão dos criados… Além de me manter informada sobre tudo

o que acontece na Corte e retransmitir mensagens sob as minhas ordens com discrição. Mas não sou exatamente do tipo que dá ordens. Acho que dá para se dizer que teremos muito trabalho daqui para a frente.

Cassandra tinha colocado o biscoito no colo e estava ficando cada vez mais pálida.

— Sabe o que mais? — eu disse. Ela parecia tão sobrecarregada quanto eu em relação às questões do castelo. — Vamos mudar de assunto. Este é o livro que eu estava falando. Peguei o livrinho verde e abri no primeiro poema, “A Lagoa Perdida”. — Está escrito em dois idiomas, então não entendo todas as palavras, mas a primeira parte é toda sobre este poder antigo. Depois, o poeta escreve sobre essas cavernas antigas que as chuvas abriram com um milhão de pequenos beijos. Não é lindo?

— Cavernas antigas? — Cassandra perguntou, com os olhos cada vez mais arregalados.

— Vou ler para você — eu disse. — Aqui vai. “A Lagoa Perdida."

Quando nos encontramos, às portas do inverno,
nossa verdade pouco reluzia.
Sobre nós, a lua, e seu brilho eterno,
e abaixo, o futuro, que muito prometia.

Aqui, Corona foi erguida,
o medo se extingue, a dúvida evanesce.
Quando vozes se afrontam, o metal ressoa,
a luz interior fenece.

Cavernas antigas desmoronaram,
no teto, faixas do firmamento.
E charcos, querido, se formaram,
neles entramos, sem hesitar um momento.

A verdade foi selada com pedras preciosas
que detêm o poder antigo,
ele sustenta a força de Corona, e nos une,
como à flor, o sol amigo.

— Pedras preciosas? Poder antigo? — Cassandra perguntou, inclinando-se.

— Viu, eu sabia que ia gostar de poesia! Você não acha as imagens perfeitas?

— Continue lendo — ela respondeu.

— Tem trechos em outra língua…

— É saporiano — Cassandra explicou, surpreendendo-me com seu entusiasmo. Ela estava em pé atrás de mim agora, lendo por cima do meu ombro. — Este livro é bem antigo.

— O que você quer dizer? — perguntei. — Espere. Como sabe?

— Centenas de anos atrás, Corona era composta por dois territórios diferentes: Corona Antiga e Saporia. O fato de que metade do poema esteja escrito em saporiano significa que este livro é genuíno, realmente antigo. Ninguém mais fala saporiano, exceto alguns estudiosos.

— Sério? — perguntei, intrigada. — Gostaria de saber mais sobre a história de Corona. Você pode me ensinar?

— O ferreiro do reino, Xavier, é o verdadeiro historiador. Ele sabe tudo — Cassandra disse.

— Você acha que ele poderia dar aulas para mim?

Meu pulso acelerou ao perceber que havia muito a descobrir sobre o meu novo lar. À medida que aprendesse mais, talvez eu começasse, de algum modo, a me tornar mais parte dele.

— É provável. Continue lendo — Cassandra pediu.

— Está certo — eu disse. Cassandra ditava o ritmo enquanto eu lia: — “Onde dois carvalhos crescem juntos, suas raízes se entrelaçam, como dedos. Como mãos unidas, e nos espaços entre elas, a verdade permanece, sem arremedos.” Simplesmente amo esse verso! — exclamei, com uma das mãos sobre o peito.

— Continue — ela disse.

Como rubis, pequenos frutos no orvalho luzem,
braços estendidos guiam os que buscam o oeste.
Três caminhos a três decisões nos conduzem.
Lembre-se, para decisões, o coração é mestre.

Pedra da lua, topázio, opala,
o tapete de esmeralda é infindável.
Avance suavemente até a lagoa perdida,
ela guarda um tesouro secreto, imensurável.

— Em seguida, o poema continua um pouco mais no que eu imagino que seja saporiano — eu disse. — Não parece tão cheio de vida? Você acha que é real? — Cassandra tomou o livro nas mãos e o folheou. Sentei-me um pouco mais ereta. — Olha, talvez pudéssemos começar um círculo literário. — Olhei no fundo dos seus olhos arregalados. — Espere um minuto, você sabe alguma coisa sobre este lugar?

— Não — ela respondeu, concentrada no texto. — Fala mais alguma coisa sobre cavernas?

— Hum, isso tem alguma coisa a ver com aqueles mapas?

— Que mapas? — ela perguntou, continuando a ler.

— Aqueles que vi no seu quarto. — Ela ergueu a cabeça na hora. — Cassandra, o que foi?

— Nada. Estou um pouco cansada — ela respondeu.

— Você não parece cansada — eu disse.

— Mas estou. O que acha de pararmos por aqui?

— Mesmo? Agora?

— É, agora. — Ela bocejou, mas não foi muito convincente.

— Bom, acho que *sou* uma pessoa matutina — eu disse enquanto ela concordava com a cabeça e colocava o livro no bolso. — Então, você… quer pegar emprestado?

— Quero — ela disse e, antes que eu conseguisse dar um abraço de boa-noite, ela já havia saído pela porta, agarrada ao livro.

8

CASSANDRA



Corri de volta para o meu quarto, acendi o lampião e desenrolei os mapas. Já havia visto um número considerável de documentos antigos para saber que este livro datava de vários séculos antes. Tinha mapeado as árvores antigas e sabia da existência de dois carvalhos gêmeos, alguns quilômetros a oeste. Comparei a descrição do poema sobre como chegar a essa lagoa com os meus próprios desenhos. Assim que terminasse de mapear uma trilha, eu partiria — sozinha. Se houvesse uma fonte oculta de poder em Corona e eu a encontrasse, teria o prestígio necessário para ser aceita na guarda. Nada de Besta Alada e mapas — eles não teriam como me recusar. Depois de passar a maior parte da noite acordada, tracei o que pensava ser uma rota provável. Em seguida, dobrei o papel no bolso e saí antes do amanhecer. Minha noite como dama de companhia da princesa acabou não sendo uma real perda de tempo, afinal de contas.

O ar estava fresco, como um pedaço de papel novinho; sentia-me desperta, apesar de não ter dormido. O sangue fluía quente pelas minhas veias. Não havia nada que eu amasse mais do que estar por aí em uma aventura. O melhor de tudo era que os carvalhos gêmeos estavam em uma parte rural de Corona na qual os soldados

não estavam focados. Vi algumas raposas vermelhas, atentas e curiosas. Ao respirar, o vapor escapava pela minha boca enquanto estudava a bússola e tomava a direção do oeste. Devo ter caminhado pelo menos uma hora, parando apenas para beber água de um riacho. Algumas vezes, pensei ter ouvido um som farfalhante atrás de mim, mas fui em frente. Por fim, encontrei os dois carvalhos, rodeados por arbustos de frutas vermelhas, conforme descrito no poema.

Como rubis, pequenos frutos no orvalho luzem, braços estendidos guiam os que buscam o oeste.

Segui as raízes das árvores e encontrei um rochedo.

Escalei esse rochedo e achei uma trilha atrás dele; a vegetação muito alta a deixou pouco visível, mas, com a bússola, descobri marcadores suficientes para garantir que tinha encontrado algo. Em seguida, o caminho dividia-se em três.

Três caminhos a três decisões nos conduzem; lembre-se, para decisões, o coração é mestre.

Repeti o verso na cabeça, e me dei conta de que “o coração é mestre” tinha que ser uma pista — era muito piegas, mesmo para um poeta ruim. O coração fica no lado esquerdo do corpo; portanto, tinha que estar indicando a direção. Decidi permanecer à esquerda.

A trilha tornou-se mais aberta, afinal. A grama estava verde como esmeraldas, assim como dizia o poema. Segui até encontrar outro rochedo. Sempre fui uma boa escaladora, de modo que não me assustei com a inclinação acentuada, embora fosse mais difícil do que tinha imaginado. Descer seria mais complicado. Fiquei contente por ter levado uma corda, que poderia amarrar à saliência na borda do rochedo e usar para descer.

Na parte superior, a rocha dividia-se inesperadamente, criando dois paredões com água correndo entre eles. Não havia menção sobre isso no poema. Era impossível estimar a profundidade da água, e uma onda de medo invadiu-me.

Droga!, rosnei de frustração quando o suor fez os meus olhos arderem.

Deixe de ser fraca, disse a mim mesma, quando os meus braços e pernas tremeram. *Finja que não está sentindo nada disso*.

Enxerguei, do outro lado da ravina, os paredões unindo-se outra vez. Eu conseguiria caminhar até a lagoa, que imaginei ser ainda mais azul do que a água que fluía abaixo de mim. As rochas estavam afastadas demais uma da outra para que eu andasse com uma perna de cada lado, mas, se eu esticasse o corpo cruzando a fenda, conseguiria me segurar em um dos lados com as mãos, apoiando os pés no outro. Era a minha única opção. Já tinha chegado tão longe, não ia desistir sem ao menos tentar.

Coloquei as mãos em uma das bordas e apoiei os pés no outro lado e, então, comecei a atravessar a ravina. Abaixo de mim, a água apressava-se sobre as rochas. Meus braços começaram a tremer e minhas pernas doíam. Congelei. Um nó subia pela minha garganta.

— Deslize para baixo.

Isso foi… a voz de *Rapunzel*? Não, não, não! Quando pensei que as coisas não poderiam ficar piores, ficaram. Olhei para cima. Lá estava Rapunzel: no topo do rochedo.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, fechando os olhos com força. Se não estivesse vendo a água, talvez conseguisse superar esse medo estúpido.

— Procurando a lagoa com você! Não entende? Este é exatamente o tipo de coisa que eu esperava que acontecesse quando você foi designada minha dama de companhia — ela disse. Rangi os dentes. Meus braços tremiam de fadiga quando ela juntou-se a mim, assumindo a mesma posição. A proximidade de Rapunzel me fez suar ainda mais.

— Que desconfortável! — Rapunzel disse, virando-se para me encarar com um sorriso improvável e inoportuno. — Vou descer. Vai ser muito mais fácil andar pela água do que escalar esta ravina! Vamos!

— Você primeiro — falei. Minha mão esquerda escorregou e quase gritei.

— Tudo bem! — ela disse. Ouvi o barulho de algo caindo na água. — Uau, como está fria! E, sim, dá para andar. A água chega só até a cintura. Venha, eu seguro você.

Apenas até a cintura, disse a mim mesma, com os pés pulsando com a dor da cãibra. Não tive escolha. Fechei os olhos e me soltei.

9



RAPUNZEL



Segurei Cassandra e a ajudei a se equilibrar.

— Você estava bem assustada lá em cima, hein? — eu disse. A boca dela em linha reta era sinal de que estava zangada porque eu a tinha seguido, mas os olhos estavam muito abertos e vulneráveis.

— Nem um pouco — ela respondeu, recusando-se a encontrar o meu olhar.

— Então eu estava certa! — falei, caminhando pela água fria e transparente. — Você também pensou que a lagoa era um lugar que existia de verdade. Eu sabia! E aquilo no seu quarto *eram* mapas, não eram?

— Eram… — Cassandra disse, andando atrás de mim. — Só queria ter certeza de que era seguro antes que você viesse aqui comigo.

— Aprecio sua atitude, mas o que você precisa saber a meu respeito é que adoro aventuras. Fiquei em uma torre por dezoito anos, então quero mesmo ver o mundo — eu disse.

— Você deveria ir para casa — Cassandra sugeriu. — Agora.

— De jeito nenhum. Sinto-me mais em casa explorando o reino do que aprendendo etiqueta!

— Não importa — ela disse. — Não é seguro.

— Mas é divertido.

— Alguém mais sabe onde você está? — Cassandra perguntou. Seus olhos estreitaram-se. — Você contou para José?

— Não. — Não tinha visto José desde a noite anterior. Depois que Cassandra saiu do meu quarto, mandei Pascal segui-la. Eu o instruí que viesse me buscar caso ela fosse a algum lugar. — Mas por que ninguém pode saber?

— Sobre o antigo poder secreto do reino? — ela perguntou.

— É. Por que minha família não deve saber disso?

— Se esta informação acabar em mãos erradas, poderia haver problemas sérios.

— Que tipo de problema? Quero saber. *Preciso* saber. — E então eu a vi. *Nós* a vimos. E suspiramos. — Nossa! É a lagoa perdida!

Um pássaro solitário gorjeou uma melodia elaborada.

— É tão… azul — Cassandra disse.

O sol estava brilhando sobre a água, em um espetáculo luminoso e deslumbrante. Um cardume de peixes amarelos deslizou sob a superfície, com o sol dançando nas barbatanas. No outro canto, estrelas-do-mar alaranjadas e brilhantes agarravam-se às pedras. Os paredões cercando a lagoa estavam cobertos de musgo verde, brilhante.

— Você já viu um lugar assim tão… lindo? — perguntei. Cassandra balançou a cabeça, negando. O cristal azul cativou minha atenção. — Não aguento — eu disse, incapaz de conter a admiração. — Vou cair na água! — Tirei o corpete e as roupas de baixo e pulei na água, mergulhando antes de nadar de volta em direção à luz. A água fresca e transparente envolveu-me em um abraço. — Cassandra, você tem que entrar!

— Não posso — ela disse.

— Pode, sim! Basta pular.

— Não — ela falou, franzindo a testa.

— Por que não? — indaguei. Mergulhei, enchi a boca de água e voltei à tona como se fosse uma fonte.

— Porque não — ela disse, cruzando os braços.

— “Porque não” o quê? — perguntei.

— Droga! — ela resmungou. — Onde está esse poder secreto?

— Está aqui em algum lugar — eu disse. Não era apenas água. Era como a água de um sonho: fresca, suave e doce. Dei um salto mortal, soprei bolhas, e a convidei para entrar na lagoa espirrando água com um pontapé. Boiei para a superfície. — Que sensação gostosa! Nem está tão fria…

— Você acha que me importo que esteja fria? — ela retrucou rispidamente. Então virou de costas.

Fiz uma pausa, mantendo a posição na água, movimentando os braços e as pernas.

— Cassandra?

— Você não entendeu, Rapunzel? — ela disse, atirando os braços para o ar. — Eu não sei nadar!

10

CASSANDRA



—Eu não sei nadar! — eu disse.

Nosso reino era cercado por água. Havia em torno de quinhentos quilômetros de praias, duzentos e doze lagos, cento e vinte e um reservatórios, sessenta e oito rios e dezessete estuários. E eu não sabia nadar. Por quê? Por medo. Um medo idiota.

Odiava admitir isso para Rapunzel. Ter medo de água era ridículo em Corona. A quem eu estava enganando? Essa fobia estúpida me impediria de fazer parte da guarda. Mas as palavras saíram da minha boca antes que eu tivesse a chance de evitá-las.

— Então preciso te ensinar — ela disse, sorrindo radiante para mim.

— Ãh? — perguntei. Por que ela não estava rindo de mim?

Quem em sã consciência não iria pensar que eu era uma completa imbecil por ser uma coroniana que não sabia nadar?

— Não entendi.

— Vou ensinar você a nadar — ela disse, como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se eu não fosse ser motivo de piada da guarda, caso meu segredo fosse descoberto. Ela ficou apenas nadando no lugar e falou com uma voz clara e sincera: — Entendo

que pode ser assustador, mas acho que vai adorar. Você *sabe* que acabei de aprender a me *sentar*, certo?

Contive um sorriso.

Ela mergulhou de novo e, em seguida, ressurgiu com os cabelos grudados no rosto.

— Como estou?

— Parece um cachorro molhado — respondi, e ela sacudiu os cabelos como um cãozinho brincalhão.

— Consegue imaginar como ficaria minha aparência se eu não tivesse cortado os cabelos? — Ela riu e empurrou os cabelos para o lado. — Vamos, ali é raso.

Deu outro salto mortal e nadou até a saliência com degraus que levavam até a água. Andei ao longo da borda até chegar aos degraus de pedra.

— A água está perfeita. Você só precisa vir aqui e mergulhar os pés. É o primeiro passo. — Desci pela borda e estava prestes a colocar um pé dentro da água quando Rapunzel disse: — Ah, vai ser mais fácil se tirar as botas.

— Você já ensinou alguém a nadar? — perguntei enquanto tirava as botas.

— Não. Você é minha primeira aluna — ela sorriu. — Não sei se a segurança avisou você, mas morei em uma torre por dezoito anos.

— Nesse caso, por que eu deveria confiar em você? — perguntei, mergulhando os pés descalços na água.

— E por que não deveria? — ela perguntou, parecendo confusa de verdade. — Será que fiz alguma coisa para que não confie em mim?

— Não. — Era verdade. Ela sorriu para mim, radiante sob a luz do sol. — Como *você* aprendeu a nadar?

— É impressionante como você aprende rápido quando a sua vida depende disso. Mas já ensinei um monte de coisas a mim mesma, e sempre digo que o primeiro passo é o mais difícil.

Fechei os olhos e respirei fundo, e então voltei a abri-los e mergulhei os pés na água. Ela tinha razão. Estava perfeita.

— Bom — ela disse. — Agora dê mais um passo à frente. — Fiz isso. A água chegou até os joelhos.

— Já está bom por hoje, não está? Chega.

— De jeito nenhum — ela falou. — Nós mal começamos. Bom, o que faço quando estou com medo é pensar na minha receita favorita. Relembro passo a passo, com o máximo de detalhes possível.

— Não sei cozinhar.

— Certo. Talvez você possa pensar sobre o que mais gosta… sei lá… arremesso de peso? Tem que ser algum tipo de procedimento.

— Tudo bem. Posso explicar para você como polir uma armadura — eu disse.

— Isso. Acho uma boa ideia. Cada vez que me contar uma etapa, dê um passo à frente.

— Primeiro, pendure a sua armadura para garantir que cada peça esteja devidamente alinhada, e que não tenha ferrugem.

— Dê um passo à frente — ela pediu.

Respirei fundo e obedeci. A água havia alcançado as minhas coxas agora.

— Em seguida, você prende as escarpes — continuei. — Depois de inspecioná-las, é claro.

— Faz sentido — ela disse. — Dê um passo à frente.

A água chegou na cintura, e continuei pensando na minha armadura. Ou, enfim, na armadura que desejava ter quando me tornasse soldado.

— Em seguida, você precisa polir a couraça. Use um pano macio, trabalhando com movimentos circulares, na direção externa.

— Soa como mais uma etapa — Rapunzel comentou. Arrisquei a ir mais longe, ainda imaginando a armadura na minha mente. — E agora?

Fechei os olhos.

— Em seguida, você trabalha os braços. Os braços podem ser complicados por causa das articulações.

— Veja só onde você está — Rapunzel disse.

— Não preciso olhar — falei, temendo perder a coragem se abrisse os olhos. — Estou sentido a água no pescoço.

— Mas quero que observe os meus braços. — Abri os olhos. — Você vai movimentá-los para frente e para trás desse jeito quando estiver me contando a próxima etapa da preparação de uma armadura para a batalha.

A exemplo do que ela havia feito, mexi os meus braços e contei a ela sobre o polimento do elmo, sem esquecer de incluir os detalhes sobre a babeira.

— Tudo bem — ela disse. — Você está quase lá. Agora, basta mexer as pernas como se estivesse correndo.

Abri a boca para falar, mas ela me interrompeu, dizendo:

— Cassandra, estou bem na sua frente, e aquela rocha está bem atrás de você. Você está a um braço de distância de um lugar seguro. Então, por que não me conta a próxima etapa, depois do polimento do elmo, e dá o passo final para afastar-se das rochas?

— As pernas — falei, entrando em águas profundas ao mesmo tempo que empurrava as mãos para frente e para trás. — Você tem que polir os coxotes e as grevas, com movimentos para cima e para baixo… Calma aí! Estou conseguindo!

Rapunzel riu.

— Estou conseguindo! Estou conseguindo! — repeti.

De repente, esqueci o que devia fazer com os braços e eles pararam de funcionar. Minha cabeça afundou, mas antes mesmo que eu fechasse os olhos, Rapunzel ergueu-me depressa e me puxou para a segurança da rocha.

— Você conseguiu! — ela disse.

— Eu nadei!

— Não há de quê — ela falou, embora eu não tivesse agradecido. — Isso foi apenas manter posição na água, movimentando braços e pernas. Da próxima vez, vamos praticar natação. Na verdade, nem dá para acreditar que você não sabia nadar. Você é a pessoa mais corajosa que já conheci.

— Como assim? — perguntei. Saber nadar em um reino à beira-mar não era heroico. Era básico.

— Você acabou de enfrentar o seu medo — ela disse. Fiz sinal com a mão para que ela parasse de falar. Ela olhou bem dentro dos meus olhos. — Por que tem medo de água?

— Não é nada.

— Enfrentar o seu maior medo não é *nada*? — ela perguntou. — Você deveria estar muito orgulhosa.

— Grande coisa.

— Que coisa é grande? — Rapunzel perguntou.

— É só uma frase — eu disse, ao perceber que ela estava confusa. — Uma expressão idiomática, sabe?

— Não sei — Rapunzel respondeu, apertando os olhos por causa do sol da manhã. — Bom, tem tanta coisa que não sei que às vezes fico tonta.

— Quando tinha seis anos, quase me afoguei. — A honestidade dela pegou-me de surpresa, e simplesmente comecei a falar.

— Deve ter sido aterrorizante — Rapunzel comentou. — Não me surpreende que tenha medo de água.

— Estou viva. — Dei de ombros. — E quem se importa? — Eu — ela respondeu. — Conte o que aconteceu. Quer dizer, se quiser.

— Ficou no passado. — Por razões que não compreendia, eu *queria* contar, mas não tinha como garantir que não sentiria um nó na garganta de novo.

— É a sua história — Rapunzel disse. — Por isso é importante.

A lembrança estava presa na minha garganta. Sentamos em silêncio por uns momentos, contemplando a água. Os fragmentos de sombras na lagoa escureciam e clareavam. Uma brisa fazia as folhas farfalharem. As aves chilreavam em uma espécie de conversa. Respirei e, antes que desse por mim, a história escapou da minha boca.

— Eu estava à beira do mar com o meu pai. Ele me disse centenas de vezes para ficar perto dele, mas vi um caranguejo e quis pegá-lo. Resolvi segui-lo. Fui derrubada e arrastada por uma onda. Meu pai me salvou. Ficou tão furioso. Senti medo duas vezes naquele dia: uma vez por causa da água, e outra vez pela raiva do meu pai. Nunca mais consegui entrar na água.

— Mas você entrou hoje.

— Entrei.

Ela não tinha dado risada de mim. Não tinha me julgado.

À medida que o sol avançava subindo a colina, os fragmentos de sombra dissolviam-se. Bem à nossa frente, abaixo da superfície, uma luz brilhava tão forte que tive que apertar os olhos. Um punhado de pedras diminutas estava iluminado como chamas azuis — ou eram joias? Era esse o poder antigo? Rapunzel agarrou a minha mão. Dessa vez, não me afastei.

11

RAPUNZEL



—Aqui — eu disse, logo após ter nadado de volta até a superfície com uma das pedras azuis.

Havia tantas delas e, quando as toquei debaixo da água, estavam mornas, como se tivessem capturado o sol que havia aparecido para incendiá-las. Foi necessário um certo esforço para arrancar uma delas, e eu a apertei com força enquanto voltava até onde Cassandra estava. Agarrei-me a uma saliência e passei a pedra para ela, que a colocou na palma da mão, estudando a textura e o tamanho e, em seguida, segurou-a contra o sol.

— É possível que seja apenas vidro? — perguntou Cassandra, virando-a de novo na mão. Ali, na terra, não parecia ser preciosa. Era bonita, mas não excepcional.

— Como pode ser? — perguntei, apontando para o aglomerado de pedras azuis. — Elas têm que estar relacionadas às pedras do poema. Lembra? “A verdade foi selada com pedras preciosas que detêm o poder antigo… Ele sustenta a força de Corona, e nos une, como à flor o sol amigo.”

— Lembro. Pegue outra. — Cassandra disse, bem séria. — Talvez essa aí esteja defeituosa.

— Certo — falei, respirando fundo e mergulhando de novo.

A lagoa era tão pura e cristalina que meus olhos não doíam quando os abria debaixo d'água. Arranquei outra pedra azul da rocha. Nadando de volta, percebi o sorriso no meu rosto e a alegria nos meus braços e pernas. Tinha uma missão agora; um trabalho a fazer em Corona: encontrar o poder antigo! Pela primeira vez, senti que tinha um propósito no meu novo lar.

— Que tal essa aqui?

— Também parece só vidro — Cassandra disse, encolhendo os ombros. Levantou o olhar para o sol. Seu rosto estava enevoado pela preocupação. — É melhor voltar. Já passou do horário do café da manhã, e você está perdendo a refeição.

— Deixei um bilhete para minha mãe, dizendo que ia fazer um passeio para me exercitar — eu disse, saindo da água com um impulso e me sentando ao lado de Cassandra, sobre a rocha.

— Esperta. — Sorri, notando seu respeito pelo meu plano. — Tenho certeza de que ganhamos bastante tempo com isso.

— Não podemos ir embora agora. Mal começamos a desvendar o início deste mistério!

— Nós vamos ter que voltar — Cassandra disse ao calçar as botas.

Nós. Abri um sorriso. Embora tivéssemos começado o dia separadas, estávamos juntas agora. Era tão divertido ter uma amiga que falava de verdade!

— Assim que possível — falei, espremendo a água dos cabelos.

— Sem dúvida — Cassandra disse ao amarrar as botas. — E, até lá, é segredo nosso.

— Mas talvez nossas famílias pudessem nos ajudar a compreender isso — eu disse, colocando o vestido por cima da cabeça.

— Não. Se o rei ou a rainha sequer imaginassem que coloquei você em perigo…

— Diria a eles que a culpa foi minha, que eu a segui.

— Não importa. Você não entende. Quem será punida sou *eu*.

— Não vou contar. E José também nunca contaria.

— Você não pode contar nem mesmo para José — Cassandra disse. — Este lugar pode ser a chave para proteger Corona para sempre. Precisamos descobrir isso antes de qualquer outra pessoa.

E quero aprender a nadar. Este lugar pode ser meu novo campo de treinamento. E se vou entrar para a guarda…

Ela empalideceu.

— Guarda? Mas você é minha dama de companhia — eu disse, observando seu rosto de perto. Ela deixou o silêncio falar por ela até que entendi. — Ah, você não quer ser.

— Nasci para defender este reino.

Reconheci aquele seu olhar.

— Então vou ajudar você — falei, porque conhecia a sensação de ter um sonho queimando por dentro, como uma vela em uma noite sem lua. Para ser uma princesa, eu ainda ia precisar de muitas aulas. Mas ser amiga era algo que eu poderia ser agora. — Não vou contar a ninguém. Você precisa treinar. Posso ajudar você.

— Na verdade… há *uma* manobra que eu realmente preciso aprender. Faz cem anos que ninguém é capaz de realizá-la. Se eu conseguisse, garantiria um lugar na guarda.

— E que manobra é essa? — perguntei.

— É chamada de Besta Alada. São necessárias duas pessoas para fazê-la — Cassandra explicou. — Mas é perigosa, do tipo que pode ser fatal.

— Vou ajudar você — eu disse com firmeza.

— Tem certeza? — ela perguntou.

— Certeza absoluta.

— Tudo bem. — Cassandra assentiu com a cabeça, sorrindo pela primeira vez desde que a vi, de longe, no campo. — Mas agora tenho de ensinar qual garfo você deve usar para comer *waffles* e coisas assim. É isso aí. Vamos lá, Raps.

— Raps — repeti. Gostei. Era curto e direto ao ponto, assim como meus cabelos novos. O melhor de tudo é que tinha vindo de Cassandra.

— Com certeza, Cass — eu disse.

E nos despedimos da nossa lagoa.

Por ora.

Naquela noite, fiz pulseiras com as pedras. Usando uma agulha quente, fiz um furo no meio, por onde passei uma tira fina de couro. Dei uma das pulseiras para Cass depois do jantar.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Uma pulseira — respondi. Mostrei a minha. — Está vendo? Tenho uma também.

— Pulseiras que combinam? Agradeço, mas joias não têm muito a ver comigo.

— Como poesia e biscoitos? — perguntei. Ela apenas sorriu e balançou a cabeça.

Mais tarde, no entanto, quando ela estava me preparando para um almoço com os meus pais, vi que a pulseira estava amarrada em seu punho com um nó muito complicado.

INTERLÚDIO



RAPUNZEL: *Por um tempo, Cass e eu fomos à lagoa todos os dias, com o livro de poesia na mão para resolver o mistério do poema. Cass tornou-se uma boa nadadora, mas não tínhamos encontrado nenhuma pista sobre o antigo poder da lagoa, além das pedras preciosas que brilhavam à luz do sol.*

CASSANDRA: *Logo passou a fazer muito frio, e tempestades terríveis impediram-nos de visitar a lagoa. "Quando as tempestades cessarem, voltaremos para resolver isso", eu disse a Raps. Eu tinha planos para mim em Corona.*

RAPUNZEL: *Nesse período de clima enfurecido, meus dias dentro do castelo eram preenchidos com os preparativos para a minha coroação, bem como lições de diplomacia, geografia e economia. Quanto mais perto estávamos do grande evento, maior o número de aparições públicas minhas. Cada compromisso era acompanhado de regras, vestidos, sapatos e penteados que combinavam com esses deveres. Sentia falta dos dias na lagoa — e da liberdade e do brilho do sol.*

CASSANDRA: *Odiei a preparação para a coroação. Estava ansiosa para sair e fazer alguma coisa. Se tivesse que apertar mais uma anquinha ou colocar mais uma camada de pó no rosto de Raps ou no meu, eu ia explodir. Precisava SAIR.*

RAPUNZEL: *Logo antes da coroação, em um momento que não previ, José pediu a minha mão. Tipo, pediu minha mão em casamento! Na frente de uma multidão! Entrei em pânico. Embora*

amasse José do fundo do coração, não consegui dizer sim. Eu simplesmente não estava pronta para ser uma esposa!

CASSANDRA: *Na noite em que José pediu Raps em casamento, ela estava mais pálida do que barriga de peixe. "Vamos", eu disse. "Vamos sair daqui e nos divertir um pouco."*

RAPUNZEL: *Cass levou-me através de um túnel secreto, e escapamos das muralhas do reino. Cavalgamos como o vento por florestas e clareiras, pegamos vaga-lumes nas mãos e demos saltos mortais na praia. Atravessamos rios e pulamos em piscinas naturais. Senti como se pudesse fazer o que eu bem quisesse, ser o que quisesse!*

CASSANDRA: *A noite era nossa. Decidi mostrar a Raps as estranhas rochas pontiagudas que ficavam do outro lado de uma ponte de pedra.*

"Estas rochas estão no mesmo lugar onde descobriram o milagre que salvou você e sua mãe", contei para ela. O ar parecia mais pesado e sussurrante no local onde estávamos.

Raps estendeu a mão e tocou uma das rochas — e foi nesse instante que a energia ao nosso redor tornou-se escura e perigosa.

Alguma coisa estava acontecendo. Eu não entendia, mas tinha a ver com Raps e aquelas rochas. Era como se a reconhecessem.

"Corra", eu disse, o medo rodopiando no meu sangue. "Corra!"

RAPUNZEL: *Enquanto corríamos sobre a ponte que desmoronava, meus cabelos começaram a crescer. E crescer. E crescer. Foi assustador. Era algo implacável, mesmo. Mais rochas pontiagudas brotaram da terra como se estivessem nos perseguindo. As raízes do meu couro cabeludo davam ferroadas durante a nossa fuga de volta para o reino, e meus cabelos desenrolavam-se atrás de mim. O perigo estava tentando abocanhar nossos calcanhares. Sobrevivemos à jornada de volta ao castelo. Por pouco.*

CASSANDRA: *Retornamos para o castelo ao amanhecer e passei a manhã inteira tentando cortar os cabelos insana-mente longos — e agora loiros — de Raps de um milhão de maneiras diferentes, mas eles não se rompiam.*

RAPUNZEL: *Depois de várias horas, aceitei que meus cabelos estavam de volta e que não seria possível cortá-los. Não seria*

possível ocultá-los. Não seria possível escapar deles. O passado tinha voltado, e meu pescoço doía sob aquele peso.

"Não conte a ninguém o que aconteceu", Cass implorou.

"Por que não posso dizer a verdade?", perguntei. "Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir."

"Se alguém descobrir o que aconteceu, provavelmente serei mandada para um convento. Para sempre."

Concordei com um gesto da cabeça.

"Você promete?", perguntou, travando os olhos nos meus. O terror estava evidente no seu rosto.

Então José bateu à porta.

"Nem para ele", Cass advertiu.

CASSANDRA: *Não conseguimos esconder os cabelos de Raps por muito tempo. E uma vez que o fato foi revelado, passei a viver com medo. Se ela contasse para alguém que eu era a pessoa que a levou para fora do reino, não sei qual seria minha punição, mas sei que poderia esquecer a ideia de ser capitã da guarda algum dia. Poderia esquecer o meu destino. Poderia esquecer quem eu era.*

RAPUNZEL: *Disse a meus pais que agi sozinha. Eles acreditaram em mim — mas meu pai me proibiu de deixar as muralhas do reino outra vez. Quanto a José, só contei que tinha acordado com os cabelos daquele jeito. Mas ele sabia que eu estava escondendo alguma coisa, e isso o estava torturando. E estava me torturando, também! Afinal, as coisas ficaram bem estranhas entre nós depois que recusei o pedido de casamento. Eu não suportava a distância entre nós, por isso, desabei e disse a ele toda a verdade sobre como os meus cabelos haviam crescido de volta. A relação entre José e eu finalmente voltou a ser como antes.*

"Desculpa ter escondido isso de você", eu disse, abraçando José. "A partir de agora, não temos mais segredos."

"E Cassandra?", perguntou.

"Isso é entre mim e ela", eu disse, e respirei fundo.

Até que enfim me sentia melhor. Pelo menos a maior parte do tempo…



PARTE DOIS



12

RAPUNZEL



—Esta grama não está mais verde do que antes? — perguntei a Cass enquanto percorríamos a trilha de esmeraldas rumo à lagoa pela primeira vez em seis meses.

Apenas alguns dias haviam se passado depois que eu contara a José a verdade sobre os meus cabelos, e isso estava me assombrando até agora. A brisa morna da primavera varreu minha culpa ao agitar as folhas acima de nós. Eu não parava de sorrir. A temporada de tempestades tinha sido longa e fria, mas hoje parecia verão, pelo menos ao sol. Parei e apanhei uma folha de grama.

— É de um tom mais brilhante, mais para periquito do que para esmeralda.

— Periquito? — Cass perguntou, com os seus mapas e instrumentos para desenho técnico debaixo do braço. — Verde é verde, Raps. — Fez um gesto para que eu continuasse caminhando. — Vamos lá, não dá para passar a manhã inteira olhando para a grama, temos de aproveitar ao máximo nosso tempo na lagoa. A realeza hervaniana está chegando hoje à noite para uma estadia longa, e o Festival da Lua Oculta está próximo. Sua agenda vai começar a ficar alucinante de novo.

— Pode me falar de novo sobre o que é o festival? — perguntei, enfiando a folha de grama no bolso e correndo para alcançar Cass. Não podia acreditar que mais um grande evento estava para acontecer tão depressa. A coroação tinha ocorrido havia tão pouco tempo.

— Em geral, é chamado de Festival da Lua das Flores porque acontece em abril — Cass explicou.

— Justo quando todas as flores começam a desabrochar! — falei, notando uma porção de bocas-de-leão roxas na base do rochedo.

— É, acho que as pessoas gostam desse tipo de coisa — Cass disse enquanto subíamos. — Então, todo ano, na primeira lua cheia de abril, todos os aldeões vêm até o castelo para mostrar suas habilidades e aprender uns com os outros. Ocorre uma apresentação e um grande baile, claro. Este ano vai ser maior do que nunca porque é uma lua oculta, por isso a mudança de nome…

— Um eclipse — eu disse.

— Exato. Algumas pessoas acham que traz boa sorte; outras, que traz azar.

— O que você acha? — perguntei quando descemos para atravessar a ravina. A água estava mais fria do que eu me lembrava.

— Não sou supersticiosa — Cass respondeu, guiando-nos pelo caminho. — Tudo o que sei é que você e eu estaremos *muito* ocupadas. A rainha nos atribuiu muitas tarefas. Daremos início às festividades exibindo algum de seus talentos.

— Pintura, por exemplo?

— Não leve para o lado pessoal, mas não é muito emocionante ficar vendo alguém pintar, especialmente para uma multidão. Estava pensando em algo como esgrima — ela disse.

— Claro, isso seria divertido…

— E depois preciso liderar algumas atividades, e você terá de fazer aparições durante todo o festival. Mostrar o rosto, apertar algumas mãos, beijar alguns bebês. Você sabe do que estou falando.

— Uau — eu disse, no momento em que a lagoa surgiu à nossa frente. Tinha esquecido como era bonita! A água era de um profundo tom turquesa, e o sol cintilava na superfície como faíscas

minúsculas. Sentei-me no banco de musgo e inclinei-me para sentir a temperatura da água com a mão.

— Vou explorar aquela parte — Cass disse, apontando para o lado oposto da lagoa. — É onde estão os lugares que faltam nos meus mapas.

— Tudo bem — falei, olhando para o meu reflexo na superfície da água.

Arregalei os olhos. A visão dos meus cabelos ainda me surpreendia. Mergulhei os pés. Estava fria, mas maravilhosa. Não pude deixar de pensar no tempo que tinha passado ali com Cass, ensinando-a a nadar. Senti um aperto no estômago, como acontecia com frequência nos últimos dias, quando pensava no quanto Cass ficaria furiosa se soubesse que tinha contado a verdade sobre a nossa noite fora das muralhas a José. Só precisava convencê-la de que poderia confiar nele. Então ela compreenderia e tudo ficaria bem. Eu me perguntei se estaria frio demais para nadar um pouco, enquanto erguia o vestido e entrava até a altura das panturrilhas. Sim! Estava muito gelada — mas não menos bonita por causa da temperatura.

— Tem que ser algo importante — Cass falou, atraindo minha atenção para o momento presente. Ela espreitava por detrás da cachoeira.

— O quê? — perguntei, correndo até ela.

— Veja só — Cass disse. Onde antes havia uma cachoeira jorrando água em profusão alguns meses antes, agora restava apenas um fiozinho.

— O que aconteceu com a cachoeira? — perguntei.

— As tempestades foram tão violentas que talvez a paisagem tenha sido modificada, redirecionando o curso da água. Mas Raps… — ela disse, apontando. — Olhe o que estava escondido atrás dela.

Sem a parede sólida da água que caía de cima, tinha-se uma boa visão do espaço sob a cachoeira. Havia um semicírculo de rochas lisas, planas, formando uma tabela de classificação.

— Parece ter sido construído por pessoas — eu disse, entrando na água gelada.

— O que é, então? — Cass perguntou.

— Um historiador poderia ter essa resposta — falei, animada. Se fosse uma pista, estaríamos um passo mais perto de resolver o mistério do antigo poder da lagoa. E isso parecia ser mais importante agora do que nunca. Era algo que eu poderia fazer para ajudar o reino sem decepcionar meus pais ou magoar minha melhor amiga.

— Precisamos visitar Xavier. Ele é o único que pode ter as informações que vão nos ajudar a juntar as peças deste quebra-cabeça. Até que enfim você vai ter a lição de história que queria.



13

CASSANDRA



Andar com Raps pelo mercado até chegar à loja de Xavier não foi fácil. Ela se distraía muito facilmente com as lojas e com os vendedores. Para ser sincera, eu adorava o mercado também, mas, afinal, estávamos em uma missão.

— Ah, Cass, você está sentindo esse cheiro? — ela perguntou ao passarmos pela padaria.

Senti um cheiro delicioso, mas tinha que nos manter no caminho.

— Prioridades! — eu disse, orientando-a a seguir em frente, mesmo que minha boca se enchesse de água e meu estômago roncasse enquanto o aroma dos produtos da padaria flutuava em nossa direção.

— Olhe, uma vendedora de tinta! — ela disse, apontando para uma garota da nossa idade com cabelos ruivos e encaracolados, amarrados em um rabo de cavalo. — Se eu soubesse que tinha alguém na cidade vendendo materiais para arte, viria ao mercado com mais frequência!

— Estamos tão ocupadas hoje — falei, tentando man-tê-la concentrada. — Não temos tempo de fazer compras.

— Espere um minuto. — Ela derrapou até parar. — Está me dizendo que nós *não* vamos comprar alguns daqueles doces?

— Raps, se a princesa visitar a padaria, o padeiro vai querer que toda a família cumprimente você, e seria grosseiro se você não concedesse…

— Se *você* comprar, só vai demorar um segundo. Vou esperar aqui.

— Certo — eu disse, mais rápido do que gostaria de admitir. — Tudo bem. Mas coloque o manto. Não temos tempo para uma reunião do fã-clube!

— O cheiro te conquistou, não foi? — ela perguntou.

— Volto logo.

Entrei para comprar os doces. Quando voltei, Raps estava conversando com a vendedora de materiais para arte, apesar da promessa de não sair do lugar.

— Com licença — falei para a vendedora, segurando Raps pelo braço. — Estamos com pressa.

— Ah, mas nós estávamos… — a garota começou, mas dei um sorriso seco e apressei Raps.

— Tchau, Dália — Raps disse, virando-se para trás e acenando.

Desembrulhei os doces enquanto caminhávamos e entreguei um para Raps.

— Ela é legal — Raps disse. — E é uma artista profissional. Talvez pudesse ensinar arte no festival.

— O pintor de retratos oficial do castelo já faz isso. Vamos, podemos comer e andar. — Não pude evitar. Devorei o doce. Estava delicioso, quente e melado, com açúcar meio derretido, coberto com amoras e creme. — É muito bom.

— Bom? É tipo a melhor coisa que já comi! — Raps disse, limpando as mãos no lenço.

— Raps, o seu nome do meio é hipérbole — falei.

— O que posso dizer? Gosto de muitas coisas!

— E aqui estamos — eu disse, indicando a entrada da loja de Xavier com um gesto.

A loja era pequena e escura, mas tão arrumada e organizada quanto meu armário de armas. Martelos, bigornas, cinzéis e pregos estavam pendurados em uma parede. Ferraduras, chaves e fechaduras penduradas em outra. Raps e eu puxamos duas banquetas ao mesmo tempo que Xavier atiçava a fornalha.

— Princesa, é uma grande honra conhecê-la. Estou muito satisfeito por ter vindo à minha loja — Xavier disse, com uma mesura.

— Sou eu quem tenho a honra de conhecê-lo — Rapunzel falou, fazendo uma reverência. — Sei que tenho muito para aprender sobre Corona, e você é o homem que pode me ajudar.

— Você me lisonjeia — Xavier disse. — Mas vou fazer o meu melhor. Agora, se puderem aguardar só um instante, já voltarei para ficar com as senhoritas. Preciso alimentar o fogo da manhã para o dia de trabalho.

— Aquelas adagas são do novo estilo que eu tenho ouvido falar? — perguntei, admirando as armas em uma mesa próxima.

— De fato — Xavier disse. — O rei as encomendou para a guarda. São as adagas mais perigosas que já vi.

— De que maneira?

— Sinta isso — ele disse enquanto me entregava uma adaga. Era tão leve. Corri o dedo ao longo da lâmina fina. Meu pulso acelerou com a emoção. Seis meses fora muito tempo para não pensar em nada além de coisas de princesa. — É possível cortar uma armadura como se fosse papel. Seria terrível se uma delas caísse em mãos erradas.

O perigo dominava minha mente nos últimos tempos. Desde que os cabelos de Raps cresceram de volta, eu estava vivendo com uma bola de gude de medo que subia e descia entre meu estômago e minha garganta.

Sim, já tínhamos vivido aventuras antes, mas essa abalara o reino.

O rei e a rainha estavam tentando acreditar que ela tinha agido sozinha naquela noite, mas estavam apreensivos. Sentiram que faltava uma peça. A ideia de ir para um convento — ou qualquer outra punição que planejassem — me mantinha acordada à noite. E o pior era o pensamento de que eu nunca faria parte da guarda

coroniana. Toda vez que isso passava pela minha mente, um suor frio brotava em mim. O que eu precisava mais do que nunca era assumir o controle do meu futuro, para mostrar que era uma coroniana dos pés à cabeça. Tinha que descobrir qual era o antigo poder de Corona. Tinha que resolver o mistério da lagoa. Isso me concederia a liberdade.

Xavier sentou-se conosco. Entreguei o punhal de volta: o cabo primeiro, à maneira de um soldado treinado.

— E então — Xavier disse, esfregando as mãos. — Como posso ser útil?

— Bem, tenho muitas perguntas sobre a história de Corona… — Rapunzel começou.

— O que você acha disso? — perguntei, indo direto ao assunto e entregando a ele o esboço de Raps do semicírculo de pedras.

Xavier pigarreou e o estudou por um momento.

— Parece um antigo círculo cerimonial saporiano. Onde você encontrou isso?

— Nos arredores da aldeia — eu disse, antes que Raps respondesse. Ela era honesta demais para o seu próprio bem, às vezes.

— Perto dos estábulos comunitários? — Xavier perguntou.

— Sim.

— Que tipo de cerimônias aconteceram nesses círculos? — Raps perguntou.

— De todos os tipos! Celebrações de nascimento, rituais de morte, casamentos, orações de colheita, você escolhe. Posso indicar mais, se quiserem. São bonitos, não são? É uma construção de pedra de primeira classe. Posso ajudar em mais alguma coisa?

— Na verdade, pode. Queremos saber mais sobre este poema — Raps falou, deslizando o livro sobre a mesa até ele.

— Nossa. O que temos aqui? — Xavier perguntou, os cantos dos olhos enrugando com um sorriso ao ler o poema. — Um exemplar autêntico de “A Lagoa Perdida”?

— Você conhece o poema? — ela perguntou.

— Claro — ele disse, o sorriso espalhando-se pelo rosto. — Embora uma edição impressa… Ora, isso é muito raro, sem dúvida.

— As mãos grandes viravam as páginas do livro com delicadeza. — Onde o encontraram?

— Na biblioteca — Raps respondeu.

— As bibliotecas possuem grandes tesouros, e esse é uma verdadeira joia.

Raps e eu trocamos um sorriso rápido.

— O que você sabe sobre esse poema? — perguntei.

— “A Lagoa Perdida” é um dos poemas mais antigos de Corona. É uma lenda que foi transmitida no boca a boca apenas, ou pelo menos era o que eu pensava. Pelo visto também foi escrito. Fascinante.

— Lenda? — perguntei. — Então não é certeza que um lugar como este existe?

— É apenas uma fantasia de poeta. Há muito tempo, antes mesmo de eu nascer, as pessoas procuraram por esse lugar de cima a baixo. Nunca conseguiram encontrá-lo, nem mesmo os cartógrafos que tiveram como missão de vida cartografar cada centímetro desse reino.

— É sério? — perguntei. Era muito difícil não sorrir, sabendo que tinha superado um monte de cartógrafos antigos.

— Sério — Xavier disse, e levantou o livro.

— O que vocês têm aqui é só uma história. Mas ela as intrigou, portanto, significa que é boa. As pessoas pensam que é fácil escrever um romance, mas não é verdade. Apenas as grandes histórias de amor duram.

— Romance? — Raps disse. — Conte mais!

— Pensei que o poema fosse sobre o maior poder de Corona — eu disse. — Não sobre amor.

— É sobre ambos — Xavier falou e acariciou o queixo. — Vocês conhecem a história de Herz Der Sonne e da general Shampanier, certo?

— Não — Raps disse.

— Mas com certeza você conhece, Cass. Nós a celebramos todo ano, ao comemorarmos o Dia dos Corações.

— Ouvi a história, mas na verdade nunca prestei atenção aos detalhes. — Xavier ergueu as sobrancelhas, surpreso. — O que foi?

Não sou do tipo de garota romântica. — Indiquei Raps com um gesto. — Ela vai acreditar sem questionar.

— Conte para mim! — Raps disse.

— Há mais de duzentos anos, o rei de Corona, Herz Der Sonne, criou um sistema de túneis para movimentar os cavaleiros e os suprimentos pelo reino — começou Xavier. — Afinal, estávamos em guerra com Saporia, e esses túneis nos davam uma vantagem estratégica.

— Ouvi falar deles… — Raps falou, olhando para mim, nervosa. Os túneis haviam desempenhado um papel crucial para tirar Rapunzel do reino, na noite em que seus cabelos cresceram de novo.

— Ele mantinha mapas detalhados desses túneis em um livro. E a general Shampanier, a soberana de Saporia, o roubou. Ela era uma guerreira notável e ia usar os túneis para atacar Corona. Provavelmente ela teria nos conquistado. Mas, ao final do livro, ela descobriu a confissão de amor de Herz Der Sonne. Ele estava perdidamente apaixonado por essa mulher forte e inteligente.

— É mesmo? — Raps disse. Xavier assentiu. — Tão romântico!

— O que isso tem a ver com a lagoa? — perguntei.

— Este poema foi escrito durante a Era da Unidade, quando Herz Der Sonne e a general Shampanier casaram-se e uniram os países para criar Corona como a conhecemos. Houve uma explosão de poesia romântica, e “A Lagoa Perdida” foi um poema que de fato capturou a imaginação das pessoas.

— Você tem certeza de que não tem uma narrativa militar lá também? — perguntei. — Estamos falando sobre o maior poder em Corona, certo? Não podem ser só carinhos.

— Cass! — Raps riu.

— Não sou escritor, mas claro que o poema ocorre durante um conflito — Xavier disse. — Caso contrário, onde estaria o drama?

— Xavier — chamou um homem vindo da sala dos fundos. Tinha cabelos escuros, penetrantes olhos azuis e era tão alto que tinha que se inclinar para passar pelo limiar da porta. Estava segurando um dos novos punhais. — Acho que podemos tornar este punhal ainda mais mortal ajustando o raio do… — Ele olhou para cima, notando a nossa presença pela primeira vez. — Olá.

— Este é o meu novo assistente, Marco. É um homem de muitos talentos — Xavier falou.

— Obrigado — Marco disse e sorriu com entusiasmo.

— Marco, esta é a princesa Rapunzel e sua dama de companhia, Cassandra.

— Estou honrado — Marco disse, fazendo uma mesura. Raps sorriu e assentiu em resposta. — Ouvi tantas coisas maravilhosas sobre você, princesa. A que devemos a distinção desta visita?

— Essas jovens damas descobriram uma cópia verdadeira do antigo poema “A Lagoa Perdida” — Xavier falou.

— Isso é extraordinário — Marco disse, concentrando-se no livrinho verde.

— Não é mesmo? Elas encontraram um tesouro na biblioteca real.

— É uma das raras cópias do poema. Sim, claro — Marco disse. — Eu sabia que aconteceriam coisas incríveis se viesse trabalhar para você, Xavier. E aqui está o exemplo perfeito. A lenda sobre o antigo poder de Corona sempre foi uma das minhas favoritas.

— Então você acredita que o poema é mais do que uma história de amor? — perguntei a Marco.

— Sem dúvida.

— Você acha que é real? — Raps perguntou.

— Infelizmente, não. Mas é bom sonhar, não é? Também sou um pouco sonhador.

— Tenho que concordar — Xavier disse quando Marco retornou para a sala dos fundos. — Uma imaginação fantasiosa ajuda a nos perder, e todos precisamos nos perder às vezes, não é? É assim que encontramos nosso caminho.

— É verdade — disse Rapunzel, com um olhar de admiração.

— Então você tem cem por cento de certeza de que não tem nada de verdadeiro nisso, nenhum poder antigo a ser descoberto? — perguntei. Eu não estava disposta a deixar a conversa virar uma discussão sobre sonhos.

— Tenho — Xavier disse.

— Precisamos ir — declarei, olhando para o sol baixando pela janela de Xavier.

— Precisamos? — Raps perguntou.

— Você tem aula de dança, lembra? — eu disse. — Se eu não deixar você vestida, calçada e pronta para treinar a dança *allemande* em trinta minutos, *monsieur* LaFleur vai me fazer dar uma pirueta na beira de um penhasco.

— Ele é um bom professor — disse Rapunzel, embora desse para perceber que ela estava tentando não rir. — É só um homem muito pontual.

— Vamos, Raps — eu disse, indicando a porta. — Vamos embora.

Enquanto eu arrumava o vestido dela antes da aula de dança, Rapunzel disse:

— Queria que você me deixasse contar para José toda a verdade sobre a noite em que os meus cabelos cresceram de novo.

— De jeito nenhum — disse a ela.

— Quero que você compreenda o tipo de pessoa que José é. Confio a minha vida a ele.

— Certo, a *sua* vida. Essa é a minha. E não vou ser banida se puder evitar.

— Olá, garotas — a rainha Arianna disse, liberando uma dose de adrenalina nas minhas veias.

Puxa, ela chegou tão silenciosamente. Acho que praticar movimentos graciosos *vale* a pena. Minhas mãos, de repente escorregadias, atrapalharam-se com os botões do vestido de Raps. Até mais do que o rei, a rainha Arianna parecia sentir que a história de Raps não batia.

— Oi, mãe — Raps disse.

— Olá — falei, focada na minha tarefa. — Rapunzel está pronta para a aula de dança.

— Nem um minuto mais cedo — a rainha Arianna disse quando o relógio deu as horas.

— Ou um minuto mais tarde — Raps disse com um sorriso e correu para o salão de baile.

Fiz uma reverência para a rainha e corri para o quarto de Rapunzel para arrumar o vestido dela para o jantar, com o coração batendo no tempo do metrônomo de *monsieur* LaFleur.

14

RAPUNZEL



—Um e dois e três e quatro, e um e dois e três e quatro — *monsieur* LaFleur contava. Ele batia palmas para marcar o ritmo enquanto eu dançava a *allemande* com um parceiro imaginário. — Leveza nos pés, braços em arco e vire a rosa!

Tropecei em mim mesma e *monsieur* LaFleur fez um gesto para os músicos pararem. Estalou a língua em sinal de reprovação e balançou a cabeça.

— *Non, non, non*. Assim não pode ser. *Pas de tout!* — Inalou profundamente através das narinas longas e trêmulas. — Princesa, para você dançar a *allemande*, sua mente e seu corpo têm que estar presentes. Os dois devem trabalhar em harmonia, caso contrário, a dança fica imperfeita.

— Sim, *monsieur* — eu disse, inclinando a cabeça. Não conseguia tirar da mente o fato de ter contado a José sobre a minha aventura com Cass. Ela não suspeitava de nada, e isso era ainda pior. Eu tinha sentido que era tão correto dizer a verdade a José, mas a culpa em relação à Cass incomodava. — Sinto muito. Tenho bastante coisa para pensar.

— O corpo, a mente e a alma devem unir-se nesta dança opulenta, nesta mais pura expressão de elegância. Você está

pronta?

— Hum, acho que sim? — eu disse.

— Muito bem — ele falou, e os músicos recomeçaram. Eu tinha acabado de iniciar a *demi-coupé* e *fouetté* quando *monsieur* LaFleur disse: — E quanto à sua reverência? *Ma chérie,* as reverências não podem apenas ser deixadas de lado como repolhos velhos!

— Ops — eu disse.

— Precisamos de José. Deveria ter pensado nisso antes.

— Precisamos? — perguntei. Amava José, mas não achava que a presença dele era necessária nessa aula de dança específica.

— Claro, vocês estão apaixonados! Não há nada que provoque mais distração. É preciso simplesmente render-se ao amor.

— Acho que você está certo — eu disse.

Embora não fossem os pensamentos sobre José que estavam me distraindo, ele com certeza tornaria essa aula mais divertida. *Monsieur* LaFleur foi procurá-lo, e fiquei analisando por que tinha feito a coisa certa ao contar para ele que fora Cass quem me levara para fora do reino. *Nosso relacionamento depende de abertura e confiança. Ele é meu companheiro em tudo. O segredo da lagoa é entre mim e Cass. Nunca a trairia. Mas os cabelos são meus e a maneira como cresceram de volta é uma das coisas mais importantes que já aconteceu comigo. É o fardo que carrego. Não posso esconder isso dele sem levantar uma parede entre nós.*

Quando José passou pela porta com aquele sorriso malicioso no rosto, meu coração brilhou.

— Fiquem na posição, meus pombinhos — *monsieur* LaFleur disse. A música começou.

José fez uma mesura e eu, uma reverência. *Ele me conhece*, pensei. No meio do caos de ter desafiado os meus pais e ter meus cabelos crescendo de novo, eu me senti tão bem por ser conhecida. E eu o conhecia também. Ele não diria a ninguém que Cass tinha sido a pessoa que me tirara do reino na noite em que os meus cabelos voltaram a crescer. José era confiável.

— Estou feliz por ter contado a você — sussurrei.

— Eu também. — Por um segundo, apoiei a testa em seu peito.

— *Non, non*! — *monsieur* LaFleur disse. — Sei que a dança é romântica, mas devemos resistir à quebra da forma. É na tensão

entre o desejo e a resistência que a dança vive.

— Esse cara é um belo filósofo — José murmurou.

Dei umas risadinhas, mas me contive quando *monsieur* LaFleur lançou-me um olhar sério. José e eu permanecemos com olhos nos olhos enquanto dançávamos a *allemande* por todo o salão de baile. Nossos passos estavam em sincronia e movendo-se no ritmo. De fato, eu mal sentia os pés tocarem o chão.

— Bonito — *monsieur* LaFleur disse ao voarmos pelo salão, todos os passos da dança combinando com a música, exatamente como deveriam. — Encantador!

Por um momento, senti que talvez, apenas talvez, tudo fosse acabar bem.

15

CASSANDRA



—Onde é o incêndio? — José perguntou, surgindo do nada.

Eu estava a caminho para pegar o vestido novo de Raps. A voz dele me fez pular.

— Fique fora do meu caminho, Bezerra. Estou com pressa — eu disse, recompondo-me.

Naquela noite, Raps participaria de um jantar com a realeza hervaniana, que estava em Corona para uma visita prolongada e para participar do Festival da Lua Oculta. Hervan, um país pequeno, mas agressivo, por fim tomara iniciativas de paz com Corona, e o rei e a rainha estavam ansiosos para tornar a reconciliação oficial.

A rainha Arianna havia pedido que Rapunzel usasse um vestido de noite feito de seda azul, que o marquês e a duquesa tinham enviado como presente. Friedborg estava costurando o vestido havia meses e, por fim, estava pronto.

— Nem todos passamos nossos dias recebendo massagens — continuei. — Alguns de nós têm *trabalho* a fazer.

Passei por ele e retomei o ritmo rápido. Vinha evitando José assim como a varíola. Ele não tinha parado de me importunar querendo saber sobre Raps e seus cabelos que cresciam de novo. Estava preocupado que ela não estivesse “compartilhando os seus

sentimentos”. Droga. Não importava quantas vezes eu dissesse a ele que não tinha ideia do que estava acontecendo, ele não me deixava em paz. No dia anterior, ele dissera:

— Dá para perceber que você sabe de alguma coisa.

— Não sei de nada — respondi. Um sorriso sereno espalhou-se por seus lábios, mas eu não estava para brincadeiras. — Ah, não tente esse negócio comigo!

— Cassandra — ele disse na hora em que eu estava prestes a virar no corredor, em direção aos aposentos da rainha.

— Estou trabalhando, José… — comecei de novo.

— Sei, sei, você está ocupada — ele falou, apoiado na parede.

— O que é? — perguntei com um suspiro. — Porque já disse para você que não sei de nada sobre os cabelos…

— Cassandra, Cassandra. Só relaxe, está certo? Por um segundo, talvez? Só queria falar para você que espero que possamos ser amigos. O que quer que eu tenha feito para deixar você tão chateada comigo, peço desculpas. Não podemos recomeçar do zero?

— Sei o que está fazendo, Bezerra. Você está tentando me acalmar para me pegar desprevenida, achando que vou ceder à pressão. Mas não há nada para ceder! Não sei de nada. Então, esqueça. Vá aplicar seu biquinho em outra pessoa.

— Na realidade, não é isso que estou fazendo — ele disse.

— Por favor — pedi. José estava sempre tentando obter alguma coisa. — Você não está tentando me pressionar para conseguir informações? — Examinei o rosto dele procurando por qualquer indicação de mentiras, como contrair os lábios ou piscar os olhos com rapidez.

— Não — ele respondeu, como se não tivesse nem uma preocupação neste mundo. Como se soubesse exatamente o que tinha acontecido.

Senti o sangue correr para os pés.

Ele sabia.

— Ela contou para você — falei em voz tão baixa que mal era audível. A surpresa e o medo passaram em um flash pelo seu rosto.

— Não! — ele disse, mentindo descaradamente. Ah, sim. Aqui estava o José que eu conhecia. Ele gaguejou. — Ra-Rapunzel?

Contar alguma coisa sobre você? Nunca! Essa é a coisa mais distante da verdade. Rapunzel não disse uma palavra sobre você e aquela noite.

Meu peito começou a apertar como se fosse puxado para dentro de um espartilho.

Ler rostos para detectar mentiras era parte do treinamento de um soldado. Os sintomas eram clássicos: minúsculas gotas de suor no lábio superior. Olhos evasivos. Soluços.

Ela tinha contado para ele. *Ela tinha contado para ele!*

— Cassandra, acho mesmo que você está (*soluço*) tirando conclusões precipitadas.

— Você mente muito mal — informei.

— Você é assustadora — José disse. — Quero dizer, veja bem (*soluço*). Tivemos uma discussão sobre o que aconteceu. Não vou dizer uma palavra, prometo. Sei que você não confia em mim, mas *pode* confiar.

O ar estava muito pesado para respirar. Andei a passos largos até o quarto de Friedborg, peguei o vestido de seda azul das mãos dela e depois corri para os meus aposentos, para me recompor.

Comecei a arrumar as coisas imediatamente, jogando os meus pertences em uma bolsa. Não ia ficar por aqui o suficiente para alguém me prender. Eu partiria à noite.

Afinal, por que deveria permanecer em Corona? Não podia confiar na minha melhor amiga. Não podia nem mesmo continuar uma pequena aventura sem arriscar ser mandada para um convento. Minhas chances de entrar para a guarda dependiam de encontrar um antigo poder que vinha se esquivando de nós por tanto tempo que provavelmente levaríamos anos para encontrá-lo.

Que tipo de vida era essa?

Abri meu armário de armas e escolhi os itens mais essenciais para levar comigo.

Por que Rapunzel faria isso quando sabia as consequências para mim? O vestido de seda azul pendia como o fantasma dela.

— O que você estava pensando? — perguntei ao vestido pendurado. — *Tinha* que contar para o seu namorado? E a nossa amizade? Não significa nada para você?

Como pude ter sido tão estúpida ao confiar nela? E o que mais ela teria dito a ele? Ele sabia sobre a lagoa? Já sabia todo esse tempo sobre o meu problema com a água?

O relógio da torre bateu cinco horas. A aula de dança e o chá da tarde tinham terminado e era provável que ela estivesse esperando por mim no quarto. Eu precisava vesti-la e aprontá-la para encontrar os hervanianos. Mas a última coisa que eu queria fazer era vesti-la. Queria abrir os mapas, planejar a rota e seguir caminho para a vida à qual estava destinada, mas com certeza ela tentaria me impedir.

Acalme-se, disse a mim mesma. Eu não ia deixar escapar que sabia. Agiria normalmente e depois, à noite, iria embora. *Fique calma*, repeti. *Você é antes um soldado*, *e dama de companhia depois.*

16

RAPUNZEL



Depois da minha aula de dança, o sol da tarde estava quente e dourado enquanto eu colhia flores para Cass colocar na minha trança. Já estava quase terminando quando vi um canteiro de flores vermelhas, e pensei que ficariam espetaculares em contraste com os cabelos escuros de Cass. Ela não era dessas que gostam de usar flores, mas talvez me deixasse colocar uma no seu vestido. A cor deixaria sua pele clara perfeita. Ou ela poderia colocar algumas em um vaso perto da cama. Eu me recusava a acreditar que existia alguém que não se sentisse melhor com flores recém-colhidas no seu quarto.

Colhi algumas e voltei para o castelo. A grama afiada pinicava meus pés, e a luz do sol aquecia meu rosto e meus braços.

A dança com José tinha apagado as minhas preocupações, ou pelo menos as afastado. *Monsieur* LaFleur estava certo — dançar era um tônico para a alma. Algo sobre movimentar-se no tempo da música me revitalizou, dos dedos dos pés aos cabelos.

Sorri ao me dar conta de que, pela primeira vez desde que chegara ao castelo, estava de fato ansiosa pelo jantar com nobres estrangeiros. Na maior parte do tempo, eu estava sempre tão

consciente de como vivia deslocada, do quanto desconhecia os costumes mesmo depois de seis meses aqui, que precisava ter uma conversa motivadora comigo mesma antes de cada evento. Tinha começado a contar com o humor de Cassandra para me ajudar a aguentar os compromissos.

Mas eu me sentia verdadeiramente preparada para essa noite.

Cass me ensinara noções básicas da cultura hervaniana — eles são impertinentes, mas podem ser engraçados; são desconfiados, mas não maldosos —, e até aprendi a usar aquele garfo minúsculo para comer ostras, uma iguaria hervaniana. Quando chegasse a hora de demonstrar a *allemande*, não tinha dúvidas de que agradaria os visitantes. E eu não podia negar: estava ansiosa para sentir a mão de José de novo na minha cintura, guiando-me com leveza pelo salão.

— Luz do sol?

Virei-me e vi José apertando os olhos contra o pôr do sol, com a testa enrugada de preocupação.

— Estava pensando em você neste minuto — eu disse, colocando uma flor na lapela dele.

— Estava? — ele perguntou.

— Quer me acompanhar até meu quarto? — perguntei. — Estou um pouco atrasada, acho, e Cass tem de se certificar de que meu vestido serve. E temos que lidar com isso! — Sorri e apontei para meus cabelos. — Não é muito fácil domar esta juba.

— Tenho mesmo que conversar com você sobre uma coisa — José disse ao subirmos os degraus do castelo.

— Sobre os meus cabelos? Você tem mais perguntas?

— Não — José respondeu. Notei o sol baixando e apertei o passo em direção ao longo corredor que levava ao quarto. Ele teve de correr um pouco para manter-se ao meu lado. — Na verdade, é sobre Cassandra. Veja só, ela não está de muito bom humor. Encontrei com ela depois da nossa aula de dança e…

— José, quantas vezes tenho que falar para você? Cass é assim mesmo. Ela não é muito cheia de delicadezas, mas é só uma máscara. Por dentro, ela é uma doçura.

— Ah, é — José disse em voz baixa quando viramos o corredor, chegando perto da minha porta. — Tão sentimental quanto um

porco-espinho. Ei, você pode ir mais devagar por um segundo?

— Na verdade, não. Não posso me atrasar. Estou tentando aceitar essa coisa de princesa. Desde *aquela noite*, não estou exatamente nas boas graças dos meus pais. — Estava um pouco sem fôlego quando me aproximei da porta. Mexi na fechadura, ainda falando. — Prometo, quando você e a Cass se conhecerem melhor, você vai ver que, por dentro, ela é a pessoa mais doce e bondosa e, lá no fundo, tão gentil quanto um…

— Como você pôde? — Cassandra perguntou do outro lado da porta, com as mãos fechadas, como se fosse dar socos. Vi a tensão nos seus olhos, no seu pescoço e nas articulações brancas dos dedos de suas mãos.

— … cordeiro? — terminei, apesar de meu coração batendo forte me dizer que estava enfrentando um leão.

— Cass, o que foi? O que aconteceu?

— Estava tentando contar a você — José disse.

— Deixe-nos sozinhas — Cass disse para ele.

— Ãh, José? — falei, virando-me para ele. — Você pode nos dar uns minutos?

— Eu realmente preferia ficar e explicar de uma maneira calma e racional… — José começou.

— FORA! — Cass ordenou, apontando para a porta.

— Vou sair agora. Rapunzel. Prometo, não traí você.

Fechei a porta depois que ele saiu e olhei para Cass. Meu coração batia acelerado.

— Cass, o que quer que tenha acontecido, não pode ser tão ruim assim — eu disse.

— Não tão ruim, hein? — ela retrucou, com o olhar duro. — Você contou a ele que levei você para fora do reino? Como pôde fazer isso?

— Ah, hum… isso.

— É, *isso*! Você contou ao seu namorado, o ex-ladrão.

— Ele é mais do que só o meu namorado. E não é mais um ladrão.

— As pessoas não mudam! Você contou para um *criminoso* um detalhe que põe todo meu futuro em risco. Eu poderia ir para um convento, Rapunzel! — Ela não falou meu nome, ela o cuspiu, e o

som atingiu-me como um dardo. — E o meu sonho de toda uma vida de servir na guarda, para o qual venho me preparando desde que me conheço por gente? Acabou. Um convento é o melhor cenário, na verdade. Quero dizer, coloquei a vida da princesa em perigo. Nunca mais serei respeitada outra vez.

— Cass, não! Nunca vou deixar ninguém falar mal de você. E você não tem que ir a lugar algum — eu disse, correndo para ela. — José não vai dizer uma palavra. Nunca teria contado para ele se achasse que ele contaria.

— Não posso correr esse risco — ela disse, entregando-me o vestido de seda azul que eu deveria usar naquela noite. A seda brilhava. Tinha sido costurado com perfeição.

— O que você quer dizer? — perguntei. — José e eu vamos ser rei e rainha um dia. Não podemos ter segredos. Simplesmente não podemos. — As minhas palavras estavam falhando. Estavam saindo da minha boca, mas perdiam o significado no ar entre nós duas.

Ouvi uma batida na porta.

— Rapunzel?

— Mãe? — eu disse. Uau. A chegada dela não poderia ter sido em um momento pior.

— Você está pronta, querida? Gostaríamos de cumprimentar os nossos convidados como uma família. Esta é uma reunião importante.

— Só preciso de um pouco mais de tempo — respondi, sentindo Cass enfurecida ao meu lado. Era como estar perto de uma fogueira crepitando. — Encontro vocês, digamos, em dez minutos?

— Não temos dez minutos, Rapunzel. Vou ficar aqui fora — minha mãe disse.

Eu me despi e lutei para entrar no vestido novo. Cassandra abotoou as costas. Os dedos dela estavam frios na minha pele.

— O que você quer dizer com “não pode correr esse risco”? — sussurrei, enxugando lágrimas do rosto.

— Vou embora — ela sibilou. Abotoou o último botão, deixando o corpete apertado. — Você está pronta agora. Está na hora de ir.

— Não vou a lugar algum até me contar o que vai fazer — sussurrei, virando-me e agarrando os ombros dela.

— Vou encontrar outro castelo, outro reino. Consigo encontrar trabalho como soldado — ela disse, com os dentes cerrados.

— Rapunzel? — minha mãe chamou do outro lado da porta. — A pontualidade não é apenas respeito que concedemos a todos os convidados do castelo, mas o exemplo que estabelecemos. Vejo você no salão em exatamente dois minutos. — Sua voz era gentil como sempre, mas dava para perceber que ela estava falando sério.

— Tudo bem! — falei. Então segurei Cass pelos ombros. — Você não tem que ir embora.

— Eu tenho. E você também.

Antes que pudesse detê-la, ela veio por trás de mim e abriu a porta, mandando-me para fora para…

Monsieur LaFleur?

— Ãh, posso ajudá-lo? — perguntei, totalmente surpresa ao ver meu professor de dança aparecendo ali do nada.

— O que… — Cassandra ergueu uma sobrancelha. Estava tão surpresa quanto eu, o que ocasionou uma pausa temporária na sua fúria. — Rapunzel está com pressa.

— Estou aqui para acompanhá-la — *monsieur* disse. Enxugou a testa com toques rápidos de um lenço. — Dançarinos são os guias mais velozes.

— Guiá-la é o meu trabalho — Cass disse.

— Talvez *mademoiselle* gostaria de receber algumas dicas de última hora? — *monsieur* LaFleur disse, ignorando Cass e pegando meu braço.

— Obrigada, mas acho que agora já aprendi — falei enquanto nós três nos apressávamos pelo longo corredor. Com Cass segurando um braço e *monsieur* LaFleur o outro, eu mal estava tocando o chão.

— Ouvi falar que você tem uma transcrição original de um dos meus poemas favoritos, “A Lagoa Perdida” — ele disse.

— É verdade — respondi.

— E daí? — Cassandra perguntou. — E como ouviu falar sobre isso?

— Alguém estava indagando na biblioteca, e não pude deixar de ouvir…

— Quem? — Cass perguntou.

— Uma pessoa elegante, vestindo uma capa… Não ouvi o nome. Princesa, só queria que tivesse conhecimento de que sou um estudante de todas as artes. A poesia é a dança das palavras, não é? E eu ficaria muito grato se me emprestasse a sua cópia desse poema delicioso. Ver o texto original realizaria o sonho da minha vida…

— Isso não acontecerá tão cedo — Cass disse.

— Não estou pronta para me separar dele. É tão especial para mim — eu disse. Ele fez uma mesura profunda e Cass apressou-se em me levar para o salão, onde minha mãe, meu pai e José estavam esperando.

— Isso não significa que mudei de ideia sobre ir embora — Cass sussurrou.

— Certo — eu disse. — Mas, Cass, você pode…? Para a segurança do reino…

Ela fez uma pausa e depois assentiu, sabendo exatamente o que eu queria dizer.

17

CASSANDRA



Claro que voltei de imediato para o quarto de Rapunzel e peguei o livro. Eu o enfiei na minha bolsa, corri para o meu quarto e deixei-a debaixo da cama. Depois, acendi uma vela e espalhei os mapas sobre a mesa, tentando tirar da cabeça que *monsieur* LaFleur queria o livro. (“*Dança das palavras”? Quem fala assim?*)

Mesmo com a raiva que estava de Rapunzel, alguma coisa sobre o modo como o lábio dele estava tremendo me dera uma sensação horrível. Se era verdade que alguém estava inquirindo sobre o livro na biblioteca, aquilo era estranho. Se era mentira, e *monsieur* LaFleur tinha de alguma forma escutado alguma conversa nossa… então era ainda pior.

Por que estou preocupada com esse livro? Eu me perguntei. *Preciso seguir em frente com a minha vida!* Eu o devolveria assim que o jantar acabasse — a responsabilidade ficaria com Raps. Por que eu ficaria aqui? Não poderia ser da guarda. Nem mesmo poderia *treinar* para a guarda porque estava presa no trabalho sem saída de dama de companhia! Não tínhamos tido tempo para experimentar a manobra da Besta Alada, apesar da nossa primeira conversa na lagoa, por causa de todos os deveres reais de Rapunzel. Não poderia continuar as aventuras sem ser ameaçada

com uma vida de solidão e vergonha. Sem mencionar que o meu destino já estava nas mãos de um idiota viciado em massagem!

Volte para os mapas, Cassandra, disse a mim mesma. Respirei fundo e fiz alguns cálculos. Eu conseguiria caminhar cerca de trinta quilômetros por dia. Seria melhor seguir em direção ao sul, onde o clima era mais quente. Se não encontrasse trabalho por um tempo, a última coisa que precisava era ficar na estrada aberta nos meses de inverno. Assim que pensei nisso, ouvi um rumor distante de trovão.

Por favor, pensei. *Por favor, que não chova esta noite*.

Eu me concentrei outra vez: os reinos eram mais próximos uns dos outros no sul. Isso significava mais perigo, mas também uma necessidade maior de soldados. Haveria rios para cruzar, não importa a direção que escolhesse. Pelo menos eu sabia nadar.

Por causa de Raps. *Raps. Droga!*

Pensar nela me deixava com tanta raiva! Raps dissera que não poderia haver nenhum segredo entre José e ela. Mas por quê? Especialmente quando isso significava sacrificar o meu futuro e tudo que eu considerava importante. Tinha lido sobre amor romântico em poemas e, para mim, parecia um feitiço. Soava ótimo para os amantes, mas e as outras pessoas?

Eu não tinha nenhuma importância em face desse amor, mesmo que tivesse sido a única a arriscar tudo para mostrar o mundo para Rapunzel? Deveria apenas assumir a culpa porque José estava desconfortável por não ter todas as informações recentes sobre Rapunzel?

O trovão ribombou, como se estivesse ecoando a raiva em meu peito. Abri a janela e me debrucei. A lua brilhava entre espessas nuvens em movimento. Chamei Coruja e, momentos depois, ele pousou no meu braço. Aqui estava um amigo: firme, verdadeiro e leal.

Era tudo tão injusto. *Por que eu tinha que ir embora?* Uma voz irritante na minha cabeça dizia que eu morava em Corona primeiro. Crescera aqui. Gostava daqui. Era tudo o que conhecia. Poderia encontrar o antigo poder e dominar a manobra da Besta Alada, e talvez um dia ser capitã…

Não escute essa voz, disse a mim mesma. *Pare de ser fraca*. Eu tinha que tomar uma decisão. Tagarelar não me levaria a lugar nenhum.

— O plano é ir embora esta noite, se a costa estiver clara — eu disse. Coruja encontrou o meu olhar com um entendimento sábio. Estreitou os olhos, como se estivesse me questionando. — Não estou sendo precipitada. Sei o que estou fazendo. — Coruja olhou no fundo dos meus olhos. — Não encare a minha alma desse jeito. Você vai ter que confiar em mim. Não posso ir para um convento. Não posso ficar aqui. É hora de pegar a estrada. — Coruja ainda se recusava a concordar que fugir era a melhor coisa a fazer. — Vou fazer a mala.

Então um raio arranhou o céu como um gato furioso e a chuva começou. Coruja voou para uma árvore próxima para abrigar-se. Eu me joguei na cama. Era uma das famosas tempestades coronianas. A natureza governa.

Não importava o que eu queria, ficaria em Corona por mais uma noite.

18



RAPUNZEL



Uma trovoada alta sacudiu a mesa de jantar.

— Oh, minha nossa! É uma tempestade! — Marie, a princesa hervaniana, exclamou enquanto agarrava o guardanapo.

— Sim — eu disse, pensando que não poderia ter pedido presente melhor. Uma tempestade retardaria a partida de Cass, embora não por muito tempo.

— Uma tempestade é o momento perfeito para uma leitura — *monsieur* LaFleur disse, piscando para mim. Minha mãe o convidou para juntar-se a nós porque estávamos em número ímpar e ela não queria que ninguém fosse deixado fora da dança. — E para a dança!

— A nossa Rapunzel é uma leitora voraz — minha mãe disse.

— É mesmo? — a duquesa perguntou.

— Sim, e ela tem interesse em poesia antiga — acrescentou *monsieur* LaFleur.

— É verdade? — minha mãe perguntou.

Concordei com um gesto de cabeça. Por quanto tempo uma tempestade conteria Cass?, eu me perguntei. Um dia? Dois? Como conseguiria fazer com que ela ficasse?

— Espero que minha filha sempre siga suas paixões. O senhor deve sentir o mesmo, não é, marquês? — meu pai perguntou.

— Claro — o marquês respondeu. — Marie é tão esportiva.

— E também tem um vivo interesse pela moda — a duquesa acrescentou. — Ela desenhou este vestido que Rapunzel está vestindo agora.

— Ah — eu disse. As mangas bufantes quase alcançavam minhas orelhas. — Obrigada.

Marie anuiu com um gesto.

— Vocês têm um milhão de assuntos para conversar — meu pai disse. — Ainda bem que terão uma semana inteira para se conhecerem.

— É — falei, tomando água. — Ainda bem.

Eu sabia que meu pai achava que Marie e eu seríamos melhores amigas, mas tudo que ela quisera conversar até agora era sobre perfumes, pós faciais e os vários estilos de mangas bufantes que eram tão populares em Hervan. E eu só pensava em Cass. Não podia imaginar minha vida em Corona sem ela.

Soou outra trovoada ameaçadora.

— Meu Deus! — a duquesa deu um grito agudo. — Estamos em perigo?

— Não, estamos seguros — mamãe assegurou.

— Você pode me passar a torta de codorna? — o marquês perguntou, tocando os lábios de leve com um guardanapo.

— Espero que a chuva não desencoraje o nosso jogo do círculo voador amanhã — Marie disse. — O círculo voador é o meu favorito!

— Nunca! — minha mãe falou. — A dama de companhia de Rapunzel, Cassandra, gosta muito de esportes. Ela vai montar o nosso campo, chova ou faça sol!

— A nossa Marie é uma atleta e tanto — a duquesa disse.

— Os atletas são os melhores bailarinos — disse *monsieur* LaFleur. — Ninguém aprecia o verdadeiro atletismo da dança.

— Eu aprecio, até ganhei alguns campeonatos — Marie disse.

Mais trovões ribombaram. A duquesa empalideceu.

— Não tenha medo. Essas tempestades coronianas são fortes, mas partem tão rápido quanto surgem — minha mãe disse. — Sei

que estamos todos ansiosos para uma boa diversão amanhã. Não é, Rapunzel?

— Ah, estamos — eu disse, esperando que a tempestade não passasse até amanhã de manhã. Se Cass tivesse a chance de sair sob o manto da noite, ela faria isso. Mas e se a tempestade não segurasse Cass? E se, uma vez que pensasse que o livro estava seguro, ela partisse de qualquer maneira? Achei que fosse desmaiar.

— Você tem um traje para esportes, Rapunzel? — Marie perguntou, forçando-me a voltar para o momento presente.

— Costumo usar apenas um vestido normal — eu disse.

— Uso uma manga bufante pequena para esportes. A bufante completa, como tenho aqui neste vestido, é o estilo mais real de todos, você não concorda, Rapunzel?

— Verdade, a bufante completa é, de longe, a melhor. No entanto, você pode me dizer mais uma vez qual o tipo de manga bufante é a mais apropriada para, vamos dizer, um dia à beira-mar? — perguntei, sabendo que ela iria prolongar-se em um monólogo sobre moda, permitindo que eu retornasse para os meus pensamentos. Precisava realizar três coisas: primeiro, tinha que fazer Cass ficar em Corona; segundo, tinha que ganhá-la de volta; e, terceiro, nós duas precisávamos descobrir o mistério da lagoa. Pelo bem do reino.

Por fim, depois da sopa, minha mãe perguntou se José e eu queríamos mostrar para a nobreza hervaniana a dança *allemande* que vínhamos ensaiando.

— Sim, queremos — eu disse, saltando da cadeira para sair da mesa e ter um tempo sozinha com José. Eu me aproximei dos músicos e cochichei: “Vocês podem tornar esta *allemande* muito, *muito* longa?”. O pianista piscou e começou a tocar.

— José, o que vou fazer? Cass quer ir embora — eu disse quando começamos a dançar.

— E isso seria mesmo a pior coisa do mundo? — José perguntou.

— Seria — respondi, dando um apertão no ombro dele.

— Desculpe — ele falou, girando-me. — Eu só estava brincando. Sei que Cassandra significa muito para você. — Trazendo-me de volta para seus braços, enquanto a nobreza hervaniana batia

palmas de forma educada, José sussurrou: — Prometo que vou ajudar você a solucionar isso.

Normalmente, a dança acabaria naquele instante, mas acenei com a cabeça para o pianista, que começou de novo.

— Qual é o plano dela, exatamente? — José perguntou.

— Apenas partir — eu disse, ao reiniciarmos na posição inicial clássica.

— Uau, ela deve estar bem brava — ele disse.

— Está. Ela acha que eu a traí — falei, pisando nos dedos dos pés dele. — Opa. — José e eu sorrimos para o marquês e para a sua família.

— A vida na estrada não é nada fácil. Acredite em mim, já passei por isso — José afirmou. — Ela vai querer se preparar. Sei que ser soldado é duro.

— Cass é tão resistente — eu disse.

— Mas ela tem sido dama de companhia há seis meses — ele disse enquanto virávamos a rosa. — Isso não é exatamente um treinamento.

— É isso! Ela quer aprender uma manobra. Talvez possa convencê-la a ficar o tempo necessário para aprender, e depois ela vai confiar em mim outra vez. Oh, José, eu adoro você! — Esquecendo-me das circunstâncias, beijei o rosto dele e a duquesa soltou um suspiro.

— Ela está tão arrebatada pela arte da dança — minha mãe disse, inventando uma desculpa para mim.

— Dificilmente poderia culpá-los — a duquesa disse, abanando-se. — A *allemande* é a dança mais romântica.

— Vamos todos dançar? — meu pai perguntou para minha mãe.

— Como poderia recusar? — ela respondeu.

E então os músicos recomeçaram. José e eu rodopiamos, minha mãe e meu pai deram-se as mãos, o marquês e a duquesa fizeram uma mesura um para o outro, e *monsieur* LaFleur estendeu a mão para Marie.

— Quem é aquela? — Marie perguntou no dia seguinte, de manhã cedo, quando chegamos ao campo de esportes para o nosso jogo do círculo voador. Ela certamente vestia o melhor traje para o

jogo, com uma manga bufante pequena e uma faixa de cabelo combinando.

— É a minha dama de companhia, Cassandra — eu disse, incapaz de conter um sorriso. Ela tinha ficado! Embora eu tivesse imaginado que sim, já que, quando voltei para o quarto, o livro de poemas tinha sido substituído por um bilhete com a letra dela, afirmando apenas: *Está comigo*.

— Ela parece ser, hum, formidável — Marie falou, e começou a alongar as panturrilhas.

— Oh, ela é — José disse. Eu o cutuquei. — No melhor sentido, é claro. Por "formidável", quero dizer "impressionante". Nunca a chamaria, digo, de "difícil" ou, pior ainda, "ameaçadora".

Lancei um olhar para José e em seguida acenei para Cass.

Ela acenou de volta com relutância, como se dissesse: *Sim, ainda estou aqui, mas não se acostume com isso*. Enquanto Marie conduzia os alongamentos dos jogadores em uma das extremidades da arena, fui cumprimentar Cassandra na outra.

— Você está com o livro? — perguntei.

— Claro — ela respondeu, preparando o campo. Estava colocando pedras pintadas no chão para delinear os limites. — Está na minha bolsa bem ali. Mas vou devolver a você depois do jogo. Vou embora hoje à noite. É o fim disso tudo.

— Mesmo que *monsieur* LaFleur queira o livro? — perguntei. — Tem que ser um sinal, uma pista de que temos algo valioso.

— Cassandra é uma das melhores jogadoras de círculo voador do reino — minha mãe disse, chamando-nos do outro lado do campo.

Cassandra assentiu e acenou.

— É, admito que é estranho. Mas isso não vai me impedir de ir embora.

— Teremos duas equipes de quatro — meu pai declarou. — Hervanianos contra coronianos. Embora um de nós tenha que jogar pelo outro lado.

— Nomeio Cassandra! — José gritou.

— Você vai se arrepender disso, Bezerra — Cassandra gritou de volta.

— Você está mesmo preparada para deixar Corona? — perguntei para Cass enquanto ela andava juntando o calcanhar de um pé aos

dedos do outro, medindo o campo para o jogo. — Você não acha que deveria treinar antes de ir? Não acha que há certas coisas que você deve saber?

Cass parou, mordendo o lábio. Tinha dado algo para ela pensar. Mas em seguida ela pareceu deixar a ideia de lado.

— Vou ficar bem. Cresci entre os soldados. Tenho certeza de que posso tomar conta de mim aonde quer que eu vá.

— Você foi minha dama de companhia por mais de seis meses — eu disse. — Foi uma interrupção séria no seu condicionamento físico. Sei que você não quer sair para a estrada sem um conjunto de habilidades de alto nível. Quero ajudar você.

— O campo do jogo está definido — meu pai disse. — Vamos começar. Vão para os seus lugares, garotas.

Friedborg assoprou um apito.

— Esperem! — Marie gritou, correndo para a outra extremidade do campo. — Esqueci minha braçadeira da sorte.

— Por que deveria confiar em você, afinal? — Cass perguntou.

— Porque você não tem escolha. De que outra forma vai se preparar para uma vida na estrada? Não pode lutar esgrima *de verdade* contra você mesma. Não pode perseguir você mesma subindo as paredes do castelo. E será totalmente sigiloso. É o seu trabalho ficar comigo, certo? — perguntei. Ela concordou com um gesto de cabeça. — Mas, em vez de me ensinar a bordar, a tocar alaúde e a arte de uma conversa elevada, estaremos preparando você para ser a melhor soldado que este mundo já viu. — Fiz uma pausa. — Poderíamos aprender a Besta Alada. Não tivemos tempo antes. Mas podemos fazer dela uma prioridade agora.

Os olhos dela iluminaram-se. Eu a tinha de volta!

— Pronto! — Marie gritou, deslizando pelo braço um pedaço de tecido de cores vivas que combinava à perfeição com a faixa de cabelo.

— Cassandra, tome o seu lugar com os hervanianos — José disse.

— Acalme-se, José — ela pediu.

— Vou marcar a Cass! — falei, parando ao lado dela.

— Vou ficar até depois do Festival da Lua Oculta — ela anunciou, contemplando o horizonte. *Sim!* Seria em dez dias! — Talvez

possamos descobrir mais sobre a lagoa, também… Mas, depois disso, vou embora, Rapunzel. E, até lá, se José abrir a boca…

— Ele não vai falar.

— É impressão minha ou está faltando alguma coisa? — José perguntou quando todos já estávamos em posição.

— O círculo! — Marie exclamou.

— Está na minha bolsa — Cass disse. Ela correu para pegá-lo. Mas, quando voltou com o círculo, seu rosto estava desolado.

— O que foi? — perguntei.

— O livro. Desapareceu.

19

CASSANDRA



—Qual foi o último lugar em que você viu o livro? — Raps me perguntou quando eu estava juntando as pedras que marcavam os limites do campo. Ela estava com o rosto vermelho depois da nossa partida de círculo voador, que foi mais competitiva do que esperávamos.

José e eu jogamos como se estivéssemos lutando pela honra de Corona, disputando ponto a ponto um com o outro com emboscadas, passes com o projétil e esforços concentrados. Porém, não éramos só nós jogando. A corredora mais rápida no campo foi Raps, que teve as suas conquistas, bloqueando o marquês hervaniano com o pé e pegando os longos passes de José, estilo panqueca. Mas, no último minuto, os hervanianos e eu vencemos os coronianos. Marie era mais dura do que parecia sob as suas mangas bufantes. Ela marcou o ponto vencedor com uma corrida agressiva e um ataque digno de batalha que surpreendeu a todos.

Quando o resto do grupo voltou para o castelo, Raps e eu ficamos para trás para conversarmos em particular.

— O que você quer dizer com qual foi o último lugar em que vi o livro? — perguntei. — Estava na minha bolsa hoje de manhã. Não ia

deixá-lo no meu quarto com LaFleur xeretando por aí.

— Você, em algum momento, deixou o livro sozinho? Ou esteve com ele o tempo todo? — Raps perguntou.

— Desde quando deixo as minhas coisas largadas? — perguntei, irritada.

— Desculpe — Raps disse, com as mãos no ar. — Só estava perguntando. Você acha que…? Os hervanianos?

Olhamos para Marie, que estava limpando a lama dos sapatos. Parecia improvável, mas assim também tinha sido o ataque dela durante o jogo. Além do mais, ela andou na direção da minha bolsa quando fora buscar a braçadeira da sorte. Era possível…

— Eles estão buscando proteção coroniana, mas nunca se sabe. Talvez isso seja apenas um pretexto, e eles estejam mesmo é atrás de poder. Vamos acrescentá-los à lista de suspeitos. Enquanto isso, vamos interrogar LaFleur.

Levamos pouco tempo para localizar o instrutor de dança. Ele estava no salão principal, dirigindo a trupe nacional de dança nos ensaios para a apresentação no Festival da Lua Oculta.

— Levantem-se, minhas pombas, e sigam-me enquanto lideramos a revolução! — *monsieur* LaFleur estava dizendo para o grupo de pelo menos cinquenta dançarinos no palco. O pianista tocava com paixão. Ele balançava as mãos acima dele e os dançarinos o imitavam. Atrás deles, os carpinteiros estavam tirando medidas e os decoradores estavam pintando cenários retratando todas as flores que desabrocham em Corona na primavera.

— Revolução? Que tipo de dança é essa? — perguntei a Raps enquanto caminhávamos para o palco. Os dançarinos estavam rodopiando com selvageria, pulando com os olhares febris. LaFleur estava louco? Esta “trupe de dança” era o seu exército de seguidores enlouquecidos?

— Acho que eles estão só… dançando — Raps disse.

Coloquei quatro dedos na boca e dei o meu assovio mais alto. A música do piano parou, os dançarinos ficaram petrificados, todos se viraram e olharam para mim.

— Ei! — gritei. — O que está acontecendo aqui?

Monsieur LaFleur olhou para nós em choque. As bochechas estavam coradas, pela vergonha ou pelo esforço — ou talvez ambos.

— Princesa! *Mademoiselle* Cassandra! Não estava esperando vocês — LaFleur disse com um sorriso esquisito ao descer as escadas do palco apressado.

— Evidente que não — eu disse. — Que tipo de *revolução* está acontecendo aqui?

— Dançarinos, cinco minutos de intervalo — *monsieur* LaFleur informou, aturdido. Enxugou a testa suada tocando-a de leve com um lenço. Os bailarinos sussurraram entre eles e LaFleur pigarreou, juntando-se a nós.

— Oi — Raps falou. — Hum, você pode explicar isso?

— Tenho um método criativo pouco ortodoxo — LaFleur disse, nervoso. — É um… crime?

— Claro que não — Raps respondeu. — Todo artista tem direito ao próprio processo.

— Mas você estava falando sobre uma revolução — eu disse. Raps poderia estar disposta a liberá-lo, mas eu não.

— Uma revolução da alma — LaFleur explicou. — Como posso criar uma dança digna de um Festival da Lua Oculta se não alvoroçar as paixões dos meus dançarinos? Quando foi o último festival? Cinquenta anos atrás? A nossa fonte de luz estará nas sombras! Os nossos sonhos estarão asfixiados. O que isso significa? E o que, por sinal, significa ser um humano? Essas são as perguntas que faço para criar uma dança para um momento tão auspicioso no tempo.

— Cass, acho que ele está falando a verdade — Raps disse.

— E o livro de poemas? Você pegou? — perguntei.

— Ele desapareceu — Raps falou.

— Oh, céus. Se eu peguei? Sem permissão? Nunca faria uma coisa dessas — LaFleur respondeu, parecendo ofendido de verdade. — A princesa falou que o livro era muito importante para ela. Embora eu espere que você reconsidere, se o encontrar. O sonho da minha vida é escrever um balé sobre “A Lagoa Perdida” e depois fazer uma turnê, viajar pelo mundo com uma mensagem de

amor! Se eu tivesse a obra original, ora, poderia mergulhar direto nela, por assim dizer.

— Não há necessidade de trocadilhos — eu disse, olhando bem nos olhos dele. Raps tinha razão. Ele não exibia nenhum traço de um mentiroso, embora eu não estivesse pronta para liberá-lo.

— Eu sei quem pegou! — LaFleur disse de repente, com os olhos iluminando-se.

— Quem? — Raps perguntou.

— A minha arquirrival e ex-amante, Louisa von Almond! — ele gritou. — Há muito tempo, compartilhei com ela a minha visão de um balé sobre “A Lagoa Perdida”. Ela roubou a minha ideia! Ela terá um sucesso avassalador, enquanto eu vou definhar na obscuridade, ela vai adorar cada momento!

— Creio que o livro não foi roubado para fazer um balé — Raps disse. — Mas, se foi esse o caso, não tenho certeza de que me importaria de…

— Você não conhece Louisa — LaFleur disse. — Ela é uma rosa de poucas pétalas e muitos espinhos.

— É melhor você voltar para os seus dançarinos — Raps falou.

— Por enquanto — acrescentei com severidade.

— Arte em primeiro lugar! — *monsieur* LaFleur exclamou e bateu palmas para indicar que o intervalo havia terminado. Ele não era o *principal* suspeito, mas também não estava fora da lista. Bem, será que Louisa von Almond era um nome verdadeiro?

Não encontramos os hervanianos em lugar algum, portanto, Raps e eu decidimos ir direto para a lagoa a fim de procurar mais pistas — ou qualquer evidência de que alguém teria estado lá.

Enquanto Raps investigava um lado da lagoa, eu explorava o outro. Eu me desafiei a nadar até o paredão mais distante, que formava uma enseada. Não fomos lá muitas vezes por ser mais longe da ravina, e era raro ter sol ali. Era o único lugar na lagoa que estava quase sempre escuro.

Quanto mais perto da enseada, a água ficava mais fria. Tínhamos procurado por outras pedras, e nada brilhava naquela área. Não consegui manter os olhos abertos debaixo da água por muito tempo, então usei os outros sentidos, de acordo com o treinamento da

guarda. Corri a mão ao longo da parede. Estava tudo normal… até não estar mais. Logo encontrei um intervalo, e a pedra estava irregular. Algo tinha sido gravado na sua lateral. Forcei para abrir os olhos e vi palavras. Nadei para a superfície.

— Encontrei uma coisa. Raps, venha aqui!

Rapunzel mergulhou na lagoa e nadou depressa.

— Veja isto — eu disse. — É difícil de ler, mas acho que é saporiano.

— O quê? Que incrível! — Ela inspirou profundamente e mergulhou. Quando subiu à tona, disse: — Vamos ter que anotar palavra por palavra. Vou pegar o meu diário. Você lê as letras, eu anoto.

— Combinado — eu disse. Raps correu de volta para a margem e mergulhei outra vez. Aquela era uma pista para o maior poder de Corona. Eu me sentia como um tubarão-touro quando antecipa a presença da presa. Estávamos perto.

Depois de diversos mergulhos e da alternância de papéis, chegamos a uma frase: *Ackoui rescede o oure tesouro, ligaro comme um abraço, nayo dixie que sejir perturbado*.

Focamos nas palavras que compreendíamos — *tesouro, abraço, perturbado* —, mas ainda não éramos capazes de adivinhar o significado. Repetimos a frase tantas vezes que, quando voltamos ao castelo, já a tínhamos memorizado.

20

RAPUNZEL



—Dentro de cada um de nós arde uma chama — senhorita Tasha, a casamenteira, explicou com sua voz baixa e suave. — Quando acontece o encontro de duas chamas predestinadas a ficarem juntas, podemos indagar: vão se fundir ou formar duas sombras distintas? Essa é a pergunta que as casamenteiras devem responder quando observamos as auras das pessoas ao nosso redor. — As luzes diminuíram de forma gradual e as cortinas do salão foram fechadas. Era um dos poucos lugares silenciosos no castelo.

Nossa última visita ao lago fora há poucos dias, e Cass e eu estávamos ocupadas, tentando selecionar especialistas para o Festival da Lua Oculta. Estava levando muito mais tempo do que havíamos previsto. Minha mãe tinha me contado que um número recorde de noivados acontecia após o Festival da Lua Oculta — os aldeões dependiam dele —, por isso, era fundamental que eu selecionasse uma casamenteira que fosse boa no seu ofício. Havia rumores de que a senhorita Tasha era a melhor da região. Ela tinha vindo ao castelo para nos dar uma demonstração.

Nesse meio-tempo, minha mãe andava de um lado para o outro, supervisionando o planejamento dos diversos programas

educacionais. Meu pai estava trabalhando com os soldados para garantir um alto nível de segurança. José estava encarregado de organizar a programação do entretenimento e ocupava-se com entrevistas com as bandas que tocariam no salão principal, antes da dança final de LaFleur.

— Quanto tempo você acha que vai levar? — Cass sussurrou. — Precisamos continuar trabalhando nas nossas traduções.

— Não sei. Nunca vi uma casamenteira em ação antes — sussurrei em resposta. — *Você* acha que ela é boa mesmo?

— Difícil ter certeza — Cass disse. — Não sou muito fã dessas coisas.

A senhorita Tasha acenou com a cabeça para o músico que tocava o alaúde, sentado na sombra atrás de nós, de modo que, segundo ela, sua presença física não distraísse nossa atenção da música.

— Demonstrarei minha técnica agora. Fechem os olhos — ela disse com sua voz tranquilizadora. — Apaziguemos nossas mentes para que nosso eu interior entre em sintonia com as vibrações do alaúde. Com os corações abertos e as mentes desanuviadas, posso enxergar as cores dos corações das pessoas e encontrar a alma gêmea de cada um.

— Que maluca — Cass sussurrou.

— Então é tipo alguma coisa “nosso tesouro”, alguma coisa “com um abraço”, e depois alguma coisa com “não perturbe”… — cochichei. Na noite anterior, tínhamos vasculhado os poucos livros em saporiano que encontramos na biblioteca, na tentativa de traduzir as palavras entalhadas no paredão da lagoa, mas não chegamos muito longe. Kinnaird, o idoso bibliotecário, não estava lá, por isso não foi possível perguntar a respeito do visitante que havia indagado sobre o livro roubado. Kinnaird trabalhava em horários peculiares.

— Senhoritas, detesto ser indelicada — a senhorita Tasha disse. — Mas estou ouvindo muita conversa. Não posso fazer o melhor trabalho sem bastante concentração, certo?

— Desculpe — eu disse.

Fechamos os olhos e escutamos o alaúde até que a senhorita Tasha se pronunciasse.

— As vibrações estão murmurando pela sala. Trarei alguns moradores do castelo e contarei a vocês a cor de suas auras e, se houver, alguma combinação possível aqui entre nós, hoje.

— Estou pronta — falei.

— Que esquisito isso — Cass disse.

A senhorita Tasha abriu a porta. José entrou. Sorri.

— Credo — Cass disse.

— Ora, ora — a senhorita Tasha disse. — A aura de Rapunzel é resplandecente: tem a tonalidade mais vívida de púrpura! E a aura do estimado José tem um tom laranja brilhante, salpicado de puro dourado.

José deu um sorriso enorme.

— Você está falando sério? — Cass perguntou, recostando-se na cadeira. — Não vejo nada, exceto… Bezerra.

— Isso é ótimo — eu disse, sorrindo.

— Vocês formam um par perfeito — a senhorita Tasha anunciou, com as mãos apertadas sobre o peito. — As cores da aura de vocês dois alinham-se à perfeição.

— Oh, que fofo — eu disse.

— Luz do sol, você alguma vez teve dúvidas de que nascemos um para o outro? — José perguntou com um sorriso.

— Nunca — falei.

— Vocês dois não se cansam dessa conversa melosa? — Cassandra perguntou.

— Capitã Amarga, você tem muito que aprender — José respondeu.

— Se eu fosse escolhida para formar casais no Festival da Lua Oculta, garanto que todos seriam tão sólidos quanto este — a senhorita Tasha disse, fazendo uma reverência.

— Eca — Cassandra resmungou.

— A energia! A energia do ambiente está ficando azeda — a senhorita Tasha disse, cobrindo os ouvidos. — Está afetando as outras auras. A de José está ficando cada vez mais escura. Peço que você se vá, para que se dissipe qualquer tensão supérflua presente nesta sala. E quanto a você, Cassandra, conviria que abrandasse o coração e fosse, *hum-hum,* mais obediente. Quer dizer, caso deseje minha ajuda para encontrar o amor.

— Acho que eu passo — Cassandra disse. A senhorita Tasha fez uma expressão carrancuda. Cutuquei Cass, e ela olhou para mim como se dissesse “O que foi?”.

— Músico, purifique as nossas mentes com algo agradável! — a senhorita Tasha pediu.

O músico inclinou a cabeça e recomeçou a tocar.

— É impressão minha ou esse músico é alguém conhecido? — Cass disse em voz baixa, espremendo os olhos para tentar vê-lo na sombra.

— Não dá para enxergar direito — sussurrei em resposta.

— Bem, de todo jeito, acho que precisamos falar com Xavier outra vez para ver se arranjamos um dicionário de saporiano — Cass disse.

— Boa ideia.

— *Hum-hum!* Próximo — a senhorita Tasha disse. Friedborg entrou.

— Ela tem aura? — Cass perguntou.

Friedborg franziu o cenho.

— Claro que tem, Cass — falei, perguntando-me se as pessoas mais caladas seriam talvez as mais sensíveis.

— Sim, ela tem aura. Na realidade, é uma chama vermelha! Sinal de romance intenso. Friedborg, você anseia pelo amor! — a senhorita Tasha exclamou. Ela enrubesceu desenfreadamente. — Seu par terá uma chama verde. Para suavizar o seu coração ardente.

— Essa mulher é doida — Cass disse.

— Acho que existem mais coisas sobre Friedborg do que ela revela — eu disse.

— Amanhã, quando essa bobagem toda tiver acabado…

— Não é bobagem. É tudo para o festival! — eu disse. — E imagine só como seria bom se Friedborg encontrasse um amor!

— A primeira coisa é falar com Xavier — Cass continuou.

— Você acha que ele sabe traduzir saporiano? — perguntei.

— Se existe alguém que sabe, é Xavier — Cass disse.

O músico, ao que parece, encheu-se de energia e entusiasmo quando Friedborg foi embora e a terceira candidata da senhorita Tasha entrou no salão. Era Marie, a hervaniana.

— Marie — Cass disse, levantando-se, com uma expressão séria no rosto, de repente. — Estamos querendo perguntar uma coisa para você…

Estávamos pensando cada vez mais se os hervanianos tinham algo a ver com o desaparecimento do livro, ainda mais depois de me lembrar de que *monsieur* LaFleur havia mencionado o meu interesse em poesia antiga na frente deles durante o nosso jantar. Mas não tinha certeza se este era o melhor momento para sondá-la.

— O quê? — Marie perguntou.

— Você não tem interesse em poesia, tem? — Cass perguntou.

— Cass… — eu disse.

— Não entendo a lógica por trás da sua pergunta, Cassandra — a senhorita Tasha disse. — Está tirando a atenção de Marie e a afastando do momento presente. Acho que enxergo a aura dela! É azul!

— Precisamos interrogar você — Cass disse.

— Devo pedir à dama de companhia que se retire do salão! — a senhorita Tasha anunciou. — Eu lhe suplico, princesa. Não consigo trabalhar sob estas… condições… hostis!

— Cass? — pedi.

— Tudo bem, tudo bem — Cass disse. — Tenho trabalho a fazer, de toda forma.

— Vejo você depois? — perguntei a Cass.

— Marie, você é uma mulher ousada, e tem tanto a oferecer — a senhorita Tasha disse. — Seu par será uma alma complicada, mas com as melhores intenções!

Acenei para Cass quando ela saiu do salão.

21

CASSANDRA



O marquês e a duquesa estavam cavalgando pelo reino, e eu sabia que a aura de Marie estava sendo examinada lá embaixo, no salão. Os soldados estavam executando vários exercícios para emergências como preparação para o Festival da Lua Oculta. E Raps — que provavelmente tentaria me impedir de invadir recintos porque não era “a coisa honesta a se fazer” — estava ocupada, aprendendo a contemplar as chamas interiores das pessoas ou outra bobagem qualquer que a senhorita Tasha estivesse despejando.

Em outras palavras, era o momento perfeito para uma investigação.

A palma das minhas mãos formigava por conta da expectativa, enquanto eu arrombava a fechadura com um pé de cabra e girava a grande maçaneta da porta pesada dos aposentos de hóspedes. Recuei quando a porta rangeu. Em seguida, deslizei para dentro, fechando-a atrás de mim. Marie poderia ter roubado o livro no campo com facilidade. No entanto, eu tinha de admitir, se ela o tivesse pego, seria uma das maiores farsantes de todos os tempos. A garota não parecia ser mais inteligente ou perspicaz do que uma porta. Em todo caso, era hora de descobrir.

Vasculhei os pertences dela. *Caramba.* Essa garota tinha mais vestidos que Raps. Possuía trajes para toda ocasião imaginável, desde a hora do chá até torneios de justa e levantamento de peso. Cada conjunto era etiquetado e tinha uma faixa de cabelo combinando. Talvez ela fosse uma espécie de gênio do mal. Havia um sistema aqui.

Ela era tão organizada que não demorou muito para que eu terminasse de revistar suas coisas. Não havia sinal do livro e nenhuma evidência indicando que ela tinha conhecimento sobre a lagoa. Mas, mesmo assim… era inevitável me perguntar. *As pessoas vivem mesmo desse jeito? Com meias etiquetadas para cada dia da semana?* Era claro que Marie era louca.

Detestava admitir, mas, por um momento, entendi por que José tinha gostado de ser um ladrão. Havia uma empolgação inegável em estar em um lugar onde, na verdade, não deveria. Só que, ao contrário de José, os meus esforços como ladra eram em nome da justiça. Não saberia a razão pela qual José fizera qualquer coisa — bem, exceto por amor… ou seja lá o que fosse.

Havíamos considerado Marie uma suspeita, mas, claro, seus pais tinham a mesma probabilidade de ter pego o livro. Voltei a atenção para os baús de viagem dourados do marquês e da duquesa. Procurei o livro com movimentos rápidos. Uma coisa era certa. A duquesa tinha joias suficientes para *lotar* a lagoa. Não via motivos para que ela saísse em busca de mais.

Por fim, deparei-me com algo que, ao tato, assemelhava-se ao nosso livro de poesia há muito perdido.

Estava enfiado sob algumas roupas de baixo. Apanhei o livro encadernado em couro, abrindo as páginas com a respiração suspensa.

No entanto, no fim das contas, era um diário escrito pelo marquês, que em princípio girava em torno do ato de comer.

> *5 de fevereiro. Comi o resto do pudim de ameixa no café da manhã. Espero que minha esposa não descubra, ou vai ficar magoada!*
>
> *10 de março. Comi um naco de presunto com pão integral no jantar. Talvez tenha me empanturrado.*

Uma indigestão parece inevitável. Semblante triste.

2 de abril. Torta, torta, torta. Carne moída, abóbora e maçã. Provei de tudo no banquete de hoje, mas mesmo assim senti falta da torta crocante de mirtilo de mamãe. Será que um dia alguma outra coisa chegará perto de ser tão deliciosa?

Uau, aquele cara precisava cultivar uns hobbies.

— Com licença, o que você está fazendo? — Marie perguntou. Tentei parecer neutra, mesmo que meu coração estivesse saindo pela boca. Ela tinha me apanhado em flagrante lendo o diário de seu pai!

— Exterminando insetos! — eu disse com um sorriso.

— Como assim? — Marie perguntou, as mãos cruzadas sobre o peito.

— Tivemos uma infestação que parece ter origem neste aposento. Estamos querendo saber: eles vieram de Hervan? — Marie semicerrou os olhos. — É óbvio que eu tinha que investigar se chegaram insetos via bagagem hervaniana.

Ela torceu o nariz.

— Aranhas — falei, improvisando.

— Não temos aranhas na nossa bagagem! — Marie disse, demonstrando estar muito ofendida.

— Agora constatei que não — eu disse, colocando o diário de volta no lugar depressa. — E prometo que porei um fim aos boatos maliciosos que estão circulando.

— Espero que sim! Eu deveria denunciar você à rainha!

— A menos, claro, que você queira participar do maior evento do festival — eu disse, pensando rápido.

Marie me olhou com desconfiança.

— Do que você está falando?

— Gostaria de lutar esgrima com Rapunzel? Como uma maneira de dar início à celebração?

— Eu? Lutar esgrima com a princesa? Na frente do reino inteiro? — ela perguntou, o rosto iluminando-se.

— Com toda certeza! — eu disse. — Sem um desafio de destreza física, o evento será apenas uma piada. Mas um verdadeiro duelo

de esgrima de alto nível, ainda que amigável? Ora, o povo falará sobre isso durante séculos!

— Quando podemos começar a treinar? — Marie perguntou.

— Assim que possível — respondi. — Vou falar com a princesa agora.

— Ótimo. Vou deixar o meu equipamento de esgrima pronto!

— Por que estou fazendo isso, exatamente? — Raps me perguntou enquanto eu ajustava sua faixa de cabelo.

— Diplomacia. Além disso, tínhamos que dar início às cerimônias de alguma forma.

— É verdade — Raps disse.

Marie estava próxima, executando uma elaborada rotina de aquecimento. Fiquei pensando se havia deixado escapar alguma coisa durante minha busca. Sim, eles eram nossos aliados. Mas, se a história havia me ensinado algo, era que países menores quase sempre tinham as maiores ambições.

— Pensei que íamos visitar Xavier hoje. E a Besta Alada? — Raps perguntou.

— Escute, eu precisava revistar os alojamentos dos hóspedes hervanianos… — falei.

— Você invadiu os aposentos? — Raps perguntou.

Dei de ombros.

— Ela foi a única que esteve perto de fato da minha bolsa naquele dia de manhã. Tinha que eliminá-los da lista de suspeitos.

— E então? — Raps perguntou enquanto eu prendia os fios soltos da sua trança.

— Não consegui encontrar indícios de uma motivação direta, mas eles não estão descartados ainda.

— Então, qual é minha tarefa?

— Lute com todas as suas forças — eu disse, prendendo o francalete ao queixo de Raps. — Todo mundo adora um duelo de esgrima.

— Ainda bem que foi você quem me treinou! — Raps disse, ao mesmo tempo que Marie realizava um salto mortal duplo para trás com o florete na mão.

— E aí? Estou pronta! — Marie anunciou. — Você acha que porque o meu país é pequeno não é poderoso. — Ela fez um movimento triplo para trás. — Está errada. O mais humilde entre nós tem uma imensa sede de poder. — Rapunzel e eu nos entreolhamos, assimilando o que ela tinha acabado de dizer. Em seguida, Marie avançou. — *En garde!*

— Ei! — Rapunzel gritou, mas se recuperou rápido, bloqueando o movimento de Marie.

22

RAPUNZEL





—Aquela luta de esgrima me deixou com muita fome — eu disse para Cass mais tarde ao caminharmos na direção da aldeia para visitar Xavier. Mais uma vez, o aroma daqueles doces me deu água na boca. — Eu sem dúvida comeria um doce para repor as energias.

— Estamos em uma missão — Cass falou. Ela ainda estava determinada a ir embora depois do festival, mas eu a conhecia bem o suficiente para saber que havia um sorriso escondido dentro dela agora. Só precisava fazer com que se manifestasse.

— A missão mais importante de todas. E precisamos de combustível.

— Na forma de açúcar e creme? — Cass perguntou.

— Existe um combustível melhor? — perguntei. Segurei o braço dela quando passamos na frente da padaria. — Pare. Inspire.

— Puxa. Está bem — Cassandra disse. *Lá* estava aquele sinal de um sorriso.

— Sabia que você mudaria de ideia — eu disse com um grande sorriso.

— Vamos ser rápidas — ela disse.

— Muito rápidas. Mais rápidas que Marie e seus contra-ataques.

— Marie não pertence à nobreza comum. Ela é uma guerreira — Cass disse. — Vai saber se ela sequer faz parte da realeza. Ela poderia ser uma assassina treinada.

— Mas aquelas roupas… — eu disse.

— Não significam nada — Cass disse. — Disfarces elaborados já foram utilizados para males menores.

— Se a sua descrição do guarda-roupa de Marie for precisa, ela tem uma quantidade enorme de faixas de cabelo para nos convencer de uma identidade falsa — eu disse. Cass franziu a testa ao considerar essa possibilidade. Se Marie e eu éramos uma boa dupla para lutar esgrima, Cass e eu éramos a combinação perfeita para analisar problemas em detalhes. — Cass, você não pode ir embora do reino. Simplesmente não pode!

Ela emergiu de seus pensamentos.

— Eu posso, na verdade. Tenho que ir. Não há vida para mim aqui. Você sabe tão bem quanto eu que não posso correr o risco de que seus pais descubram que levei você para fora do reino.

— Mas Corona precisa de você. E eu também.

— Vou cumprir meu dever até depois do festival — ela disse com frieza. Meu coração se entristeceu. Apenas alguns instantes antes, ela parecia ser a minha melhor amiga de novo. Agora estava toda séria. — Os soldados devem ficar muito atentos à Marie. Caso ela esteja sendo desonesta, poderá escolher qualquer momento para liderar uma revolução hervaniana. E, se ficarem sabendo sobre a lagoa, correremos um grande risco.

— Vou me rebelar se não comer alguma coisa — eu disse, tentando chamar a atenção dela para o momento presente com humor.

— Tudo bem, tudo bem. Mas, depois, vamos direto para a loja de Xavier.

— Claro — concordei.

Ela suspirou e entrou na padaria.

Vi Dália, a vendedora de tintas, montando uma tela. Alternei o olhar de um lado para o outro, de Cassandra na vitrine da padaria para Dália. Ela ajustava a moldura do que parecia ser uma obra sua e, em seguida, deu um passo para trás e a avaliou. Uma onda de

energia passou por mim: tive uma ideia! Precisava pintar alguma coisa para Cass! Algo que a relembrasse de todos os nossos bons momentos juntas! Estávamos trabalhando muito bem nos últimos dias. Ainda tinha esperança de fazê-la perceber. A arte comunica quando as palavras falham. Transmitem emoção sem julgamento. Usaria meu pincel para falar uma língua que Cass entendesse de verdade. Talvez as palavras não fossem a chave. Se conseguisse a imagem certa, ela entenderia a importância que tinha para Corona e para mim. E poderia oferecê-la como um presente para Cass no Festival da Lua Oculta.

— Com licença — eu disse, aproximando-me de Dália.

— Oh, olá!

O sorriso amistoso e genuíno me deixou à vontade na hora. Notei que a tela exibia uma pintura quase pronta. Representava o castelo em todo o seu esplendor. Estava cheia de aldeões vestidos com as suas melhores roupas, aproveitando a vida ao máximo. O trabalho de Dália era rico em detalhes. Visualizei comerciantes expondo suas mercadorias com orgulho, crianças brincando de esconde-esconde nos jardins do castelo e jardineiros apontando para os seus arranjos verdejantes. O mais comovente era a expressão de um casal de idosos dançando no pátio e, por um momento, fiquei sem fôlego.

— É… o Festival da Lua Oculta? — perguntei.

Ela mordeu o lábio e assentiu.

Fitei a tela. A cena era íntima e animada, e fez com que me sentisse um pouquinho mais próxima de Corona.

— Meus pais se conheceram e se apaixonaram nesse festival — Dália disse.

— Sério? — perguntei, com uma das mãos sobre o coração. Creio que era verdade o que minha mãe dissera sobre os aldeões encontrarem o amor nessa época do ano.

— Aham — ela disse, sorrindo. — E todos os anos, minha família inteira passa dias se preparando. Costuramos nossas roupas à mão. Este ano, todos vestirão branco para representar a lua oculta.

— Vai ficar tão bonito. Claro, nunca fui ao festival.

— Você vai adorar. Ele desperta o melhor de cada um. Os chefs, os artistas, os jardineiros, os músicos, os dançarinos… É como se não houvesse lugar melhor para se estar, sabe?

— Sei! — eu disse, sentindo uma emoção genuína em relação ao que, de início, parecia ser só mais uma obrigação de princesa.

Criei coragem e disse:

— Na verdade, estava querendo saber se você gostaria de me ajudar. — Vi o rosto dela se iluminar e continuei: — Tenho um projeto especial que gostaria de realizar. É muito pessoal.

— Adoraria! — Dália disse. — Seria um sonho se tornando realidade. Sempre fui uma espectadora no festival. Mas ajudar a princesa em seu projeto especial… Uau.

— Oh, que bom — falei, sorrindo, porque o entusiasmo dela era contagiante. — Mas é uma espécie de segredo, certo?

— Não direi nem uma palavra — Dália prometeu, com os olhos brilhando.

— Estou tão contente que tivemos a oportunidade de conversar. Venha até o castelo amanhã. Vamos pintar panos de fundo para a dança. — Era um disfarce perfeito para a nossa verdadeira missão.

— Raps! — Cass me chamou, em frente à padaria.

— Tenho de ir — eu disse, acenando ao me afastar. — Vejo você amanhã.

— O que você estava fazendo? — Cass perguntou, entregando-me um doce quando me juntei a ela.

— Pedindo a Dália que exiba as suas habilidades no Festival da Lua Oculta — eu disse.

— Já falei para você: o pintor de retratos da realeza faz isso — Cass disse. — Qualquer pessoa que vai trabalhar no festival precisa ser investigada.

— Podemos investigá-la amanhã.

— Temos de permanecer focadas na nossa tarefa — Cass disse. Dessa vez não havia um sorriso na sua voz.

— Só tenho mais uma pergunta — falei para Xavier. Peguei meu diário e mostrei a ele a frase que eu havia lido no paredão. — O que significa?

Xavier estudou as palavras em saporiano.

— “Aqui encontra-se o nosso tesouro, unido com um abraço; que não seja perturbado.” Onde você encontrou isso?

— Em outro livro — Cassandra disse. — Rapunzel é uma devoradora de livros!

Dei de ombros e sorri.

— Saporiano não é uma língua bonita? — Xavier perguntou. Concordei com a cabeça.

Por sorte, além de “A Lagoa Perdida”, tinha copiado no diário alguns dos outros poemas do livro verde.

— Você poderia traduzir os outros poemas para nós? Os que estão em saporiano? — perguntei.

— Prefiro fornecer as ferramentas para que você mesma os traduza. Tenho certeza de que irá descobrir que é uma experiência muito mais gratificante. Fico muito contente que a nossa princesa reaparecida tenha amor pelas línguas. Vou pedir para Marco entregar aqueles livros o quanto antes. Estão bem no fundo dos meus baús, por isso talvez demore até amanhã.

— Seria ótimo. Obrigada por tudo.

Só então Marco surgiu da sala do fundo.

— O punhal foi aperfeiçoado, Xavier.

— E bem a tempo para a segurança do Festival da Lua Oculta — Xavier disse.

— Posso vê-lo? — Cass perguntou.

— Tenha cuidado, jovem dama — Marco falou. — Está segurando um objeto muito perigoso. É a lâmina mais fina e mais forte de todos os continentes.

— Marco bem sabe — Xavier disse. — É um viajante do mundo. Chegou aqui faz só um mês, vindo do outro lado do mar de Silodeen, onde foi aprendiz na guarda do rei.

— Tenho muita experiência com punhais — Cass disse, apertando os olhos em direção a um ponto na parede. — Então você não precisa se preocupar comigo.

— Ela é a filha do capitão da guarda — expliquei. Não gostei do modo como Marco pressupôs que Cass não conhecia as armas dela.

Cass fez um movimento rápido com a mão, atirando a adaga com a mira de uma especialista. *Vuum.* Assistimos à arma enterrar sua lâmina no batente da porta.

Xavier assobiou com admiração.

— Nada mal! — Marco disse. — Dá para perceber que você pratica há anos.

— Você não tentou entrar para a guarda coroniana, Marco? — Xavier perguntou.

Marco empalideceu por um instante, mas pigarreou e disse:

— Tentei, embora soubesse que não era lugar para mim.

— E por quê? — Cass perguntou com a cabeça inclinada, demonstrando interesse. — A nossa guarda é a melhor do mundo.

— Suponho que aprendi ao longo dos anos que compreender os pontos fracos das pessoas é a porta de entrada para a verdadeira força — ele disse com um suspiro. Xavier anuiu. Percebi por que os dois trabalhavam juntos.

— O que você quer dizer? — Cass perguntou.

— Sempre quis ser um defensor do reino — Marco continuou. — Mas, ai de mim, não nasci para isso. Bravura, destreza física e coordenação não são talentos que eu tenha.

— Eu tenho — Cass disse.

— É visível — Xavier falou, removendo o punhal do batente da porta.

— Mas não estou autorizada a me juntar à guarda.

— Agora não, talvez — Marco disse. — A única coisa com que podemos contar é com a mudança. — Cass quase sorriu. Algo deu cor ao rosto dela, e imaginei que fosse esperança. — Quanto a mim, sabia que nunca avançaria além do posto de aprendiz.

— Quais são os *seus* verdadeiros talentos? — perguntei.

Marco sorriu e deu um leve tapa na cabeça.

— Bem, sou um pensador. Tenho fome de conhecimento acima de tudo. A história é como um enigma infinito para mim. A linguagem é um universo de fascinação.

— E você é habilidoso em soldagem de ferro, também — Xavier disse com uma risadinha. — O que ajuda nesta função.

— É verdade, é verdade — Marco falou. — Este é o melhor de todos os mundos. Trabalhar aqui para você, o homem mais sábio e instruído de toda Corona, é o meu lugar, isso é claro para mim.

— Gostaria de um desses punhais um dia — Cass disse.

— Então tenho certeza de que você terá um — Marco disse. — Talvez não quando você espera; o destino é uma fada volúvel. Mas,

se lutarmos por nossos sonhos, ela por fim permitirá que a capturemos. E então, então, meus queridos, quando estivermos realizando os nossos sonhos, o mundo nos pertencerá.

23

CASSANDRA



Já que Marco não iria entregar os livros antes daquela noite, Raps insistiu que fôssemos até a lagoa para praticar o golpe da Besta Alada, e fiquei agradecida. Mas o que tinha dito para ela à tarde ainda era verdade: eu ia partir. Mesmo que o mistério da lagoa me puxasse, como mãos me encorajando, arrastando-me de volta. Não ia viver com medo de ser mandada embora ou de ganhar a reputação de não ser confiável, de jeito nenhum. De jeito nenhum. Isso me impediria de ir em busca de uma vida de dignidade e trabalho.

As palavras de Marco sobre o destino ecoavam na minha mente. Eu não ia trilhar o caminho mais seguro. Eu me apegaria ao sonho de viver uma vida de aventura e liberdade. Nunca desistiria de fazer parte de uma guarda — mesmo que não fosse a guarda *coroniana*.

Estávamos na clareira sombreada da lagoa. Abri o *Manual definitivo do guerreiro*, apontei para o diagrama com a legenda A BESTA ALADA e disse:

— Este é o golpe que vai me destacar em relação a todo mundo.

— Parece ser… complicado — Raps disse. Ela respirou fundo. — Mas podemos realizá-lo, se tentarmos!

Entreguei o livro para ela, alonguei os tendões e músculos das pernas, e ela começou a ler.

— O golpe da Besta Alada só foi realizado por guerreiros do mais alto nível. Dizem que os soldados que executam esse golpe altamente sofisticado atingiram um nível de maestria. Caramba — ela falou, virando o livro de lado para ver a ilustração de outro ângulo. — Não é de admirar que seja tão impressionante. É ginástica de verdade.

— Então, você acha que não consegue me ajudar? — perguntei.

— Não falei isso. Vamos começar a praticar agora. Creio que você tenha que ficar sobre os meus ombros.

— Você que vai subir nos *meus* ombros. Vou ser a base, e você as asas.

— Você é quem sabe — ela disse. E continuou a ler: — "A força vem do soldado que atua como base, enquanto quem faz o papel das asas deve entregar a sua vida por completo nas mãos do parceiro." — Raps fez uma pausa e mordeu o lábio. — Hum, entregar a *vida*?

— Se você aterrissar no solo da maneira errada, vai quebrar o pescoço. Se não houvesse risco de vida, não seria a manobra fundamental do guerreiro, seria? — Raps concordou com um gesto de cabeça. — O que foi? Não confia em mim?

— Óbvio que confio — ela disse.

Esperei alguns segundos antes de começar a rir.

— Estou brincando com você, Raps! Você tem os cabelos para servirem de apoio!

— Oh! — ela disse, respirando aliviada.

— Enganei você direitinho! — falei, e nós duas rimos.

— Qualquer outra pessoa estaria confiando a vida a mim; no seu caso, você pode enrolar os cabelos em volta de um galho, então não corre o risco de cair no chão. Mas você faria mesmo assim, não é?

— Faria — ela admitiu. — Estava com muito medo, mas faria.

Isso era significativo para mim. Ela mostrava lealdade na maioria das coisas. E estávamos nos divertindo nos últimos tempos…

Depois de nos alongarmos, começamos a praticar. Demorou alguns minutos para ficarmos na posição.

— Quando eu contar até três, vou usar as mãos para impulsionar o seu pé para cima — disse para Rapunzel.

Praticamos várias vezes sem sucesso, mas eu estava determinada a pelo menos dominar o primeiro passo da Besta Alada. A manobra completa envolvia dois soldados que dariam a impressão de ser uma única pessoa, um se escondendo atrás do outro. Então, enquanto a “base” distraía o inimigo, as “asas” subiam nas costas da base, empunhando uma faca. Em um movimento veloz e destemido. A base, em seguida, lançava as asas no ar, dando a elas a amplitude necessária para dar um salto mortal, voando em direção ao inimigo desavisado, atingindo-o na cabeça e deixando-o inconsciente. O segredo da manobra era que a base tinha que agarrar as “asas” antes que aterrissassem de cabeça no chão, já que havia um alto risco de ferimento grave. O cabelo de Rapunzel enrolado em um galho de árvore eliminava a maior parte do perigo, mas ainda assim era bastante assustador arremessá-la para o ar. Um movimento errado e ela poderia se ferir. A única maneira de a manobra ter êxito era se as asas caíssem de cabeça, em total confiança.

— Acho que você precisa me arremessar um pouco mais alto — Raps disse, balançando na árvore, presa pelos cabelos, depois da décima ou décima primeira tentativa. — Não consigo obter impulso suficiente para cair virada para baixo.

— Podemos continuar fortalecendo o braço — eu disse.

— Mas o livro diz que é tudo uma questão de alinhamento — Rapunzel falou, escalando o próprio cabelo até o galho para se desprender.

— Então acho que temos que nos alinhar melhor da próxima vez — eu disse, enxugando o suor da testa. Tinha que admitir: isso era exaustivo.

— Vamos dar um mergulho antes de voltar para o castelo — ela sugeriu. — Talvez encontremos mais mensagens escondidas.

— Mas só temos uns minutos — eu disse. — E sua mãe me perguntou ontem por que estamos tão bronzeadas.

— O que você falou para ela? — Raps questionou ao soltar-se e pular no chão.

— Falei só que você não se cansava de observar a flora e a fauna coroniana, e que…

— Ei, olha que pedra bacana — Raps pontuou de repente.

— Oh, posso ver? — perguntei.

— Claro — ela disse, entregando-a para mim.

— Não é uma pedra — aleguei. — É uma relíquia. Uma ponta de lança genuína. E pertencia à nobreza.

— Como você sabe? — ela perguntou.

— Pelo formato, e estas marcas bem aqui. Mas está faltando a ponta. Veja, está macio onde deveria estar a parte mais afiada. É muito estranho.

— Tem certeza de que não é só uma pedra?

— Absoluta. Dê uma olhada nestas linhas. Foram esculpidas, não há dúvida.

— Sei que há alguns livros sobre história militar na biblioteca — Raps disse. — E com certeza esta pedra vai nos dar uma pista sobre quem esteve aqui antes.

Tive uma sensação quando estávamos voltando — a ideia de que deveria permanecer em Corona. Que Rapunzel e eu tínhamos trabalho a fazer juntas. Um trabalho de longo prazo. Mas eu seria incapaz de viver sabendo muito bem que era possível ser banida a qualquer momento. Depois deixei esse pensamento de lado, segurando a ponta de lança com o punho cerrado.

24

RAPUNZEL



—Então você está procurando livros sobre armas antigas, hein? — perguntou Kinnaird, o idoso bibliotecário. Ele tinha uma barba branca bem aparada, um sorriso que fazia seu rosto inteiro se enrugar, e usava óculos que balançavam na ponta do nobre nariz. Era a manhã do dia seguinte, e Cass e eu tínhamos decidido ir até a biblioteca durante o horário de trabalho de Kinnaird, para o caso de ele poder nos ajudar.

— Estou — eu disse.

— Pontas de lança, especificamente — Cass acrescentou.

— Lamento, mas nossa variedade de livros sobre armas é limitada — Kinnaird falou, entregando-nos três volumes. — Mas talvez um desses seja útil.

— Você está preparado para o Festival da Lua Oculta? — perguntei a ele enquanto Cass procurava livros.

— Estou tão ocupado quanto é possível estar. Vou dar uma palestra sobre livros raros, coordenar uma oficina de encadernação e uma hora de contação de histórias para as crianças.

— Vai ser divertido! Que livro você vai ler para elas?

— Uma história do Flynn Rider seria apropriada, você concorda? — ele perguntou.

— Sem dúvida! — falei, já sabendo que José não perderia essa atividade por nada nesse mundo.

— Apesar de tudo, estou um pouco atrasado. A biblioteca tem estado mais movimentada que o normal — Kinnaird disse, indicando com um gesto os livros que precisavam ser recolocados nas prateleiras.

— Muitas pessoas se preparando para o festival? — Cass perguntou, de repente alerta.

— Sim. Tive muitos visitantes. Alguns eu reconheço, outros não. Aquele instrutor de dança, LaFleur, veio diversas vezes até a seção de geografia, e a nossa visitante, Marie de Hervan, é uma ávida leitora da história coroniana.

— É mesmo? — perguntei, e Cass e eu trocamos olhares.

— Na verdade, ela tem algumas multas por atraso. Detesto incomodar — Kinnaird disse —, mas talvez você possa lembrá-la, com sutileza, se a vir?

— Isso não vai ser problema — Cass garantiu, trazendo os livros para o balcão para dar saída.

— Na verdade, vamos vê-la em breve — eu disse.

— Hum… Não havia nada naqueles livros sobre essa ponta de lança de formato esquisito — falei, enquanto caminhávamos para o salão principal. Era hora de me vestir para o treino de esgrima.

— Tem que ser *alguma coisa* — Cass disse, virando a ponta de lança nas mãos. — Seria uma das pedras preciosas? Será que esse poema inteiro é sobre os militares?

— Bem, essa ponta de lança não brilha — eu disse. — É apenas uma pedra de um certo formato. Exploramos cada centímetro daquela enseada na nossa última visita. As únicas pedras que parecem preciosas são essas, pelo menos quando o sol incide sobre elas.

Levantei a mão para mostrar a pulseira. Cass olhou fixamente para o próprio punho. Apesar de sua frustração comigo, ainda não tinha tirado a dela.

— Não tem como elas serem joias — ela disse. — São apenas pedaços de vidro sem graça. Nada de especial.

Franzi a testa e engoli a mágoa. *Como ela pode dizer que as pedras não eram nada de especial*?

— Veja bem, depois de interrogarmos Marie sobre o poder antigo, vamos ter que melhorar a sua esgrima — Cass disse. — Não pode deixar Marie vencer você. A esgrima exige a agilidade física do balé, a força da… — Ela estava a ponto de iniciar uma explicação quando Dália apareceu.

— Oi! — eu disse, cumprimentando-a com entusiasmo. Ela foi um sopro de ar fresco após o comentário de Cass.

— Estou tão feliz por estar aqui — falou com um sorriso amplo. — Você está pronta para conversar? Precisamos ir para algum lugar um pouco mais reservado, certo?

— O quê? — Cass perguntou, com as mãos nos quadris. — Com licença, Dália, mas você não deveria estar aqui.

— Cass, Dália está aqui para nos ajudar a preparar o Festival da Lua Oculta. Realmente quero que ela participe. Foi onde os pais dela se conheceram e se apaixonaram. Além disso, ela é uma grande artista. Precisamos de ajuda com esses cenários!

— É um sonho se tornando realidade — Dália irradiava alegria.

— Não, não. Os pintores do castelo irão terminá-los a tempo. Eles sempre terminam. E isso vai contra o protocolo. — Cass olhou para mim. Se alguém estava comprometido com o seu dever, essa pessoa era Cass. Como poderia convencê-la a não se preocupar com Dália? — Você não pode ir convidando *qualquer pessoa* para fazer parte das festividades do castelo, Raps.

— Ela é a minha primeira opção para assistente dos artistas — eu disse, conduzindo Dália para o lado. Cass balançou a cabeça e começou a afiar as espadas. Baixei a voz para conversar com Dália. — Então, na verdade, estou fazendo um presente secreto para Cassandra. Vou oferecê-lo durante o festival. E quero que seja algo muito bonito sobre amizade. Vou precisar das suas melhores tintas, das mais coloridas.

— Isso não vai ser problema — Dália considerou. — Prometo que vou trazer tudo o que você precisa. — Ela respirou fundo. — Posso só dizer que é incrível estar aqui agora? Estou me preparando para o festival nos bastidores. Oh, adoro isso! Você precisa mesmo de ajuda com esses cenários?

— Acho que não, está tudo resolvido, mas talvez seja melhor você fingir que está tomando notas. Isso vai despistar Cass.

— Claro! Vou andar pela sala como se estivesse apreendendo a sensação do espaço — Dália falou, pegando o caderno de desenhos e começando a caminhar devagar.

Voltei para me juntar a Cass.

— Por que exatamente você confia nela? — Cass perguntou quando Dália estava fora do alcance de sua voz.

— Confie em mim. Ela é legal. Ela adora esse festival desde que era garotinha. E é uma artista de verdade.

— Nós não a conhecemos — Cass disse. Observei Dália desenhar o corredor. Não havia nada de errado com ela. Tinha certeza disso.

— Olá, jovens damas, estão prontas para o treino? — Era Marie, que não tinha apenas um, mas dois trajes de esgrima. O da vez tinha um laço na máscara.

— Estou — confirmei.

— Mas, antes de começar — Cass disse —, queremos saber por que você tem retirado livros sobre história coroniana da biblioteca. O que você está procurando especificamente?

— Você é muito insolente — Marie disse.

— E você é suspeita — Cass respondeu.

Dália deu vários passos em nossa direção para fazer um esboço do palco de uma perspectiva diferente.

— Estava querendo mandar bordar o meu traje de esgrima com emblemas históricos do reino, se quer saber — Marie falou, com lágrimas brotando nos olhos. — Ia ser uma surpresa.

— Você precisa de alguma linha colorida? — Dália perguntou. — Tenho uns carretéis muito bonitos vindos lá de Tal Leste.

— A linha hervaniana é a melhor do mundo. — A testa de Marie ficou enrugada com a ofensa. — Por que eu usaria qualquer outra coisa? — Ela respirou forte, engolindo o choro.

— Hum, desculpe — Dália respondeu.

— Adoraria ver a linha — eu disse para Dália. — E agradeço por pesquisar os nossos emblemas, Marie. Você foi muito atenciosa. — Entreguei um lenço para ela. A princesa hervaniana parecia cada vez mais inocente.

Cass resmungou, frustrada.

— Vamos voltar a isso, Marie. Mas agora não tenho certeza de que os pressupostos são seguros. Se vocês me desculpam, preciso acompanhar uma pessoa para fora do castelo. — Cass indicou a saída com a cabeça para Dália.

Sabia que estava dificultando o trabalho dela, mas tinha que acreditar que Cass entenderia quando visse o meu presente.

— Não se preocupe, eu mostro a saída para ela — ofereci, chamando Dália com um gesto para que me seguisse. — Falo com você mais tarde — sussurrei ao nos dirigirmos para a saída. — Até amanhã.

— Com certeza — Dália sussurrou de volta. E, em seguida, saiu.

Cass olhou feio para mim.

— Ela foi embora — eu disse.

— Na minha cultura, as damas de companhia devem demonstrar obediência! — Marie exclamou.

— Aqui não — eu disse, encontrando os olhos exasperados de Cass. — Aqui não.

25

CASSANDRA



—Você não pode convidar as pessoas para o castelo até conhecê-las melhor — expliquei para Raps enquanto ela fazia seu esboço do cenário do salão principal. Havíamos terminado um treino de esgrima bastante cansativo. Marie estava energizada pela raiva que sentia de mim. — Principalmente agora que o livro desapareceu.

— Mas Dália não deu motivos para eu não confiar nela. — Rapunzel levantou os olhos do desenho. — Você acha mesmo que meus instintos estão tão errados?

— Acho que são instintos *não treinados* — respondi.

— Não é isso que os instintos são? — ela perguntou.

— Não quando se trata de segurança.

Ouvimos uma batida na porta.

— Vou atender — eu disse. — Quem é?

— Uma entrega especial para a princesa — um homem falou, e ela pulou da cama para se juntar a mim. Fiz um sinal para ela ficar para trás. Eu ainda era sua dama de companhia, afinal, e era meu trabalho atender a porta. Marco estava parado no limiar, com três livros: *Saporiano antigo: um guia*, um dicionário de saporiano e *Contos de fadas de Saporia*.

— Muito obrigada — eu disse.

— Mal podemos esperar para ler os livros — Rapunzel disse.

Nós estendemos as mãos para pegá-los ao mesmo tempo, e a ponta da lança caiu do meu bolso. Eu me abaixei para recuperá-la o mais rápido possível.

— O que é isso? — Marco perguntou.

— Minha pedra da sorte — respondi.

— Posso ver? Estou sempre interessado em pedras antigas. Elas são como palavras ancestrais, não são? Carregando história em suas formas — Marco disse.

— Não — eu disse. — É minha pedra da sorte.

— Ela é tão supersticiosa — Rapunzel falou, entrando na minha frente. — Se alguém tocar nesta pedra, Cass acha que vai perder a sorte.

— Entendo, sem problemas — Marco disse. — Você só não tinha me parecido do tipo fantasioso.

— Você não me conhece muito bem.

— Acho que já vou indo, então. Xavier mandou este bilhete.

Assim que Marco foi embora, Rapunzel abriu o pequeno envelope. Parecia impossível que as mãos grandes de Xavier fossem capazes de compor letras tão pequenas. A escrita era minúscula e precisa.

— O que diz o bilhete? — perguntei.

— “Onde duas línguas se encontram, uma terceira forma-se entre elas. O lugar entre duas almas, um lugar que não existiria sem o que cada um traz para ele. Desfrute da arte da tradução!”

— Ãh?

— Acho que ele quer dizer que as línguas são como as cores. Cada uma está sozinha, mas, quando se encontram, criam algo novo — ela disse.

— Não entendi.

Enquanto Rapunzel copiava as palavras no seu diário, abri o dicionário de saporiano, atentando-me ao título do poema seguinte a “A Lagoa Perdida”: “Lunnatee”.

— A palavra significa “relacionado à lua” — eu disse.

— O que tem relação com a lua? — Rapunzel perguntou, levantando o olhar.

— “Lunnatee”, o próximo poema.

— Oh! — Rapunzel bateu palmas, incapaz de conter o entusiasmo. — Precisamos ir até lá quando a lua estiver brilhante!

— É verdade, nunca fomos até a lagoa à noite — eu disse. — Isso tem que ser uma pista.

— Mas a última vez que escapulimos à noite…

Ela não precisou completar a frase.

— Estou disposta a correr o risco se você estiver — anunciei.

Ela fez uma pausa, tocando os cabelos.

— Isso é sobre Corona — eu disse.

Rapunzel anuiu, solene.

— E ninguém jamais saberá — ela continuou, como se pudesse ler minha mente.

— Amanhã — falei.

— Por que não hoje à noite?

— Precisamos entrevistar os chefs para as demonstrações de culinária. E, depois disso, vamos avaliar os alfaiates. Não pode parecer que algo está fora do normal. E, de qualquer forma, estará nublado hoje. Precisamos que a luz da lua esteja tão clara quanto possível.

— Mas nós vamos ter tempo? — ela perguntou, com os olhos transbordando de emoção. — Você só fica mais cinco dias. A não ser que… Você mudou de ideia?

— Não. Não mudei de ideia. Muita coisa acontece em cinco dias. Temos tempo.

— Se você está dizendo… — ela falou, enterrando o rosto no livro.

— Estou dizendo.

26

RAPUNZEL



No dia seguinte, as cenas e os sons da praça do mercado foram um choque agradável para meus sentidos. Coloquei a capa nos ombros e puxei o capuz sobre a cabeça, encantada em ser uma compradora anônima em uma tarde movimentada. Cassandra estava em uma reunião com toda a equipe de funcionários para a preparação do festival. Usando meus cabelos, desci pela janela sem ninguém notar a escapulida. Se me apressasse, ficaria fora só por uma hora.

Por um breve instante, eu estava livre. Enquanto assimilava o cenário à minha volta, meu coração saltava no peito. Ali perto, uma vendedora de temperos vangloriava-se de ter um pó laranja que ela jurava que daria vida a qualquer cozido. Quando me inclinei para cheirá-lo, meus olhos lacrimejaram. Rimos juntas, e ela me presenteou com maços de alecrim, manjerona e sálvia. Fechei os olhos e inalei os aromas. Tínhamos essas especiarias na horta do castelo, claro, mas vê-las dispostas na banca da vendedora faziam-nas parecer novas.

A padaria com os doces de amora e creme estava aberta também, e fiz questão de parar na pequena loja. O aroma da

manteiga quase queimando atraiu-me como uma corda invisível. Um sino acima da porta tocou quando entrei.

— Por que está vestindo um manto em um dia tão quente, querida? — a padeira perguntou. As suas bochechas eram rosadas e o rosto parecia ser ainda mais redondo por causa da touca na cabeça.

— Para me proteger do sol, sou muito branca. — Uma camada fina de transpiração formou-se na minha testa e tirei-a com um lenço.

— Do que são estes aqui? — perguntei, apontando para os doces que Cassandra comprara para nós no outro dia.

— Doces de amora — ela respondeu.

— São as minhas guloseimas favoritas — eu disse. — O que tem de tão bom neles?

— É o meu segredo — ela disse, sorrindo para mim com alegria. Nem esperei sair da loja para devorar um, e ela riu ao me observar.

Agora era hora de ir ao que importava: o motivo pelo qual eu estava lá naquele dia, e sem Cass.

Sabia o quanto ela gostava de ir ao mercado, e que ficaria chateada se soubesse que tinha ido sem ela, mas precisava fazer aquilo sozinha. Em primeiro lugar, era bom ter uma pequena pausa de Cass, que podia ser totalmente paranoica quanto à segurança.

Também queria mais tempo com Dália para discutir o presente dela. Tinha decidido na noite anterior que deveria ser uma pintura pequena, só para os olhos de Cassandra. Mas precisava de alguns suprimentos.

A banca de Dália era decorada com cores ricas, as mais extraordinárias: azuis profundos e laranja brilhante, tons de azul-petróleo e grená, tons de pedras preciosas… A variedade de tintas era mais ampla que qualquer outra que já tivesse visto.

— Oi! Eu ia ao castelo mais tarde para ajudar você a pintar… — Dália disse. Sardas pontilhavam o seu nariz. Seus olhos eram verdes, e o vestido cor de berinjela destacava-os como se fossem pedras preciosas.

— Certo, mas eu queria garantir um encontro sozinha com você para falarmos sobre o meu projeto secreto. Pode me mostrar sua última remessa de cores? — perguntei.

— Um barco chegou de Skaron ao amanhecer, trazendo novas tonalidades. Eles têm as melhores tintas do mundo.

— Uau — falei quando ela abriu uma gaveta e exibiu mais de cem cores. — Não consigo explicar o que estou sentindo agora. As possibilidades de expressão estão explodindo em minha mente.

— Rapunzel, você é uma verdadeira artista, não é? — ela perguntou.

— Sou. — Foi bom dizer isso. Tinha encontrado alguém que queria conversar sobre as mesmas coisas que eu, afinal!

— A pintura é a minha arte favorita — Dália disse. — Embora eu desenhe também. Gostaria de ver meus pastéis?

— Adoraria.

Ela estava mostrando uma bandeja de cores deslumbrantes quando senti um tapinha no ombro.

— Rapunzel?

Eu me virei e vi Cassandra.

— O que você está fazendo aqui? — ela questionou.

— Estou só escolhendo algumas tintas para o festival — repliquei. Por que senti que ia ter problemas?

— Preciso levá-la de volta ao castelo, na verdade — Cassandra falou para Dália. E voltando para mim: — Você não deveria sair sem mim. Ou sem um soldado.

— Ela só queria algumas tintas. Qual é o crime? Princesa, gostaria que eu levasse essas tintas ao castelo mais tarde?

— Gostaria muito — confirmei. — Você poderia ir direto para o meu quarto?

— Claro! — Dália disse.

— Rapunzel está ocupada — Cass falou, levando-me para longe. — Ela tem que se preparar para uma luta de esgrima que se dará na frente do reino inteiro. Vai encontrar fornecedores, participar de palestras e representar a família real em toda parte. Não vai ter tempo para socializar com uma só pessoa por mais de alguns minutos.

Dália deu um passo para trás e disparou um olhar perplexo para mim.

Tudo bem, articulei com os lábios, sem emitir som.

— Até lá! — falei.

Dália sorriu para mim com esperança.

— Precisamos ir para casa — Cassandra disse, conduzindo-me para longe. — Você ficou louca? Você pode ser confinada ainda mais se seus pais souberem que esteve no mercado sem mim. E convidar alguém para o seu quarto? Isso quebra todas as regras.

— Estou bem — assegurei para Cass. Se pelo menos ela soubesse que eu estava lá por causa dela, para comprar o material para criar uma pintura que a convencesse a ficar em Corona, o lugar a que ela pertencia.

Mais tarde naquela noite, depois que entrevistei a equipe nacional de bocha e testei a quadra em relação à suavidade e nivelamento com o capitão do time, depois que encontrei a liga de crochê e admirei suas elaboradas e delicadas mantas, Cass e eu voltamos para o meu quarto.

— Você deixou a porta aberta? — Cass me perguntou enquanto a abria.

— Puxa, não deixei — eu disse.

— Que estranho — Cass disse. — Porque quando eu estava tentando destrancá-la, na verdade eu a tranquei, o que significa que a porta estava destrancada.

— Sempre tranco a porta. Além disso, você não foi a última a entrar aqui, quando veio buscar o meu equipamento de esgrima? — perguntei. — *Você* esqueceu de trancar?

— Por favor — ela disse e acendeu um fósforo. — Um lapso tão grave no protocolo nunca…

Ela acendeu o lampião central. Nós duas arquejamos.

As estantes haviam sido destroçadas; os livros estavam por todo lado. A porta do meu guarda-roupa estava aberta, os vestidos estavam espalhados pelo chão. As almofadas do sofá estavam viradas. As gavetas tinham sido retiradas da escrivaninha, e as coleções e papéis haviam sido revirados.

Enfiei a mão sob o colchão, onde o meu diário permanecia intacto, seguro.

Ainda bem, pensei. As lágrimas rolavam pelo meu rosto.

27

CASSANDRA



O invasor não tinha levado nada, na verdade, o que tornou tudo mais inquietante.

Rapunzel e eu fomos até a lagoa naquela noite. Decidimos que, apesar do arrombamento — ou talvez por causa dele —, tínhamos que ir à lagoa conforme o nosso plano.

Nunca iria demonstrar, mas eu estava transtornada. Alguém tinha ousado invadir o quarto da princesa? Que tipo de idiota descarado faria uma coisa dessas? E onde os soldados estavam? Jogando cartas? Tirando uma soneca? Fofocando? O fato de eu estar indo embora de Corona era bom — aquele lugar estava afrouxando os padrões. E, ainda assim, meu estômago estava embrulhado. Era evidente que precisavam de mim mais do que nunca. Eu era a única pessoa que poderia fazer o trabalho com competência.

Ou não?

Tinha acontecido no meu turno. Apertei a lateral da minha cintura, onde uma dor se formara.

Onde foi que eu errei?

Depois que arrumamos o quarto de Rapunzel, fizemos tudo de acordo com a nossa rotina. Além dos deveres do Festival da Lua Oculta, jantamos com os pais dela e os hervanianos. Marie ainda

estava magoada comigo, mas eu não achava que a invasão fosse coisa dela. Alguém tão perfeccionista como ela não teria deixado aquele tipo de bagunça. Raps fez uma caminhada noturna com José e conversou com a rainha ao lado da lareira antes que as luzes se apagassem. Durante esse período, eu estava preparando o festival, checando detalhes com todas as criadas e certificando-me de que tinham entendido as tarefas.

Eu não quis alertar os soldados sobre o arrombamento — teria sido um desastre. Meu pai teria agido, e eu não queria arriscar que ele descobrisse a lagoa. Mas essa invasão definitivamente tornou a nossa missão mais premente. Quem quer que fosse, estava em uma busca, e tive uma terrível sensação de que alguém estava procurando o poder antigo. Por que mais a caixa de joias dela não tinha sido roubada? Qualquer ladrão competente saberia que o seu conteúdo valia uma fortuna. Então essa não era a fortuna de que o intruso estava atrás.

Às dez e meia, Raps e eu descemos na ponta dos pés por uma escada traseira, passamos pela cozinha e pela janela da despensa. A partir de lá, corremos como loucas para a lagoa. Agora, no caminho pela floresta que tinha se tornado tão familiar para nós, tentei mostrar para Rapunzel o quanto ela precisava ser cautelosa com estranhos.

— Acho que foi Dália — ponderei.

— O quê? Por qual motivo seria Dália? — ela disse.

— Tem algo de furtivo nela. Não me surpreenderia se ela tivesse um desejo secreto de assumir o controle do reino — falei.

— O quê? Estou dizendo, você está entendendo tudo errado em relação a ela — Raps defendeu-a. — Kinnaird disse que LaFleur estava examinando a geografia regional…

— Ele está escrevendo um balé! — eu disse. Já não encarava LaFleur como suspeito. Tinha que ser alguém novo, alguém que eu não conhecia muito bem. Quem era o acréscimo mais recente em nossas vidas? Quem tinha aberto um caminho para o coração de Raps? Dália. Além do mais, ela nos ouvira falar sobre o poder antigo. Afastei uns ramos quando a ravina familiar entrou no nosso raio de visão. — Se não vou estar aqui para protegê-la, você não pode sair convidando as pessoas para os seus aposentos! Até onde

sabemos, poderia estar convidando um inimigo do estado direto para o coração do castelo! É isso que você quer?

— O que eu quero é ter amigos — ela disse. Para minha surpresa, ela segurou meu braço de modo delicado, porém firme. — Você está começando a falar como os meus pais.

— Isso é ridículo.

— Nem todos estão tentando me machucar, Cass. Ou machucar você.

— Exceto essa pessoa que entrou no seu quarto! — eu disse, mais agressiva do que pretendia. — Você confia em todo mundo, e isso não é apropriado!

— E você não confia em ninguém — ela falou, cruzando os braços. — Nem em Dália, nem em José. Nem mesmo em mim… Não mais.

— Confio em Coruja. E em Fidella e Maximus. Até mesmo em Pascal. Aí está. São quatro… seres.

— Talvez tenha sido um ladrão comum — ela sugeriu.

— Que não queria suas joias?

— Eu confio nela, então, por favor, dê uma chance para Dália! Ela é tão criativa e uma companheira na arte. Você nunca quer conversar sobre coisas artísticas comigo.

— Isso não é verdade — discordei. — Quero dizer, acho que sou um pouco cética quando você começa a falar sobre as auras das pessoas e a sensação que o verde lhe transmite, ou como algo é tão branco que praticamente tem um som… — Mas às vezes preciso conversar sobre essas coisas, assim como você precisa falar sobre armaduras ou pontas de lança — ela disse.

— Mas isso é interessante.

— Blé — Raps disse.

— Duplo blé! — eu disse.

— Caramba! Cass! Será que você não consegue abrir a cabeça… só um pouco? — Rapunzel perguntou.

— Não.

— Não foi Dália. Não vou ceder nisso. Apenas sei. É a minha intuição.

— Tudo bem, tudo bem. Vou acreditar em você — eu disse.

— Sério? — ela perguntou, encantada.

— Sério, tudo bem. Fale com ela durante o Festival da Lua Oculta. Mas não a leve para além das áreas públicas.

— Obrigada — Rapunzel disse. Nós nos olhamos fixamente, no que pareceu um tipo de concurso de encarar. — Vamos fazer isso ou não?

— Ah, vou fazer isso de qualquer jeito — falei.

Agora que os cabelos de Rapunzel estavam longos, podíamos transitar sobre a ravina em pouquíssimo tempo. Ela os jogou para o outro lado do abismo e o enrolou em torno de um galho de árvore. Em geral, ela deixava eu me pendurar nas suas costas e depois pulávamos juntas. Mas, naquela noite, enquanto voava sobre a superfície rochosa rumo à lagoa, ela me deixou do outro lado para que eu percorresse a área sozinha.

— Muito obrigada — murmurei em voz baixa.

— Uau — eu a ouvi dizer do outro lado enquanto me movia com dificuldade pela passagem estranha.

— O quê? — perguntei, enxugando o suor da testa. A lua estava no zênite, brilhando com intensidade bem no topo do céu. Água fria corria sob os meus pés. — São joias? Armas? O que você está vendo?

— É tão bonito. Acho que a lagoa tem uma maré como o oceano. A água está mais alta.

— Mas o que você está vendo? — perguntei outra vez, em uma caminhada penosa, atravessando a ravina. — Há joias ou não?

— Não sei! — ela gritou em resposta.

Quando cheguei ao outro lado, Rapunzel tinha juntado as saias nas mãos e estava na lagoa, com água na altura dos joelhos, olhando fixamente para o fundo, como se estivesse em transe.

— Cass, veja! — Ela apontou para um cardume de peixes tão brilhantes quanto gotas de luz do sol. — Ouvi falar de peixes que mudam de cor durante a noite, mas nunca tinha visto.

— Nossa! — exclamei. Eles circulavam entre as pedras, que agora também pareciam ser de um amarelo cintilante.

— Você já viu alguma coisa assim? — Rapunzel perguntou.

— As pedras devem ter algum poder secreto à meia-noite. Temos que pegá-las.

— Só que meus cabelos… — ela disse. — Não posso arriscar que molhem.

Ela estava certa. A rainha Arianna não ia ficar satisfeita se Raps aparecesse com os cabelos pingando. Não era fácil secar vinte e um metros de cabelo com cachos resistentes — eles já levavam horas para secar na luz solar direta. Rapunzel e eu tínhamos inventado um milhão de razões pelas quais ela precisava de lavagens frequentes para cobrir outras saídas para a lagoa, mas sempre chegávamos de manhã, quando tínhamos tempo para esses acobertamentos. Não era o caso agora, e não tinha como os cabelos dela secarem por conta própria.

— Vou buscá-las — eu disse.

Rapunzel ficou esperando nas rochas, e eu mergulhei para trazer as pedras brilhantes; mas o que encontrei foram as mesmas pedras que conhecíamos há meses. Era só um truque da luz.

— Lá se vai a grande arte da tradução — comentei. — Não estamos nem um pouco mais perto de compreender o poema.

— O que estamos deixando passar? — perguntou Rapunzel. — Temos que estar ignorando alguma coisa. Essa água parece mágica demais para ser apenas… água.

— Está uma delícia aqui — falei, jogando um pouco de água à minha volta.

— Não faça isso! — Rapunzel disse.

— Desculpe — falei, mas depois joguei água nela.

— Oh! — ela soltou, e jogou em mim.

— Você acha que também vou mudar de cor se nadar com aqueles peixes? — perguntei. Era divertido provocá-la. — Só vou nadar até a cachoeira e de volta e, então, podemos retornar para o castelo.

— Tudo bem — Rapunzel concordou, com os braços cruzados.

Mergulhei pelo máximo de tempo que consegui prender a respiração. Meu objetivo era chegar à cachoeira sem ter que subir para respirar, e eu estava quase lá. Quando retornei para a superfície e estava prestes a colocar a cabeça sob a queda d'água, gritei de surpresa.

Rapunzel estava do outro lado da cachoeira.

— Ah! — eu disse.

— Peguei você! — Ela me agarrou por debaixo dos braços.

— Ahhh! — gritei outra vez quando ela usou os cabelos para ganhar impulso e balançou nós duas ao redor do galho da árvore, e depois para cima, no ar. No que parecia ser o zênite da lua, ela nos soltou.

Nós olhamos uma para a outra em pleno voo e, gritando e rindo, mergulhamos na lagoa.

— Guerra de água! — eu disse, dando risadinhas ao chegar na superfície.

— Tem certeza? — ela perguntou, com os olhos brilhando de malícia. Ela agarrou os cabelos, que estavam pingando como uma cauda de baleia.

— Hum, na verdade… — comecei.

— Tarde demais! — ela falou com alegria. Sacudindo a cabeça, lançou os cabelos ensopados sobre a lagoa, criando uma mini pancada de chuva.

— Não é justo — eu disse, tirando a água dos olhos. — Ei! Se empurrarmos essas rochas até ficarem juntas, você acha que podemos fazer um tobogã sobre a cachoeira?

— Só tem um jeito de descobrir — Rapunzel disse.

De volta ao castelo, inventamos algumas soluções criativas para secar os cabelos de Rapunzel tão rápida e silenciosamente quanto possível. Primeiro, usamos todas as toalhas que encontramos para torcer os cabelos o máximo que pudemos. Mas não foi suficiente. Então penduramos os cabelos para fora da janela, com a esperança de que uma brisa forte surgisse.

— Vamos ter que criar a nossa própria brisa! — Raps disse, com o rosto apoiado no peitoril da janela.

Chamei Coruja, que reuniu as outras corujas. Elas bateram as asas e movimentaram os cabelos de Raps pelo ar até que estivessem quase secos.

— Isso é meio esquisito — ela falou.

— Acho que precisamos de mais tempo para solucionar as coisas — eu disse.

— Mesmo? — Raps perguntou. — Por quê? Você mudou de ideia?

— Não — eu disse com firmeza. — É só que houve duas violações de segurança nesses últimos tempos: o livro roubado e a invasão.

Um dos princípios orientadores da guarda dizia: *Onde existe a necessidade de soldados, nós nos erguemos e nos preparamos para enfrentar a batalha.* Quem eu seria se partisse no meio desse caos? E, quanto ao mistério, estávamos perto da resolução. Podia sentir com todas as fibras do meu ser.

— Você sabe que podemos encontrar o poder antigo da lagoa juntas — ela disse, como se pudesse ler a minha mente. Em seguida, uma sombra cruzou o seu rosto. — Mas o festival é amanhã…

— Então vamos voltar para a lagoa amanhã à noite, depois que o festival acabar — anunciei. — Vou levar os meus mapas, você leva os dicionários. Vamos traduzir cada palavra do poema e chegar ao fundo disso. Assim terei cumprido todas as minhas obrigações com Corona.

— Perfeito — Rapunzel disse, enquanto as corujas continuavam a secar seus cabelos. — Espere. Amanhã é o eclipse. E tem que haver luz da lua, de acordo com o poema…

— Ah, certo… Acho que terá que ser na noite seguinte, então.

Raps estava esperançosa.

— Você vai ficar um dia a mais?

— Só um — eu disse, soando mais segura de mim do que me sentia.

— Tudo bem. Vai ser divertido — ela falou, dando seu sorriso mais luminoso ao mesmo tempo que as corujas continuavam as investidas e mergulhos.

28

RAPUNZEL



No início do festival, todos usavam branco para representar a lua que ficaria ausente naquela noite, como Dália havia descrito. Com instrutores guiando os aldeões, a multidão compôs uma lua crescente.

Marie e eu ficamos na varanda com o nosso equipamento de esgrima, desfrutando da vista para essa enorme quantidade de pessoas. Fiel à sua palavra, seu traje tinha sido bordado com símbolos históricos de Corona. Seu trabalho com a agulha era tão exato quanto seus ataques na batalha. Tinha que admitir: minha oponente estava vestida para o sucesso. O meu traje tinha um emblema de sol gigante. Eu o toquei com o punho e acenei para a multidão, que nos aclamou. Em seguida, Marie começou os seus habituais alongamentos e movimentos de artes marciais. Respirei concentrada e profundamente.

Cass endireitou minha máscara enquanto me encorajava.

— Lembre-se, a esgrima é tanto mental quanto física. Mantenha o foco.

— Entendi. E o cabelo? — perguntei. — Está fora dos limites?

— Para agarrar espadas, sim, mas como técnica de distração… Bem, não vejo problema nisso.

— Poderia ser divertido. Marie está sempre preparada para um desafio.

— Espere um minuto. O que ele está fazendo? — Cass perguntou, apontando para LaFleur, que estava passando velas para a multidão junto com sua equipe de dançarinos. Ele se destacava usando uma túnica branca adornada de dourado. Também usava uma elaborada peça para a cabeça com fitas saindo dela.

— Será que ele está tentando criar um clima? — indaguei, quando as luzes pequenas multiplicaram-se.

— Ou começar um incêndio! — Cass falou. — E, claro, o responsável por cuidar da prevenção de incêndios não está à vista. Droga! Vou ter que descer até lá e ficar de olho nas coisas. Depois, vou arbitrar o jogo de bocha e, em seguida, atuar como provadora real para a grande competição de confeitaria.

— Aposto que vão trazer várias sobremesas maravilhosas. Tortas de maçã e bolos de chocolate, doces e merengues, e…

— É, bem, eu preferia liderar a demonstração de armas — Cass disse, apertando meu cinto. — Mas eles designaram os soldados para isso. Boa sorte! Não vou tirar os olhos de LaFleur até que cada uma daquelas velas seja apagada. Caso contrário, os dedos cintilantes lá embaixo vão nos transformar em fuligem.

— Olá — minha mãe falou para o povo quando ela e meu pai juntaram-se a nós na varanda. — E bem-vindos ao primeiro evento do Festival da Lua Oculta! — A multidão a aclamou. — Estamos encantados e honrados por ter Lady Marie de Hervan com a nossa querida princesa Rapunzel em uma luta de esgrima amigável para dar início às festividades. — Mais uma vez, os aplausos nos inundaram como uma onda. Meus dedos começaram a formigar com o nervosismo e a animação. — Estão prontas, meninas?

— Estou — confirmei com um sorriso.

— Sempre — Marie disse. Sua ferocidade ainda me surpreendia.

— *Prêtes… Allez!* — papai gritou.

Nós nos atacamos e nos defendemos e, em pouco tempo, Marie conduziu um ataque simulado e marcou um ponto. A plateia aplaudiu a vitória dela e, em seguida, gritou o meu nome. Era uma

luta amistosa, é claro, mas as pessoas não conseguiam evitar divertir-se com aquilo tudo. Marie assumiu a posição inicial enquanto eu recuperava a compostura. Ouvia Cass na minha mente, dizendo para eu me concentrar e criar uma estratégia. Como ela havia dito, a esgrima era tanto mental quanto física.

— Encontre a fraqueza mental do seu inimigo — Cass havia instruído. — Esta é a chave.

Minha respiração estava alta e ritmada sob a máscara. *Orgulho*, pensei ao encontrar o olhar de Marie. *A fraqueza dela é o orgulho*.

Antes que pudesse registrar mais pensamentos, Marie deu uma estocada e marcou mais um ponto. Pelo canto do olho, vi a expressão preocupada da minha mãe.

Isso faz parte do plano, pensei, fingindo um movimento que Marie reverteu com rapidez, pontuando de novo. Os aldeões ficaram calados. Imaginei que não queriam ver sua princesa ser derrotada com tanta habilidade. Os olhos de Marie estavam sorrindo. O nível da sua confiança estava alto. Agora era a hora!

Afastei-me dela, fazendo com que minha trança criasse um escudo ao meu redor. Com o salto curto da balestra e uma estocada baixa, ataquei e marquei um ponto. A multidão aplaudiu. Marie sorriu. Isso, sim, era uma luta!

— Certo, sobre o meu projeto especial — comecei a contar a Dália depois da competição de esgrima. Marie e eu tínhamos lutado com todo o coração. No final, empatamos. Nós duas ficamos satisfeitas com o resultado.

— Você mostrou-se uma oponente digna — Marie disse com uma mesura.

— Você é a melhor hóspede — respondi — porque nos desafia a estar à altura das circunstâncias. — Ela deu um sorriso enorme.

Agora, Dália e eu estávamos no salão principal, dando toques finais no cenário para o banquete, e eu estava sussurrando porque não queria que ninguém me ouvisse. Sabia que parte do poder do meu presente para Cassandra seria a surpresa, então não queria que ninguém ouvisse meu plano por acaso.

— Você pode falar mais alto? — Dália perguntou em meio ao barulho ao redor. — Não consigo ouvir você.

— Quero fazer alguma coisa realmente incomum — sussurrei, acenando para os passantes.

— Existe alguma maneira de irmos para um lugar um pouco mais sossegado? — Dália perguntou.

— Claro — eu disse, embora as palavras de Cass sobre não deixá-la ir além dos espaços públicos do festival estivessem circulando na minha mente. — Siga-me.

Fomos para a biblioteca, mas estava lotada. Kinnaird estava entretendo as crianças — e um José radiante — com histórias de Flynn Rider.

Tentamos a sala de jantar real, mas os chefs estavam tão ocupados demonstrando técnicas de produção de caldo para ávidos cozinheiros domésticos que percebi que estávamos atrapalhando.

Tentamos o quarto de vestir, mas as costureiras reais estavam dando uma aula sobre os últimos métodos de costura para uma multidão de alfaiates.

Fomos até os jardins, mas os jardineiros estavam conduzindo passeios educativos.

— Venha para o meu quarto — eu disse. Eu tinha algum tempo antes do próximo evento e ainda faltavam algumas horas para o baile. Por sorte, os soldados estavam tão distraídos com todas as atividades no castelo que consegui esgueirar-me com Dália por uma escada traseira, e passamos despercebidas.

Sabia que Cassandra não ficaria satisfeita, mas na minha opinião ela estava mesmo exagerando. Nada em Dália dava a impressão de ameaça. Ela era apenas uma companheira artista, e não um inimigo do estado. Cass estava olhando pelo lado negativo, como de costume.

— Então é assim um quarto de princesa! — Dália disse, observando o pé-direito alto, as janelas gigantescas emolduradas por cortinas flutuando e minha cama enorme.

— É. Este é o meu quarto.

Enquanto Dália corria as mãos ao longo dos intrincados azulejos ao redor da minha lareira, admirando o padrão, soube que eu estava certa. Ela só se importava com a arte.

— Conte mais sobre o projeto — Dália pediu, as covinhas aprofundando-se com o sorriso.

— Bem — eu disse, acomodando-me em uma almofada no chão —, quero fazer algo muito especial. — As coisas estavam indo tão bem com Cass nos últimos tempos. O presente perfeito talvez fosse tudo que ela precisava para se convencer a ficar. Era estranho, mas senti como se pudesse falar com Dália sobre os meus pensamentos artísticos sem qualquer constrangimento. Cassandra provavelmente faria pouco de mim, mas Dália balançava a cabeça em uma compreensão genuína. Indiquei com um gesto uma almofada que combinava com a minha. Pascal acendeu a lareira.

— Qual é a sua visão? — Dália perguntou, cruzando as pernas, colocando o queixo na mão e se inclinando.

— A cena é belíssima. — Fiz uma pausa. Tinha prometido não contar a ninguém sobre a lagoa, então tentei fazer soar como uma fantasia. Procurei encontrar um sinônimo para “lagoa” e pensei na palavra de Marco. — É um sumidouro.

— Sumidouro — disse Dália, contemplando a palavra. Seu rosto estava iluminado com a luz rosada da lareira. — Uma palavra feia para um lugar possivelmente bonito. Gosto disso. Tenho uma atração por contradições.

— Quero pintar a luz da manhã no sumidouro. E quero que pareça mágico. A cor precisa ser etérea.

— Hum… Estou sentindo tons de púrpura. Estou sentindo texturas macias.

— Sim — eu disse. — Mas esse é apenas o segundo plano.

— Continue.

— O primeiro plano será eu e Cassandra — falei.

— Você tem certeza? — perguntou, franzindo a testa.

— Ela não é o que você pensa. Ela é a pessoa mais incrível que já conheci.

— Sério? — Dália perguntou com uma curiosidade verdadeira.

— Ela é engraçada e forte e tão, tão inteligente — eu disse. Dália sorriu e assentiu. Sua mente aberta era revigorante.

— Vamos começar — Dália disse.

Ela levantou-se e abriu a maleta cheia de tintas importadas. Supus que houvesse pelo menos duzentas cores e vinte pincéis diferentes ali.

— Você está interessada em caneta e tinta? — Abriu outro estojo, com canetas de diversas espessuras e tinteiros de tinta preta de boa qualidade. As possibilidades criativas eram infinitas.

— Amo esta — eu disse, pegando uma das canetas.

— Também estou na fase caneta e tinta agora — ela disse.

— E quero que essa pintura seja pequena. — Levantei as mãos para mostrar o tamanho.

— Por quê? — Dália perguntou, com a cabeça inclinada, curiosa.

— As pessoas sempre pensam que maior é melhor, mas às vezes os itens mais preciosos são pequenos, por serem privados — falei. Tudo isso era verdade. Mas a principal razão pela qual eu queria que a pintura fosse pequena e leve era para que coubesse dentro de uma gaveta; onde pudesse ser escondida, para que ninguém jamais soubesse que estivemos na lagoa. Claro, eu também queria que fosse pequena o suficiente para caber dentro da bolsa de Cassandra, caso ela ainda fosse embora. — Esta peça precisa ser portátil.

— Adoro a ideia — Dália disse, o rosto iluminando-se. — Na verdade, até me arrepiei. A arte é sempre pendurada nas paredes, mas por que não poderia ser carregada também? Precisamos de arte conosco o tempo todo. Eu preciso, pelo menos.

Sorri.

— Trouxe um pouco de madeira para fazer uma moldura — ela continuou. — E tela, é claro. Mostre de novo o tamanho que você gostaria que tivesse.

Peguei meu diário e o levantei.

— Mais ou menos desse tamanho.

— É um diário? — Dália perguntou. Fiz que sim com a cabeça. Ela passou as mãos sobre ele. — É *deslumbrante*.

— Obrigada. — Tinha trabalhado muito para dar meu toque, com alguns poucos desenhos. Foi bom sentir que eu era apreciada.

— Posso pegá-lo? — ela perguntou.

— Pode, mas prefiro que você não olhe dentro — eu disse.

— Nunca — Dália falou, admirando os floreados que acrescentei à capa. — Só queria senti-lo. Esses detalhes que você sobrepôs são tão criativos. Eles parecem muito… você.

— Obrigada — eu disse, espantada que alguém que mal me conhecia pudesse reconhecer isso. — Espere. E se fizéssemos duas telas articuladas, que fechassem como um livro?

— Como um medalhão? — Dália perguntou, arregalando os olhos.

— Isso. Podemos fazer um acabamento do lado de fora das telas, para que fique com a aparência de um livro, mas na realidade seria uma pintura dupla!

— Genial! — Dália disse. — Deixe-me ver as ferramentas que tenho. Aposto que tenho um fecho que vai funcionar como uma encadernação. Também faço joias, sabe.

— Faz? — perguntei. Ela assentiu, procurando algo na bolsa. — Quero muito aprender mais sobre isso. Fiz esta pulseira que estou usando.

Mostrei a ela a pedra da lagoa no pedaço de couro enrolado no meu punho.

— Posso ver? — ela pediu. Estendi a mão. — Posso pegar a pulseira?

— Desculpe, eu, hum… não gosto de tirá-la.

— Por que não? — ela perguntou. Seu olhar questionador encontrou o meu em um pequeno desafio.

Cassandra e eu nunca tínhamos prometido que não tiraríamos as nossas pulseiras, mas desde que eu as fizera, nenhuma de nós tirou. Era uma parte do meu braço, assim como a pequena sarda na base do meu polegar, ou as veias que se cruzavam sob a pele clara do meu punho.

— Só quero ver como é feita — Dália disse. — Nunca a levaria embora. Estou impressionada como você criou esse objeto sozinha. Penso que, como princesa, você tem todas as joias que quiser, certo?

— Certo, mas gosto de fazer coisas.

— Eu também — Dália disse. — É praticamente o que faz de mim… eu mesma. E você escolheu uma pedra tão incomum. Onde a encontrou?

— Na praia — eu disse. Não era mentira. Só era a praia da lagoa, não a do mar.

— Se quiser, também posso ensinar para você algumas técnicas avançadas de manufatura de joias — ela ofereceu.

— Sabe de uma coisa? Estou sendo boba. Posso tirar a pulseira — falei e desamarrei o nó de couro. — Aqui está.

29

CASSANDRA

***T**alvez eu não tenha que ir embora*, pensei enquanto andava pela tranquila praça do mercado depois de arbitrar o torneio de bocha. Eu tinha sido enviada até lá porque os chefs haviam ficado sem açúcar, e o estoque tinha que ser reposto antes da competição de confeitaria. A maior parte dos vendedores estava no Festival da Lua Oculta, e estava tudo calmo. Ver as variadas lojas e bancas fazia-me lembrar do motivo do meu amor tão grande por aquele lugar. Procurei por aquela pintora irritante, mas não a vi. Pensei que ela estivesse no festival para ajudar Raps. Eu não confiava naquela garota mas, desde que elas ficassem às vistas do público, não havia muito dano que Dália pudesse causar.

Refleti mais sobre minhas opções. Se ficasse em Corona, me tornaria a capitã da guarda. Rapunzel me colocaria no cargo, sem dúvida. Se fosse para outro lugar, seria uma estranha. As pessoas não gostam de estranhos. *Eu* não gosto. Poderia demorar muito tempo para encontrar uma vaga de soldado, se é que encontraria. Pelo menos ali estava com a futura rainha.

E Raps seria uma boa rainha, mesmo que ainda não acreditasse muito nisso. Ela tinha assumido o controle quando necessário. Não me fizera sentir esquisita por não saber nadar. E ela fora leal…

exceto quando contara a José sobre a nossa noite fora do reino. Mas ele não tinha falado para ninguém. Talvez isso fizesse parte de estar sob o feitiço do amor — você simplesmente fazia o que a outra pessoa pedia quando se tratava desse tipo de coisa. Sei que ela não revelara nada sobre a lagoa para ele. Eu estava vigilante para qualquer conhecimento que ele pudesse ter. O rapaz era um livro aberto. Era óbvio que não sabia de nada.

Além disso, Raps e eu éramos uma boa equipe: eu descobri as três árvores, ela desenterrou o antigo poema que deu a pista sobre a lagoa. Eu tinha feito o alicerce, e ela havia dado um propósito a esse trabalho, conectando-o ao maior e mais antigo poder de Corona. Eu a tinha levado para a lagoa, mas ela me ajudara com meu medo de água. Mostrei a liberdade para ela, e ela me ensinou a nadar.

Isso é que era importante. O capitão da guarda e a família real precisavam desse nível de cooperação. Tinham que trabalhar juntos para manter o povo seguro e feliz.

No meio dos meus pensamentos, fui direto para a padaria. Meu estômago grunhiu quando o aroma flutuou na minha direção. Doces de amora!

Decidi levar um para Rapunzel. Ela adorava essas coisas.

— Posso ajudá-la, querida? — a padeira perguntou.

— Pode. Vou levar quinze sacos de açúcar para o castelo e dois doces de amora. — Paguei com algumas moedas.

— Este doce ficou bem popular nos últimos tempos — ela disse. — Desde que a princesa declarou que era o seu favorito, não consigo fazê-los rápido o suficiente! Ela não é encantadora?

— Ela é ótima.

A padeira sorriu para mim e colocou dois doces fumegantes na minha cesta, prometendo mandar entregar o açúcar no castelo o quanto antes. Cobri os doces bem depressa com um pano de linho, esperando que ainda estivessem quentes quando encontrasse com Rapunzel. Tomei a direção do castelo.

— Cassandra? — alguém chamou.

— Sim? — eu disse e, ao virar-me, vi Xavier na sua banca de ferreiro.

— Você está a caminho do castelo? — ele perguntou.

— Estou.

— Tenho um livro para Rapunzel — ele disse, entregando-o para mim. Era um volume desgastado, *A língua perdida: perspectivas dos mitos e lendas saporianos*, com um marcador de couro entre as páginas. — Encontrei este livro ontem à noite na mesa de Marco. Imagino que ele tenha deixado para trás por engano. Você levaria para ela?

— Claro. — O livro poderia conter as respostas que procurávamos! Estava morrendo de vontade de abri-lo, mas seria muito mais divertido fazer isso junto com Rapunzel, para descobrirmos juntas. — Muito obrigada, Xavier. Tenho certeza de que ele vai abrandar o apetite voraz da princesa pela literatura.

Assim que saí do raio de visão dele, comecei a correr. Estava tão animada para compartilhar o livro com Rapunzel. Estava quase sem fôlego quando cheguei à sua porta. Nem me incomodei em bater. Entrei correndo.

— Rapunzel! — eu disse.

Ela estava sentada em uma almofada, e Dália estava lá, com a pulseira de Rapunzel na mão.

— Cass, você ia chegar mais tarde — Raps disse.

— Meu conselho não significa nada para você? — perguntei. Ela empalideceu.

— Oi — Dália disse. — Estamos tendo uma sessão privada sobre arte. Então, se você não se incomodar… — Ela estava gesticulando, balançando a pulseira de Raps na mão enquanto falava.

— Eu me incomodo. Sou a dama de companhia de Rapunzel. O que você está fazendo aqui?

— Estamos fazendo uma obra de arte. Esse cheiro é de doce de amora? — Dália perguntou.

Eu a ignorei.

— Meu trabalho é proteger você, Rapunzel. Você não pode simplesmente trazer pessoas para dentro do seu quarto! E se alguma coisa acontecesse com você? Seria tudo culpa minha.

— É Dália — Rapunzel disse. — Ela é bacana. É apenas uma artista, como eu.

— Eu não machucaria ninguém — Dália disse, com a pulseira pendurada na mão. — Talvez você precise fazer algum tipo de arte

para relaxar.

— Relaxar? Esta é uma princesa — falei, apontando para Rapunzel. — Esta pessoa é o coração vivo do reino inteiro.

Eu não podia fingir que era *só* isso. Eu tinha dito a Rapunzel para não confiar em Dália, e aqui estavam elas *no quarto dela*.

— Cass? — ela disse, pegando a pulseira da mão de Dália com delicadeza. Será que ela pensou que eu não vi? — Acho que você está exagerando. Estava muito barulhento no castelo para que tivéssemos uma conversa de verdade, e tenho um projeto especial…

— Pare com isso! Você precisa parar de pensar em si mesma como uma garota com algum tipo de sonho artístico e perceber que o seu futuro está determinado.

— Cass? — ela falou de novo, desta vez em um tom de súplica.

— Você é a futura rainha. E está na hora de começar a agir como uma.

Uma expressão de dor passou pelo seu rosto como um raio. Continuei.

— Também tenho meu destino. Mas não está aqui. E não está com você.

— Calma — Dália disse.

— O que você está falando exatamente, Cass? — Rapunzel perguntou.

— Estou falando que, para mim, chega. Vou embora, finalmente.

30

RAPUNZEL



O olhar de Cassandra era tão feroz quanto o de um tigre. A boca estava apertada pelo sofrimento, formando uma linha reta; os lábios estavam brancos com a pressão.

— Você está indo *agora*? — perguntei, pulando e alcançando a sua mão. — Mas o festival não acabou. Ainda temos o baile!

— Para onde você está indo? — Dália perguntou.

— Não é da sua conta — Cassandra retrucou.

— Bem, talvez seja melhor você ir, Dália — falei da forma mais gentil possível.

— Não, ela precisa esperar até depois do festival. Eles não podem saber que você está com uma estranha nos seus aposentos — Cassandra disse. — Você já tinha que saber essa regra. E sim, estou mesmo indo embora. Você achou que eu ia ficar?

Meu coração afundou como uma pedra e, por um instante, me senti como uma completa tola. As lágrimas arderam nos meus olhos.

— Nós nos divertimos tanto juntas. E ontem foi perfeito porque… eu soube o que era ter uma melhor amiga. — Pascal fez uma careta. — Uma melhor amiga *humana* — esclareci.

Notei um livro debaixo do braço de Cassandra, mas pareceu que ela não queria compartilhar comigo. Ela o segurou perto do peito.

— Espere, o que vocês fizeram ontem? — Dália perguntou. Pelo visto, ela não era capaz de entender uma indireta.

— Nada — falei o mais rápido possível.

Arregalei os olhos para Cassandra para que ela soubesse que eu não tinha contado nada sobre a lagoa. Esse ainda era o nosso segredo. Permaneceria assim até decidirmos de outro modo.

Cassandra lançou um olhar rápido para Dália, registrando sua expressão confusa.

— Vocês fizeram algo empolgante? — Dália perguntou. Cassandra e eu mantivemos o olhar cravado uma na outra. — Ou… proibido? Ohhh, é isso mesmo, não é? Como artista, adoro extrapolar os limites, o que é apenas outro nome para regras, você sabe. Os artistas nascem para quebrar as regras!

— Bela escolha de amiga para trazer para o castelo, Raps — Cassandra declarou. — De fato, espetacular.

— Nós saímos para um simples passeio — eu justifiquei para Dália, com dificuldade para disfarçar o tom agudo que tinha surgido na minha voz. Dália inclinou a cabeça, avaliando se eu estava falando a verdade ou não.

— As últimas semanas foram só uma brincadeira — Cassandra disse, ignorando Dália. — Você pode ter uma vida de diversão, Rapunzel, mas eu não posso porque estou preocupada em não ser banida.

— Por que você seria banida? — Dália perguntou. — Se bem que eu não julgaria você, se isso acontecesse. Em países mais rigorosos, os artistas são banidos o tempo todo por causa de… — Cassandra e eu olhamos para ela. — Você sabe, essa coisa de quebrar regras.

Sentindo que Cassandra estava à beira de desembainhar uma das suas facas, respirei fundo e disse com uma voz calma:

— Dália, Cassandra está sendo um pouco dramática. Não há motivo nenhum para que ela seja banida. É, bem, um jogo que gostamos de jogar às vezes. Quem seria banida primeiro?

— Isto não é um jogo — Cassandra disse. — Estou partindo.

— Mas e quanto a amanhã? Nós estávamos indo para…

— A hora é agora. Sabia que seria capaz de sentir o momento quando chegasse. E ele chegou.

— Quando você chegar no lugar para onde está indo, pelo menos envie uma mensagem para que, se eu for rainha um dia, você possa ser minha capitã da guarda? — perguntei, enxugando lágrimas dos olhos.

— Não é *se* você se tornar rainha, Raps, é quando. E nunca funcionaria. A rainha e a capitã da guarda têm que ter uma confiança absoluta uma na outra.

— Por favor, fique — pedi. Não podia imaginar minha vida em Corona sem Cassandra. — Você não quer pelo menos descobrir o… — Consciente da presença de Dália, mordi a língua.

— Descobrir o quê? — Dália perguntou.

— Nada! — Cassandra e eu falamos ao mesmo tempo.

— Calma — Dália disse. — A energia aqui está selvagem.

— Permita que eu vá — Cassandra pediu. — Preciso partir para ser feliz.

— Acho que se é isso o que você quer… — falei, lutando para as palavras saírem. — Quero que seja feliz. Mas não acha que pode ser feliz aqui?

— Não quando as suas ações continuam me colocando em perigo.

— Você está falando sobre eu estar aqui? — Dália perguntou. — Porque, fale a verdade, não é só um *pouquinho* de exagero?

— Sua cabeça está nas nuvens — Cassandra disse, ignorando Dália. — E isso é um luxo com que apenas a princesa descalça pode arcar. Estou indo.

— Mas… — comecei a falar, aproximando-me dela com os braços abertos.

— Permita que eu vá — Cassandra disse, indo para trás. — Se você quer que eu seja feliz, deixe-me ir.

— Tudo bem — eu disse, levantando os braços, em rendição. — Tudo bem.

Ela colocou os dois doces sobre a mesa, no mesmo lugar onde eu tinha servido os biscoitos para ela, e então saiu.

Sentia o meu peito tão estreito e apertado quanto a ravina ao lado da lagoa. Pascal puxou meu vestido. Ele apontou para a porta,

como se quisesse me aconselhar a ir atrás dela.

— Mas quero que ela seja feliz — disse a ele.

— Você está bem? — Dália perguntou. Balancei a cabeça. — Não sei se ela é a pessoa incrível que você acha que é. Isso pareceu dramático demais. Quero dizer, sou uma artista. Uma vez, teci um vestido com espigas de milho para fazer um protesto contra o tratamento dado aos bichos da seda, e até eu achei que ela foi excessivamente dramática!

Mal podia ouvi-la, porque meu coração estava latejando alto nos meus ouvidos.

— Estou morrendo de fome — ela disse. — Você se importaria se eu comesse um desses doces de amora?

— Vá em frente. — Eu estava sem apetite, de qualquer forma.

Mas, quando ela arrancou metade de um deles, tive que desviar o olhar.

— Sabe — Dália falou com a boca cheia —, se você está procurando por uma dama de companhia nova, estou aberta para o cargo. Poderíamos até redecorar tudo. Sugiro tons terrosos.

— Dália, se você não se importa, preciso de um pouco de silêncio agora — eu disse. Caminhei até a janela e encostei a testa no vidro. O mundo lá fora nunca tinha parecido tão grande e vazio.



PARTE TRÊS



31

CASSANDRA



Deixei o livro do lado de fora da porta de Rapunzel. O mistério era dela agora. Eu estava fora.

Voltei para os meus aposentos e comecei a fazer as malas — *de novo.* Duvidava que alguém notasse a minha ausência; todos estavam muito ocupados com o festival. Eu ficaria na estrada por pelo menos quinze dias. Seria muito mais rápido a cavalo, mas não podia levar um. Seria óbvio demais. Levaria o que fosse capaz de carregar. Abri meu armário de armas. A porta rangeu um pouco, como se a mobília soubesse que eu estava partindo. Toquei as laterais do móvel, admirando a coleção de armas e ferramentas que eu havia reunido ao longo dos anos e da qual havia cuidado com tanto zelo. Odiava deixar tudo isso para trás. Cada objeto possuía uma história — como o dia em que meu pai tinha me dado a sua velha espada, quando eu tinha apenas oito anos. Lembrei-me do quanto era pesada na época, e como o meu punho tinha doído para mantê-la na vertical. Agora podia empunhá-la como se fosse uma pena. E também havia a bola de metal para arremesso de peso — o objeto que tinha unido Rapunzel e eu.

Por que Raps tinha ignorado meu conselho e permitido que Dália entrasse no quarto sem ninguém lá para protegê-la? Por que tinha

dado a pulseira para ela? Acho que Raps confiava em qualquer um, portanto, não fazia sentido.

Amigos são estúpidos. Por isso que nunca tivera um. Bem na hora, Coruja pousou na minha janela. Coruja era a exceção. Nós nos entendíamos. Nós nos conhecíamos tão bem, sem nunca termos que falar nada. Não precisávamos de pulseiras que combinavam. Olhei para o meu punho e, por um instante, pensei em cortar a minha.

Coruja cutucou-me com o bico.

— Está certo, tudo bem. Vou continuar com ela, por enquanto. Talvez precise dela para fazer negócios mais para a frente.

Coruja sacudiu a cabeça.

— O quê? Agora você é sentimental? Que tal só observar? — retruquei para ele.

Voltei para o armário de armas e escolhi minha espada. Em seguida, selecionei duas facas: uma para o cinto e outra para a bota. Amarrei a bolsa ao redor da cintura e apanhei o manto e a lanterna. Precisava de algumas moedas e de um pouco de comida, embora Coruja e eu pudéssemos caçar, se fosse necessário.

Parti quando a escuridão cobriu o reino. Coruja piou, sinalizando que o caminho estava livre. Usei uma videira para alcançar um galho de árvore e, então, desci escorregando pelo tronco. Coruja voou baixo. Disparei para além da muralha do castelo, silenciosa como um gato. Tinha memorizado meus mapas a essa altura, e planejava ir para o sul. Entretanto, mal tinha percorrido o primeiro campo quando prendi o pé em uma raiz e torci o tornozelo. Quase gritei de dor. Suguei ar pelos dentes e, com delicadeza, tentei girar o tornozelo. Estava dolorido, mas não quebrado.

Como poderia começar minha jornada desse jeito? Como ia dar conta? Nem tinha considerado que poderia me ferir, não com meu treinamento. Que erro estúpido! Coruja circulava na noite índigo, depois voltou, instalando-se em uma árvore próxima. Peguei um pano de linho da bolsa e envolvi o pé com firmeza. Coruja olhou-me como se dissesse que era um mau presságio.

— Não vou voltar agora, de jeito nenhum — eu disse, embora meu tornozelo latejasse e a indignação queimasse dentro de mim. Coruja piscou. — Vamos passar a noite na lagoa.

Eu sabia o caminho tão bem que chegaria lá de olhos fechados, e a trilha era tranquila o bastante para que eu fosse de quatro, usando as mãos e os joelhos. Não tinha escolha. Precisaria passar a noite lá. Se conseguisse seguir mancando através da ravina, depois teria uma boa noite de sono e deixaria meu pé na água para reduzir o inchaço. Coruja e eu poderíamos pescar de manhã se precisássemos, fazendo uma refeição adequada antes de partirmos para um longo dia de caminhada. Era, afinal, o único lugar aonde ninguém mais iria — pelo menos não no meio da noite.

Tinha acabado de chegar na trilha coberta de musgo quando uma mão agarrou o meu braço e me deu um puxão para cima, me colocando em pé. Minha espada foi roubada em um segundo.

— Leve-me para a lagoa — ordenou uma voz áspera.

Lutei, chutando o meu atacante com o pé bom até ele curvar-se atrás de mim. Ele manteve um aperto firme no meu braço e, ao afastar-me, senti a pulseira quebrar. Ouvi o chamado característico de Coruja, descendo.

32

RAPUNZEL



Várias horas se passaram e, quando o céu escureceu, minha mente se nublou com preocupação e dúvida. Tinha feito a coisa certa deixando Cass ir embora? Deveria ter lutado mais para ela ficar? Os sons do festival flutuavam até meu quarto, mas não consegui participar das festividades com o coração pesado assim. Afinal, alguém bateu na porta. Cass? Ela tinha mudado de ideia? Voei para abrir a porta, mas era José, todo vestido para o baile e segurando um buquê de flores.

— Puxa. Não era a recepção que eu estava esperando — ele disse. — Você não está pronta?

— José — falei, e me deixei cair nos braços dele. Senti o perfume cítrico do creme de barbear que os barbeiros reais gostavam de usar no que ele chamava de sua “tez sensível”. No começo, não tinha certeza de como me sentia, mas, naquele instante, o cheiro familiar de limão me encheu de conforto. Ele me abraçou ainda mais apertado.

— O que aconteceu, Rapunzel? — ele perguntou. — Por que está chorando? Venha aqui e sente-se. Seja lá o que for, vamos resolver isso juntos.

— Duvido que você possa resolver isso — Dália disse. — É um problema de garotas.

— Bem, oi — José replicou, notando Dália, que estava fazendo um esboço de uma pintura de Pascal. — Sou José. E você, quem é?

— Meu nome é Dália — ela respondeu, colocando o lápis sobre o papel por um momento. — Ouvi tantas coisas boas sobre você.

— Ouviu? — José perguntou.

— Os moradores da aldeia falam sobre o quanto você é bondoso e galante — Dália disse.

— Ah, é mesmo? Isso é bom. — Dália anuiu e, então, ele se lembrou. — Mas, esperem, o que está acontecendo aqui?

— Dália é minha nova amiga. Ela está me ajudando com um projeto de arte — expliquei ao enxugar as lágrimas. — Ela veio até meu quarto porque precisávamos de espaço para trabalhar, e todas as áreas públicas do castelo estavam lotadas por causa do festival.

— Você sabe que não pode de jeito nenhum trazer estranhos para o seu quarto, certo? — José disse.

— Sei. Mas tomei a minha própria decisão. Não vi mal nenhum. Confiei nela.

— Isso vale muito — José disse. — Embora eu não tenha certeza de como vamos tirá-la daqui. O castelo está enxa-meado de soldados preocupados com que nenhum morador da aldeia, ou inimigos disfarçados de moradores da aldeia, encontre o caminho para os locais privados do castelo.

— Vamos ter que esperar — falei.

— Não se preocupem comigo — Dália disse. — Tudo bem, posso ficar aqui o quanto for preciso. Como sua nova dama de companhia, estou totalmente disponível para você como artista e como amiga. Você quer discutir esquemas de cores ou…?

— Agora não, Dália — eu disse.

— Espere. Nova dama de companhia? — José perguntou. — O que aconteceu com a senhorita Encantadora?

— Quem? — Dália perguntou.

— Ele está se referindo à Cassandra — expliquei.

— Você finalmente a pôs para correr? — José perguntou.

— Como assim, a pus para correr? Ela mesma escolhe os tipos de exercícios físicos que quer fazer.

— É uma expressão — Dália esclareceu. — Ele quis dizer que você pediu para ela não ser mais sua dama de companhia.

— Não! — eu disse.

— O que aconteceu? — José perguntou.

Respirei fundo, fechei os olhos e pensei. A última vez que contei uma coisa sobre Cass para ele tinha sido um desastre para ela.

— Rapunzel? O que está acontecendo? Cass está em perigo? — ele perguntou.

— Ela pode estar — respondi. Afinal, ela tinha tomado uma decisão precipitada. — Cass foi embora. — Era uma emergência. E, de qualquer maneira, não demoraria muito para que todos descobrissem.

— O que você quer dizer com isso? — José perguntou, pegando as minhas mãos nas dele.

— Ela estava muito brava e saiu enfurecida. Não estou aqui para julgar — Dália disse —, mas Cassandra é tensa demais.

— Querida, você está aí? — minha mãe chamou do outro lado da porta. — O capitão da guarda está comigo. Precisamos conversar com você.

— Vá para baixo da cama — José sussurrou para Dália.

Ela sorriu, satisfeita por estar violando as regras, seguindo a tradição dos artistas, imaginei. Então, esgueirou-se para debaixo da minha cama.

— Estou aqui — eu disse.

Minha mãe, meu pai e o capitão da guarda entraram.

— Oi, José. Você está bonito. Rapunzel, o que está acontecendo, querida? — minha mãe falou.

— O que você quer dizer? — perguntei, esperando que ela não percebesse nada, mas é óbvio que percebeu.

— Estamos com um problema — minha mãe disse, indo direto ao assunto. — Estamos em busca de informações, querida. — Ela sentou-se ao meu lado e colocou as mãos sobre as minhas. — Cassandra não apareceu na competição de confeitaria. Ela está desaparecida.

— Eu sei.

— Por que você não me contou? — minha mãe perguntou.

— Ela queria que eu a deixasse ir embora — eu disse. Seus olhos anuviaram-se de preocupação. Um nó brotou na minha garganta. — Cass falou que não estava feliz aqui. Não queria que ela se sentisse presa.

— Não estava feliz aqui? — ela perguntou, balançando a cabeça enquanto apertava minha mão. — Mas pensei que vocês duas estivessem se dando tão bem.

— E é verdade — eu disse.

— Eu não quero parecer insensível, vossa alteza — o capitão disse. — Mas preciso reunir o máximo de informações o mais depressa possível. Aonde ela foi? Quando ela partiu?

— Não sei nada disso — contei para eles. — A última vez que a vi foi esta tarde, e ela me disse que se eu quisesse que ela fosse feliz, eu não devia segui-la.

— Por que você não me procurou? — meu pai perguntou. — Rapunzel, dependemos de você, você precisa ser um membro responsável da família real. Perdemos um tempo precioso.

— Desculpe — falei, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Quero que Cass encontre o seu destino.

— Vejo vocês dois lá fora — minha mãe disse, fazendo um sinal para meu pai e o capitão. — E você também, José. Preciso de um tempo sozinha com minha filha.

Depois que saíram do quarto, minha mãe colocou um braço ao meu redor.

— Pode me contar qualquer coisa, querida. O que quer que tenha acontecido, não vou dizer uma palavra. Por que Cass estava infeliz?

— Ela não queria ser dama de companhia, mãe. Ela queria fazer parte da guarda. E é muito difícil manter alguém longe do que quer no fundo do coração.

— É verdade. Você é uma alma sábia. A sabedoria, você sabe, é a qualidade mais importante para uma rainha, porque afeta tudo que ela faz e cada vida que toca.

— Mas sou uma amiga horrível. — Enterrei o rosto no ombro dela.

— Por que você está falando isso, Rapunzel?

— Eu disse uma coisa para José que não podia ter dito. Uma coisa que Cassandra me pediu para manter entre nós duas.

— Entendo — minha mãe disse, pensativa, com um aceno de cabeça. — Todos cometemos erros. Você é uma amiga muito boa. Tenho visto isso pela maneira como se importa com todos neste castelo. Tenho visto pela maneira como você tratou Cassandra, juntando-se a ela em seus interesses, eu presumo.

— Espere. Você *sabia* disso? — perguntei.

— Fica aparente nos seus arranjos de flores — ela disse, apontando para a minha última tentativa de decoração floral. — Isso não é bem o resultado de um estudo cuidadoso.

Um leve sorriso me fez perceber que ela não estava me dando uma bronca.

— Mas arranjos de flores são as nossas menores preocupações agora, Rapunzel. Precisamos encontrar Cassandra. Viajar sozinha é perigoso. Você sabe melhor do que ninguém.

— O que você quer dizer com “perigoso”? — perguntei, com o estômago embrulhando. — Muito perigoso?

— Há bandidos, ladrões, arruaceiros — minha mãe disse. — Detesto dizer isso, mas me sentiria melhor se vocês duas estivessem juntas. Você é nossa melhor esperança de encontrá-la, Rapunzel. Deve ter uma ideia de aonde ela foi, alguma pista.

— Não tenho. Ela estava tão determinada e tão zangada…

— Quando estamos muito aborrecidos, é difícil lembrar os detalhes importantes. Por que você não escreve no seu diário? Às vezes, quando a mente relaxa, as respostas vêm. Seu pai e o capitão estão apressando você, mas acredito que, com um pouco de espaço, você poderá nos dar a informação de que precisamos para encontrá-la. Nesse meio-tempo, vamos mobilizar uma parte das nossas forças para começar a busca.

— E o baile?

— Isso é mais importante. Sempre posso dizer que você está doente. *Monsieur* LaFleur está conduzindo todos em uma dança totalmente não convencional, mas parecem estar gostando.

Concordei com um aceno. Ela beijou minha testa e levantou-se. Eu peguei meu diário.

— Ah, encontrei um livro antigo no corredor — minha mãe disse. Ela saiu por um instante e em seguida voltou com ele. — Imaginei

que fosse seu, já que é uma leitora tão voraz. Acho que alguém deixou para você. Ou você deixou cair sem querer?

No caos, eu havia esquecido do livro que Cass estava segurando!

— Sim — falei, pegando-o. — Cass trouxe para mim.

— *A língua perdida: perspectivas dos mitos e lendas saporianos*? — minha mãe perguntou.

— Nós adoramos história — eu disse, segurando-o de encontro ao peito.

— Vocês, meninas, me fascinam.

Quando minha mãe saiu, Dália rastejou de debaixo da cama. Tinha me esquecido de que ela estava lá.

— Você ouviu tudo? — perguntei, recuando.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Meio que não pude evitar.

— Eu podia ter seguido Cass — falei, olhando fixamente pela janela, como se enxergasse Cassandra de fato. Estava mais escuro do que o habitual e as árvores espalhavam sombras estranhas. — Você acha que fiz o que era certo?

— Ouça o seu coração. — Ela suspirou, colocando os cachos atrás das orelhas. — Precisa confiar na sua intuição. Julgar a si própria é a pior coisa que você pode fazer, como artista e como pessoa.

As palavras tinham uma dose de verdade, mas eu ainda não conseguia acreditar nelas. Não enquanto Cass estava em perigo.

Coruja apareceu na janela. Abri, e ele pousou no peitoril.

— Você tem uma coruja *e* um camaleão? — Dália perguntou.

— Ele é da Cassandra — eu disse, estendendo a mão para fazer carinho no animal. Ele colocou a pulseira de amizade de Cassandra na minha mão. Estava quebrada! Ela a teria arrancado de raiva? Como se pudesse ler minha mente, Coruja piou uma vez, comunicando sofrimento, e não raiva. Peguei a pulseira e levei-a à luz. Estava coberta com o musgo verde esmeralda que eu só tinha visto em um único lugar: na trilha para a lagoa.

Cassandra estava a caminho da lagoa — e estava em perigo. Senti nas minhas entranhas. E, como Dália havia dito, sabia que tinha que confiar na minha intuição sobre o que fazer a seguir.

— Dália — eu disse, virando-me para olhar para ela, que estava montando o cavalete e as tintas.

— Se vou ficar aqui por um tempo, melhor trabalhar um pouco, certo? — ela perguntou.

— Dália, às vezes acho que o mundo é nossa tela e nós somos os pincéis, concorda?

— Claro.

— A situação é a seguinte: vou procurar minha amiga, mas preciso ir sozinha. Acho que minha mãe vem mais tarde dar uma olhada em mim, então pensei: você pode dormir na minha cama com as cobertas à sua volta? — perguntei.

— Como em uma performance? — ela perguntou.

— Isso mesmo — eu disse.

— Não vai ser problema.

— Perfeito — eu disse, ajeitando os lençóis. — Você pode começar agora?

Saí do quarto e bati de leve na porta de José.

— Vou procurar Cass — anunciei quando ele atendeu a porta.

— O quê? Rapunzel, é tarde. Está escuro. Não posso deixar você ir sozinha.

— José, confiei em você quando contei a verdade sobre a noite em que meus cabelos cresceram de volta. Agora preciso que você confie em mim. Sei o que estou fazendo. Não vou vagar sem rumo. Sei onde encontrá-la.

— Onde? — ele perguntou.

— Não posso falar. Só preciso que confie em mim.

— Rapunzel, a sua segurança… — ele começou.

— José. — Coloquei as mãos nos seus ombros e olhei no fundo dos seus olhos. — Disseram para mim a vida inteira para eu ficar dentro dos lugares, para a minha segurança. Agora, alguma coisa, *alguém* precisa de mim. Às vezes, a coisa mais perigosa é *não* agir. Preciso ajudar minha amiga.

— Confio em você — ele disse.

— Obrigada. — Sentia nos ossos que ele acreditava em mim. — Dália está na minha cama, fingindo ser eu. Sei que, se minha mãe me vir dormindo, não vai me incomodar.

— Vou fazer o melhor que puder para distraí-los. Obrigado por me dizer a verdade — José disse.

— Sempre.

— Agora vá, encontre sua amiga. Ela precisa de você — ele disse e me abraçou. — Guarde isso com você. — Ele me beijou docemente e meu coração encheu-se de amor e de coragem.

Sabendo que o livro sobre Saporia poderia oferecer alguma pista, coloquei-o dentro da bolsa. Em seguida, soltei os cabelos no parapeito da janela e desci até o chão. A terra estava fria e áspera sob meus pés descalços.

Olhei para o céu. A lua cheia estava escondida na sombra, exceto por uma linha em torno do seu perímetro. Algo voou baixo e perto da minha cabeça. Sufoquei um grito e me curvei antes de perceber que era Coruja. Ele piou e voou para cima, formando um arco.

— Coruja, o que você está tentando me dizer? — sussurrei. — Significa que é para ir ou não?

Ele elevou-se na distância. Pensando que não me deixaria ir se fosse perigoso, corri, deslizando para trás de uma árvore assim que passei pelas estações dos soldados. Meu coração estava batendo alto e rápido, e suor frio escorria pela minha nuca. Nas únicas outras vezes que tinha feito esse percurso, estava com Cass. Agora teria que chegar lá sozinha. Procurei orientação no céu, mas Coruja já havia desaparecido.

— Estou a caminho, Cass — eu disse, esperando que minhas palavras a alcançassem de alguma forma. — Você não está sozinha.

Puxei a saia para cima e, próxima das sombras, corri por entre as árvores. Estava acostumada a correr descalça, e senti uma sensação de propósito tão forte que me movi com a velocidade e a graça de uma raposa. Alcancei a trilha no que pareceu um tempo recorde. Agora só precisava chegar ao outro lado antes que qualquer coisa acontecesse com minha amiga.

33

CASSANDRA



—Marco! — eu disse, torcendo o corpo para dar uma olhada no rosto do meu agressor.

— Prazer em vê-la de novo — ele falou ao enfiar o joelho nas minhas costas. Sufoquei um grito de dor. Coruja tinha desaparecido.

— Onde está minha espada? — perguntei.

— Considere que me livrei dela — ele disse, aumentando a pressão na minha coluna. — Tenha em mente que posso causar muito mais danos a uma garota magrela como você, mas depois você não serviria para muita coisa, não é?

— Rapunzel não está comigo. Não tenho dinheiro. Xavier não paga você?

— O que você acha que sou? Um ladrão comum? Não estou atrás de dinheiro, sua imbecil. Estou atrás da lagoa. — Ele agarrou a faca do meu cinto e apertou-a contra o meu pescoço.

— Que lagoa? — perguntei. Era bom que ele pensasse que eu era uma imbecil. De alguma forma, ele havia encontrado o caminho, mas não estava esperando a ravina, a parede de rocha que ocultava a lagoa. O que Raps e eu não havíamos entendido? O que ele estava procurando exatamente?

— Não se faça de desentendida — Marco disse.

— Ah, você diz a lagoa do poema? — Como eu faria para alcançar a faca na bota? Se meu tornozelo não estivesse machucado, aproveitaria a chance para chutá-lo para longe de mim; mas, por causa da lesão, minha única arma era a sagacidade.

— A lagoa que passei a vida inteira estudando. Você e a princesa estiveram lá e eu sei disso — ele disse. — Roubei o livro original da sua bolsa. Depois ouvi vocês conversando sobre o assunto durante a demonstração da senhorita Tasha, a casamenteira. — Logo me dei conta: ele era o músico que tocava alaúde, escondido nas sombras! — E, quando vi a ponta de lança de Herz Der Sonne na sua posse — ele continuou —, enfim tive a prova de que precisava. Ao retornar para o quarto de Rapunzel para procurar mais pistas, notei que estava faltando a informação principal. Presumo que Xavier tenha entregado o livro para você?

— Ãh? — perguntei, me fazendo de boba.

— Claro que sim, ou você não estaria aqui — ele concluiu.

— Que livro?

— Não minta para mim, garota! — Marco falou, pressionando a faca contra o meu pescoço. Seu hálito cheirava a cebolas velhas e meias sujas. — Deixei a página marcada para que você a visse e, assim, garanti que viesse esta noite. Imagine só! Duas garotas tolas fizeram a parte mais difícil do trabalho para mim: a descoberta e a tradução do poema.

— Não tenho a mínima ideia do que você está falando.

— Vamos. Sei que estamos perto. Serei o homem mais poderoso de Corona assim que explorar o poder da lagoa. Esqueça a guarda; serei o novo *rei*. Este é o meu destino — ele disse, sibilando.

— Saia de cima da minha amiga — falou uma voz vinda do alto. Marco e eu olhamos para cima.

Era Rapunzel, com o vestido rasgado nos cotovelos. Estava no alto de uma árvore, equilibrando-se na agressiva posição de estocada de esgrimista. Usando os cabelos, ela girou em volta de um galho e, em um instante que me tirou o fôlego, chutou a cabeça de Marco. Ele tombou para trás.

Enquanto ele tentava reorientar-se, recuperei minha faca da mão dele. O contato com a sua pele fez eriçar os cabelos da minha nuca.

— Pirralha nojenta! — Marco disse.

— O que é que você quer, Marco? — Rapunzel perguntou. Não havia ali nenhum traço da princesa animada. Rapunzel estava totalmente imbuída do espírito de guerreira.

— Ele acha que a lagoa é real — eu disse a ela, improvisando. — E que você e eu sabemos onde fica.

— E sabemos! — Rapunzel disse. Deu um sorriso largo e malicioso. Nunca a vira sorrir daquela maneira antes.

— Veja o quanto a sua amiguinha é dócil — Marco disse, sorrindo para mim com desdém. — Uma princesa tão boa, uma menina obediente.

— Espere aí. Pensei que fosse uma "pirralha nojenta" — Raps devolveu, com as mãos nos quadris e as sobrancelhas arqueadas.

— Não, não, não. Você entendeu mal. *Ela* que é. Você, minha queridinha, é uma fada angelical. Tão disposta a cooperar. Uma jovem dama refinada, sem dúvida. Pode ser por causa da sua boa estirpe. Conte ao querido Marco tudo sobre a lagoa.

O que ela estava aprontando?

— Ãh, Rapunzel… — comecei.

— *Estamos* na lagoa! — Rapunzel falou, girando pelo musgo verde. Marco levantou o lábio como se rosnasse. — Observe como eu nado!

Rapunzel comprometeu-se completamente com a fantasia.

— "Quando nos encontramos, às portas do inverno, nossa verdade pouco reluzia" — ela disse, saltitando sobre o musgo. Acariciou o rochedo e acrescentou: — "Sobre nós, a lua, e seu brilho eterno, e abaixo, o futuro, que muito prometia." — Em seguida, como se estivesse contemplando uma miragem, encostou a mão acima dos olhos como se fosse uma viseira, e gritou: — "Aqui Corona foi erguida, o medo se extingue, a dúvida evanesce. Quando vozes se afrontam, o metal ressoa, a luz interior fenece."

Olhamos uma para a outra e reprimimos uma risada.

Entretanto, ela permaneceu em seu personagem e ajoelhou-se sobre uma área de margaridas.

— Está vendo? Aqui estão as joias cintilantes! Simplesmente adoro como o luar as faz resplandecer.

— Que absurdo é esse? — Marco perguntou. — Você está maluca?

— Eu sei! — Rapunzel disse, recusando-se a responder à pergunta que ele havia feito. — Você está procurando pelo poder antigo. Aquele que perguntamos ao Xavier. — Ela sorriu como se estivesse transbordando de alegria. — Isso é mais difícil de encontrar, é óbvio. Mas vou mostrar para você, se pedir com educação.

— Ãh… por favor? — Marco falou, bastante confuso.

— Grande coisa, você pedir por favor — Raps disse com um sorriso.

Tive que rir em voz alta. Não consegui mesmo me conter! Ela se lembrava da expressão que eu havia ensinado a ela vários meses atrás.

— Por favor, por favor… — Marco suplicou. Raps fez um gesto para que ele falasse mais. — Ãh? Mas como assim? “Grande coisa”? — ele disse, atônito.

— Simplesmente adoro coisas grandiosas… — Rapunzel mexeu em um arbusto, fazendo-o farfalhar. Em seguida, disse: — Aqui! — E entregou uma pedrinha a ele.

— Isso é só uma pedra — Marco disse. — De que delírios fantasiosos estou participando? Você está surtando?

— Cuidado com os peixes dourados! — eu disse no momento em que alguns vaga-lumes passaram zumbindo.

— Peixes dourados, que sorte! Vou capturá-los para a nossa ceia! — Rapunzel exclamou, abrindo as mãos e seguindo as criaturas brilhantes que zumbiam. Ela as pegou com as mãos em concha, deixando escapar apenas uma. — Opa!

Acima, Coruja voava em círculos exultantes.

— A lagoa sobre a qual vocês conversaram com Xavier existe apenas nas suas cabecinhas? — Marco perguntou.

— Inspirada pelo poema, imaginada por nós — Rapunzel declarou, pendurando um braço em volta do meu pescoço. — Não sei se você já ouviu falar, mas vivo com a cabeça meio que nas nuvens.

— De forma brilhante — eu disse. — Ela tem acesso a uma vista incrível.

— Não é maravilhoso, Marco? — Raps perguntou, dando um passo à frente e abrindo os braços em um gesto expansivo. — A

lagoa está em qualquer lugar que você queira, a *qualquer hora* que você queira.

— Aquela frase que você mencionou para Xavier foi o detalhe mais profético de todos. *Ackoui rescede o oure tesouro, ligaro comme um abraço, nayo dixie que sejir perturbado*. Isso tudo não surgiu da cabeça de vocês — Marco disse com descrença. — Meus anos de estudos meticulosos são a única razão de eu conhecer a importância desta frase. Está escrita nos paredões, não está?

— Acho que eu aprendo rápido — Rapunzel disse.

— Está nos documentos antigos — falei, intrometendo-me na conversa — que ela vem pesquisando feito louca. Você sabe como somos, nós, "meninas tolas": ficamos obcecadas por histórias. Principalmente essa. Olhe para ela. Tem cabelos com mais de vinte metros de comprimento, anda descalça e tem um camaleão com quem conversa como se fosse uma pessoa.

— Sou um espírito livre com muito tempo disponível — Rapunzel disse.

— Então por que o sigilo? — Marco perguntou. — Por que vocês estão aqui no meio da noite?

— Eu estava fugindo — contei. — Minha amiga veio me encontrar.

— Amiga? — Rapunzel perguntou, hesitante. Nós duas fizemos uma pausa. Isso ia além do embate com Marco.

— A melhor — declarei. Então ajoelhei-me na lama e peguei um punhado de terra. — Gostaria de um pouco do nosso bolo da lagoa?

— Com café? — Rapunzel perguntou, pingando lama em cima da terra.

— Não, obrigado — Marco disse. — Mas ainda preciso me certificar de que vocês duas não dirão uma palavra sobre isso. Se pensam que vou deixar que me façam de tolo, estão muito enganadas. — Com ímpeto, ele tirou uma arma escondida no colete, um dos novos punhais da loja de Xavier. — Eu nunca machucaria uma princesa, mas ninguém sentiria falta de uma dama de companhia. Vou levar um dedo do pé dela como advertência.

— Ah, não sei se você quer fazer isso — eu disse, saltando para trás a tempo.

— Por que não? — Marco perguntou.

— Tem uma Besta Alada à solta — falei. Rapunzel e eu olhamos uma para a outra. Sussurrei só para ela: — Vou fazer a parte aérea.

— Mas… — Rapunzel disse. — Não tem proteção nenhuma.

— Confio em você. Você está com os dois pés no chão. De qualquer jeito, meu tornozelo está machucado.

— Não vim aqui para ser humilhado — Marco disse, avançando para mim.

— Não, você só veio aqui para tentar conquistar Corona — Rapunzel disse. Após contar até três, ela me lançou no ar. Golpeei Marco, que caiu inconsciente, e aterrissei nos braços de Rapunzel.

— Conseguimos! — ela disse, colocando-me em pé e me abraçando. — Fizemos a Besta Alada!

— Não posso acreditar! — Sempre sonhei com esse feito, mas nunca imaginei que se tornaria realidade, que eu seria capaz de trabalhar com alguém do jeito que fiz com ela. Não conseguia parar de sorrir. *A Besta Alada!*

Ficamos ali, ofegantes, com os olhos fixos em Marco, ainda inconsciente. Rapunzel ajoelhou-se e verificou o pulso dele.

— Ele var ficar bem quando recobrar a consciência — ela informou. — Vamos levá-lo para bem longe, para que ele não saiba onde está.

— Coruja, você pode trazer Fidella até nós? — pedi.

— Fidella vai levá-lo direto para fora de Corona — Rapunzel disse. — Sabe-se lá onde ele vai acordar, mas não vai voltar tão cedo.

— Estamos a salvo — falei, ajoelhando no musgo.

— Estamos *todos* a salvo — ela concluiu, olhando para o círculo estreito no céu. A lua oculta.

34

RAPUNZEL



—Precisamos chegar até a lagoa — Cass disse, apoiada em um dos pés e encostada a uma árvore. Havíamos encontrado sua espada em meio aos arbustos, perto de onde Marco a tinha atacado, e ela tentou me convencer de que estava perfeitamente bem. Mas eu enxergava a dor nos seus olhos, embora estivessem transbordando de entusiasmo. — Você trouxe o livro que deixei para você?

— Trouxe, está aqui. — Tirei o livro da bolsa. — *A língua perdida: perspectivas dos mitos e lendas saporianos*. Podemos decifrar o que Marco estava falando. Mas a segurança vem em primeiro lugar! Preciso cuidar de seu pé. Está inchado, do tamanho da minha frigideira.

— Eu já o enfaixei.

— Com um guardanapo? — perguntei. Ela deu de ombros. — Com todo treinamento que fizemos, incluindo vastos ensinamentos sobre primeiros socorros, você deveria saber que um tornozelo torcido precisa de mais apoio do que um guardanapo.

— Não tinha mais nada com o que enfaixá-lo.

— Hum — eu disse, olhando ao redor. Localizei uma pedra pontuda. Peguei o manto que eu tinha tirado antes de a Besta Alada

alçar voo e usei a borda afiada da rocha para fazer um buraco nele. Rasguei uma faixa do tecido.

— Não sabia que você tinha essa habilidade — Cassandra falou, admirada.

— Veja bem, acabei de executar a Besta Alada. Caso você não saiba, é a façanha máxima de um grande guerreiro. — Cassandra riu. Em algum lugar próximo, os animais noturnos estavam tagarelando. Ficamos paralisadas quando uma família de gambás passou trotando por nós; depois caímos na risada quando desapareceram na floresta.

— Serão algumas horas de costura — ela disse, apontando para o meu manto rasgado. — E nós duas sabemos o quanto adoro costurar.

— Vamos aplicar um pouco de pressão. Está doendo?

— Só um pouco.

— Talvez seja melhor não ir até a lagoa esta noite — eu disse, apertando o tecido. — Talvez seja melhor esperar até que você se recupere por completo.

— Você está de brincadeira? — Cassandra perguntou. — Raps, você só pode estar maluca se pensa que vou ignorar…

— Só estou zoando com você! — eu disse, rindo, ao enfiar a borda do tecido entre as camadas para firmar a atadura. Em seguida, entreguei o lampião e o livro para ela. — Você é muito mais ingênua do que seria capaz de admitir! Vá em frente. Leia.

— Existe um capítulo inteiro sobre “A Lagoa Perdida”. Português não era a língua materna do poeta. Era saporiano. Naquele idioma, “pedras preciosas” não significam joias ou gemas, mas, sim, placas de pedra que costumavam ser usadas como tabuletas para escrita.

— Nunca nos ocorreu procurar por tabuletas de pedra! — eu disse. — Mas ainda não consigo acreditar que não as notamos. Procuramos por todos os cantos daquela lagoa!

— Tem mais. Ouça. — Cass começou a ler em voz alta: — “Quando a lua está cheia, as forças puxam o solo do fundo da lagoa para as direções polares, revelando um espaço escondido no leito da lagoa. No entanto, é apenas durante um eclipse lunar que o espaço oculto torna-se aparente, porque é quando a luz das criaturas fosforescentes fornece visibilidade adequada.”

— Não precisamos de luar, precisamos de um eclipse lunar! — eu disse, olhando para o céu. A lua era um fantasma de si mesma, delineada por uma luz prata brilhante. — É por isso que Marco pensou que viríamos hoje à noite! Vamos! — O potencial da descoberta acendeu uma chama dentro de mim. Respirei fundo o ar frio da noite e estendi a mão para Cassandra. — Bom, se você está pensando em consertar o meu manto, significa que não vai mais embora?

— Estão todos me procurando? — ela perguntou, sem se comprometer com uma resposta, mas, apesar disso, inclinou-se na minha direção. Fiz que sim com a cabeça. Ela estremeceu. — Você contou para eles que fugi?

— Perceberam que você tinha ido embora sem que eu precisasse contar nada — eu disse, guiando-nos para a ravina. — Você tinha um papel importante como provadora na competição de confeitaria.

— Certo, certo. Tenho certeza de que os padeiros sobreviveram sem mim. Estão procurando você também? — ela perguntou, mancando ao andar.

— Ainda não. Pelo menos acho que não. Dália está deitada na minha cama fingindo ser eu. E José vai distraí-los se for preciso.

— Eles sabem onde estamos? — Cassandra perguntou.

— Não — respondi. Tínhamos acabado de chegar ao íngreme paredão de rocha. Eu a encarei e olhei dentro dos seus olhos. — E, por falar nisso, Dália estava só me ajudando a fazer uma coisa. Nem sequer disse a ela o que era, na verdade. Eu só precisava de alguns materiais.

— Sério?

— Sério. Quem diria que você seria tão sensível em relação a pulseiras de amizade? — Dei uma piscadela.

— Puxa! Você também não! Sem piscadelas! — ela disse.

Eu ri, enrolando os cabelos em volta dela e transportando-a por cima da barreira de pedra para, em seguida, lenta e progressivamente, baixarmos na ravina. Os paredões estreitos ampliavam a luz do lampião, que lançava um brilho quente ao nosso redor, como se a própria lua nos acompanhasse.

— Por que você não me falou que estava comprando materiais? — ela perguntou.

— Você não me deu uma chance. Ela estava me ajudando com um presente para *você*, se quer saber.

— Que presente?

— Você vai ter que esperar para ver. Por falar nisso, você tinha razão. Preciso ser mais cuidadosa sobre quem convido para entrar no meu quarto. Há muito em jogo; mais do que eu tinha percebido.

— E você foi uma grande guerreira hoje — Cass disse. — Você *tem* bons instintos.

Andamos pela água na última curva da ravina, depois escalei o último cume. Deixei cair os cabelos para que Cass pudesse subir por ele. Nós duas ficamos em silêncio absoluto, maravilhadas, quando nos deparamos com a lagoa.

As estrelas-do-mar, que tínhamos visto tantas vezes antes, estavam acesas como lampiões em miniatura. Iluminavam o fundo da lagoa, até mesmo os cantos e recantos diminutos, de um modo que a luz do sol e o luar não conseguiriam. Era apenas no meio da escuridão total que elas brilhavam com tanta intensidade.

— Você as vê? — perguntei a ela.

— As pedras sob as joias… As tabuletas!

— Vamos pegá-las — eu disse, colocando o lampião sobre uma pedra.

— Não dá para colocar pressão sobre o tornozelo, mas consigo nadar — Cassandra disse.

Despimo-nos de nossas roupas de baixo e corpetes e mergulhamos.

Usando as estrelas-do-mar como guias, soltamos as tabuletas de pedra do fundo da lagoa e, em seguida, nadamos de volta até a superfície. Cassandra e eu segurávamos uma tabuleta cada e, depois, percebendo que já havia sido uma única pedra, nós as encaixamos como se fossem peças de um quebra-cabeça.

— “Que haja somente amor aqui” — Cassandra leu em voz alta, erguendo o lampião sobre a tabuleta. — Está assinada.

— “Shampanier, poeta e general” — eu disse. — Shampanier é a autora do poema! Este é um poema de amor, eu tinha razão! É um poema de amor sobre Shampanier e Herz Der Sonne!

— O que diz a outra metade? — Cassandra perguntou.

Peguei o dicionário de saporiano e esforcei-me ao máximo para traduzir.

— “Foi aqui que fizemos os votos para unir os nossos reinos. A paz é o nosso tesouro. Quando os opostos se unem em nome do amor e da bondade, a despeito de suas diferenças, expressam o poder máximo. Contanto que esta terra não seja perturbada, tampouco o será a paz do nosso país.”

— Talvez até tenham usado algumas pedras para a cerimônia, mas o tesouro é a paz — Cassandra disse.

— Eles se casaram em segredo aqui! — falei, incapaz de conter o entusiasmo. — É para isso que serve o altar.

— Veja! — Cassandra disse, virando as pedras interligadas. — Tem mais na parte de trás. — Estava em português. Ela leu em voz alta: — “Se alguém fizer esta descoberta, não a deixe escapar. Ofereça um objeto em sacrifício para vinculá-lo a este lugar, como nós, soberanos, sacrificamos as nossas armas. Faça este voto: aqui se encontra o nosso tesouro, unido com um abraço. Que não seja perturbado.”

— Eu também estava certa! — Cassandra disse. — Aqui deve ser o lugar onde eles se encontravam quando queriam ficar sozinhos. É onde deliberaram sobre suas opiniões políticas e renunciaram às suas armas.

— A ponta de lança. Era de Herz Der Sonne! Isso explica por que metade das mensagens foram escritas em português e metade em saporiano.

— Sinto que somos parte de algo maior — Cassandra disse.

— Sinto que sou parte de Corona. Talvez este seja o meu lugar.

— Claro que é — Cass falou, parecendo surpresa. — Você é a princesa.

— Esta é a primeira vez que sinto como se fosse — confessei, e a verdade das palavras acalmou meu coração. — Desvendar este mistério foi a minha verdadeira coroação.

Ela pensou a respeito.

— Então, o que vamos oferecer em sacrifício?

— As nossas pulseiras — respondi.

— Faz sentido, porque encontramos as pedras aqui.

— Devem ser devolvidas ao solo sagrado. E, de qualquer maneira, este é o único lugar em que elas brilham.

Corri até as rochas para pegar minha bolsa, entreguei para Cassandra a pulseira dela e, em seguida, estendi o punho para que ela desatasse a minha.

— Aqui se encontra o nosso tesouro, unido com um abraço; que não seja perturbado — dissemos em uníssono e, então, lançamos as pulseiras na lagoa.

— Bom, sei que você não é muito chegada em momentos melosos — eu disse —, mas acho mesmo que *temos* que nos abraçar agora.

— Tudo bem, tudo bem — Cass concordou. E assim fizemos. — Escute, Raps, você me deixou fazer as minhas coisas, praticando a Besta Alada. Sei que você também tem que fazer as suas coisas. Por exemplo, contar para José o que você tem para contar. Ou fazer uma nova amiga. Nós duas temos destinos a seguir. Eu não seria uma boa dama de companhia se a impedisse de seguir o seu.

— Cass, isso é a coisa mais bondosa, mais linda e mais fofa que alguém… — comecei. Antes que eu pudesse continuar, Cassandra pulou, levando-me com ela. Demos um grito de alegria ao cair na água.



35

CASSANDRA



—Mas o que todos esses soldados estão fazendo por aqui? — perguntei. Nós nos agachamos e nos escondemos atrás de um amontoado de árvores nos limites dos jardins do castelo. Meu tornozelo latejava. Tufos de neblina pairavam no ar de outono, e sentimos frio. A julgar pela cor arroxeada do céu, eram cerca de quatro da manhã.

— Estão procurando você — Rapunzel disse.

— Impossível. Estão aqui por causa do festival — falei, pensando em como faríamos para passar pelos soldados e entrar despercebidas nos nossos quartos.

— O festival terminou horas atrás.

Coruja, que havíamos mandado fazer um voo de reconhecimento da situação, pousou no meu braço.

— O que me diz, Coruja? Eles sabem que Raps está fora do castelo?

Coruja eriçou as penas e piou baixinho.

— Isso é um não — eu disse.

— Ah, legal! O meu plano com Dália funcionou! — Rapunzel exclamou.

— Então, todos esses soldados são por minha causa? — perguntei em voz baixa, sem realmente ter a intenção de falar em voz alta. Era difícil, para mim, conceber que tantas pessoas se importassem com a minha ausência.

— Claro que sim — Rapunzel respondeu, pegando o meu braço. — Cass, você não vê? Tantas pessoas se preocupam com você. Eu, seu pai, meus pais, Friedborg…

— Friedborg? — perguntei, arqueando uma sobrancelha. — Raps, dá um tempo.

— Tenho certeza de que ela estava preocupada! Sei que é provável que você não acredite em mim, mas José também estava preocupado.

— Você tem razão — eu disse, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Não acredito em você.

— Sei que José sabe ser irritante com você, mas ele não é tão ruim quanto você pensa. Ele é maravilhoso, na verdade. É gentil e prestativo, meigo e bonito…

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem! Já entendi o que você quis dizer!

— E, de qualquer maneira, você é a única outra pessoa em toda Corona que sabe a respeito do poder antigo — Raps disse. — Você pertence a este lugar tanto quanto eu. E sabe que não adianta discutir comigo sobre isso.

Ela tem razão, pensei. E isso era algo que em geral eu não gostava de admitir. Notei que seus pés descalços estavam cobertos de terra.

— Ei, quando você for rainha e eu, capitã da guarda, acha que poderemos tornar os saltos altos ilegais? — perguntei.

Ela riu.

— Não tenho certeza quanto a proibi-los, mas podemos lançar uma nova moda, sem dúvida.

Coruja piou, alertando-me de que alguém se aproximava. Agarrei o braço de Rapunzel e a puxei para baixo, nas sombras.

Sussurrei:

— Agora, vamos nos concentrar em entrar. Ou, pelo menos, em colocar *você* lá dentro.

— O que você quer dizer? Não vou sem você! — Rapunzel disse.

— Raps, se Coruja estiver certo e ninguém souber que você saiu, temos que garantir que você esteja de volta em seus aposentos o mais rápido possível, com segurança e discrição. Será melhor para todos nós.

— E você? — Raps perguntou.

— Vou me render. Qualquer que seja a punição por fugir, tenho que recebê-la.

— Somos um time. Vamos nos entregar juntas — Raps sugeriu.

— Não. Se fizermos isso, a punição será mais severa. Já era para você saber disso a essa altura. Além do mais, seus cabelos estão molhados. Vão fazer perguntas demais.

Rapunzel refletiu por uns instantes e depois concordou.

— Bom, qual é o plano?

— Se eu criar uma distração ao me entregar, o contingente de soldados ficará reduzido. Então, corra para o jardim embaixo da sua janela e aguarde até o caminho estar livre. Vou mandar Coruja avisar Pascal. Ele pode abrir a janela…

— E vou usar meus cabelos para subir de volta para o quarto — Rapunzel mordeu o lábio. — Dália ainda está lá, acho.

— Vamos ter que lidar com ela mais tarde — eu disse. — Quando amanhecer, talvez o seu “príncipe encantado” José possa acompanhar Dália de volta até o mercado, em segredo.

— Ele faria isso por mim. E por você.

— Só acredito vendo. Você está pronta? — perguntei.

Raps assentiu. Deitou-se rente à terra. Em seguida, levantei-me e caminhei em direção ao castelo, preparada para enfrentar o mundo.

36

RAPUNZEL



—Acho que estou começando a ter uma noção de como você se sentiu ao ficar trancada em uma torre por dezoito anos! — Dália disse depois de eu ter escalado todo o comprimento dos meus cabelos, rastejado pela janela e desabado no chão. Ela não estava deitada em minha cama fingindo ser eu, dormindo. Estava ocupada trabalhando, decorando um pedaço de madeira.

Pascal apontou para ela e revirou os olhos, exasperado. Era evidente que já estava cansado de Dália.

— Tecnicamente, foi só um dia — eu disse, puxando os cabelos com grande esforço. Se vinte e um metros já eram bastante para carregar, vinte e um metros de cabelo *molhado* pesavam uma tonelada. — Entendo que você esteja um pouco enlouquecida, mas não tenho certeza de que seja uma comparação precisa. — Tombei no chão ao puxar a última parte dos cabelos para dentro.

— Talvez você esteja certa — ela disse, com um suspiro. — Como artista, nem sempre percebo o tempo e o espaço de modo linear. E talvez você também não.

— O que você quer dizer? E, hum, o que está fazendo?

— Estou transferindo um dos seus desenhos para um pedaço de madeira usando uma cola especial.

— Oh…

— O seu estilo não respeita as regras. Veja este aqui, por exemplo — ela disse, segurando um dos desenhos que fiz de Cass. Eu tinha começado como um desenho, mas depois acrescentei tinta. — A imagem desperta sensações em mim, mesmo que eu não saiba a época ou mesmo o lugar. As suas pinceladas e a composição transmitem pura emoção.

— Mesmo? — perguntei, contemplando o retrato inacabado de nós duas.

— Tem riqueza de movimentos. É vibrante.

— Cass é assim.

— Mas não é só Cass — Dália disse. — Veja bem, tem a ver também com o que você sente quando está com ela, certo?

— Uau — falei. Apesar de ter passado inúmeras horas desenhando e pintando, totalmente absorvida no processo, nunca tinha conversado sobre isso com ninguém.

— Na minha mente, tudo isso se relaciona com o tempo e o espaço — Dália explicou.

— Acho que entendo aonde você quer chegar. Quer dizer, quando estou com Cass, e quando estou pintando, o tempo passa de modo diferente.

— Você é uma princesa incrível mesmo. Mas preciso sair daqui, de verdade. O meu espírito está, tipo, inquieto. — Ela apontou para a madeira. — Você se importa se eu deixar esta peça secando aqui, enquanto volto para a minha banca?

— Claro que não. De onde é a madeira?

— Era uma das prateleiras da sua estante. Você não se importa, não é? — Dália perguntou.

— Acho que não — respondi, olhando para a estante que José e eu havíamos planejado e que o carpinteiro real tinha construído, agora sem a prateleira de baixo. Dália tinha empilhado os livros que estavam ali de forma artística. De fato, ficaram bonitos, na horizontal, e os outros acima deles posicionados na vertical. E era óbvio que ela havia feito isso com esmero; as pilhas tinham sido organizadas por cor. — Mas da próxima vez seria melhor me pedir primeiro, tudo bem?

— Tudo bem — Dália disse, fechando a maleta de materiais e caminhando em direção à porta. — De qualquer modo, sabe, às vezes você precisa destruir uma coisa para que ela se torne o que realmente deseja.

— Espere! — eu disse. Ela ficou paralisada, e percebi que o tom agudo da minha voz a assustou. — Desculpe, Dália, mas ainda vamos ter que tirar você daqui furtivamente. — Olhei para fora da janela. Havia apenas alguns soldados, e estavam todos aglomerados junto à ponte levadiça.

Coruja voava em círculos. Eu sabia que o grupo havia se reunido para o retorno de Cassandra. Ela tinha se entregado. Uma sensação de alívio apoderou-se de mim. Cassandra estava de volta e não iria a lugar nenhum.

— Tudo bem. O caminho está livre. Mas você não pode sair andando pelo salão. Vai ter que sair pela janela — ponderei.

— Não tem problema. Se você puder apenas deixar essa peça secar durante a noite e depois levá-la até o mercado, seria ótimo. Gostaria de exibi-la — Dália disse. Pascal balançou a cabeça, saturado. Ela revelou-se bastante exigente. Mas tinha um ponto de vista interessante. Especialmente sobre arte.

— Farei o melhor que puder — eu disse.

O sol estava começando a subir, espreitando com raios vermelhos por cima das colinas ao longe.

— Ei, você já usou cabelo como material antes? — perguntei.

— Não.

— Bem, você está a ponto de descer pelos meus cabelos como se fossem uma corda. Isso vai oferecer uma nova perspectiva para você — eu disse.

E, mais uma vez, joguei os cabelos.

37

CASSANDRA



No dia seguinte, participei do chá com a família real, depois que os hervanianos despediram-se. Era evidente que Marie tinha se divertido tanto no festival — a demonstração de esgrima e a dança da revolução de *monsieur* LaFleur sendo os destaques — que eles insistiram em voltar no próximo grande festival coroniano. Não estava ansiosa para esse momento chegar, mas agora eu tinha assuntos mais importantes para tratar.

Cheguei ao chá real pontualmente às três horas. O rei, a rainha, Rapunzel e José estavam lá. Não entendia o motivo de ele precisar estar lá, mas, de novo, nunca entendi.

— Você nos deu um belo susto ontem à noite, sem dúvida, minha querida — a rainha Arianna disse, ao mesmo tempo que eu entrava no salão, mancando. Meu tornozelo ainda estava dolorido.

— Desculpe — falei, fazendo uma reverência do melhor modo que conseguia.

— Quando Rapunzel nos contou que você tinha fugido, ficamos arrasados — a rainha Arianna continuou, servindo o chá. Friedborg chegou com uma bandeja de bolinhos.

— Peço desculpas — reiterei.

Quando me entreguei, uma legião de soldados me levantou e entoou um canto de vitória. Eles me aclamaram tão alto que ainda estava soando nos meus ouvidos. Momentos depois, meu pai me abraçou com lágrimas nos olhos. Foi a primeira vez que o vi chorar. Depois, logo de manhã cedo, chegou um convite para o chá, escrito pela própria rainha.

— Cassandra, querida, você sabe que tem um lugar aqui em Corona — a rainha Arianna disse, colocando a mão afetuosa sobre a minha. Naquele instante, não pude deixar de notar que ela e Rapunzel tinham mãos idênticas: dedos longos, articulações proeminentes e mãos fortes. Raps, sentada do outro lado, apertou a minha outra mão.

— Um lugar muito importante — o rei disse, limpando a boca com um guardanapo. — Sabemos que seu título oficial é dama de companhia, mas, por causa do seu conjunto especial de habilidades…

— As suas habilidades extraordinárias de luta — Rapunzel ressaltou.

— E porque você é *você* — a rainha Arianna completou, chegando ao coração do assunto —, também pensamos que você pudesse ser a protetora de Rapunzel.

— Claro, *também* sou o protetor de Rapunzel — José falou. — Alguns podem até dizer que sou o *principal*. — Os olhos de José arregalaram-se e contive um sorriso. Sabia que Rapunzel provavelmente o tinha beliscado por baixo da mesa.

— Hum, não sei se alguém aqui notou, mas sou muito boa em me proteger — Rapunzel disse.

— Eu notei — falei. E virei-me para a rainha. — Sua filha é muito forte.

— Ninguém duvida das suas habilidades, Rapunzel — a rainha Arianna declarou. — Mas, neste mundo, precisamos cuidar uns dos outros. Uma equipe é mais forte do que uma pessoa só.

— Eu sei — concordei, olhando fixo para Rapunzel. Não pude evitar pensar nas palavras das tabuletas na lagoa. — Principalmente por isso, sinto muito por ter fugido. Por um período, achei que meu destino fosse partir.

— O chamado do destino é forte, pode ter certeza — a rainha Arianna disse. — Eu mesma o ouvi quando tinha a sua idade. Em vários pontos da vida, sentimos a necessidade de buscar e, talvez, o desejo de vagar. Se nossas vidas fossem apresentadas diante de nós em mapas perfeitos, como cresceríamos? Se não ansiássemos ou questionássemos, o que aconteceria com as nossas almas?

Balancei a cabeça, sem palavras.

— E, ainda assim, ironicamente, render-se ao seu destino, aquele que sente no fundo da alma, é o ato mais corajoso — o rei disse.

— Você pertence a este lugar, minha querida menina — a rainha Arianna disse.

— Junto com todos nós — Rapunzel acrescentou.

E eu sabia que estavam certos.

38



RAPUNZEL



—Aqui está a pintura que eu ia dar de presente antes de você ir embora — eu disse, entregando o retrato em forma de livro para Cassandra, depois do jantar.

— Essa sou eu? — ela perguntou, estudando o esboço.

— É. Estava trabalhando nele quando você decidiu fugir.

— Eu gosto. Você acha que posso ajudar a terminá-lo?

— Você quer fazer isso? — perguntei, surpresa. Cass nunca sentira interesse pela minha arte.

— Você me ajudou tanto com a Besta Alada que acho que está na hora de aprender um pouco sobre arte. Aposto que, se eu estudar para valer, vou aprender tanto quanto Dália — ela disse.

— Não quero que você seja como Dália — falei, montando o cavalete e abrindo os potes de tinta. — Ela tem muitas qualidades fantásticas e conhece muito sobre arte, mas prefiro passar o tempo com você. Pelo menos, a maior parte do tempo.

Cass nem sequer tentou esconder o sorriso. Entreguei a ela um pote com a tampa muito apertada, e ela abriu com facilidade. Eu me dei conta de que, embora ela nunca pedisse, precisava ser tranquilizada.

— Sabe, seus mapas são obras de arte.

— São documentos práticos — Cass disse.

— Seus mapas são as duas coisas! Por que você não vai buscá-los?

Ela foi e, assim que voltou, continuei.

— Estava pensando que, se eu combinasse o seu mapa da lagoa com os meus retratos, poderíamos criar algo verdadeiramente único e bonito.

— Acho que é meio perigoso ter um mapa para lugares secretos à vista por aí — Cassandra disse. — E se cair em mãos erradas?

As palavras que Dália havia dito me inspiraram. À*s vezes você precisa destruir uma coisa para que ela se torne o que realmente deseja ser.* Peguei uma tesoura de costura e cortei a tela onde estavam os nossos retratos.

— O que você está fazendo? — Cassandra perguntou.

— Estou fazendo arte — falei com orgulho. Usei um pouco de tinta para colocar as nossas pinturas no mapa, bem no lugar onde ficava a lagoa. — Veja, somos nós. Na lagoa. Aqui está — eu disse, e entreguei um pincel para Cassandra.

— O que eu faço com isso? — ela perguntou, segurando-o como se fosse um objeto exótico que poderia mordê-la.

— Desenhe o que você vê com seu coração. — Ela franziu o nariz para mim. Eu ri. — Certo, tudo bem. Basta pintar algo da lagoa.

Ela mergulhou o pincel no amarelo e desenhou um contorno em volta dos nossos corpos.

— Isso é a luz das pedras cintilantes? — perguntei. Ela fez que sim com a cabeça.

Misturei o azul com uma porção de preto e pintei redemoinhos para criar um tom de meia-noite. Em seguida, pintei sobre o mapa. Cassandra suspirou.

— A lagoa precisa ser mantida em segredo para honrar a nossa amizade — eu disse, enquanto cobria suas detalhadas e precisas linhas com uma camada grossa de tinta.

— E vamos proteger o reino — ela falou, levando o seu pincel para a tela.

O fogo crepitou na lareira. Nós trabalhamos até eu sentir no meu íntimo que a obra estava pronta. O mapa estava completamente

camuflado, mas nossos retratos estavam delineados em dourado. Parecia que estávamos dançando no ar. Juntas e livres.

